

PATRÍCIA MATTOS AMATO RODRIGUES

ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO, ASPECTOS JURÍDICOS E
JORNALÍSTICOS: A BUSCA POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO
SOCIAL DA PESSOA IDOSA

Tese apresentada à Universidade Federal
de Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção do
título de *Doctor Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

R696e
2018

Rodrigues, Patrícia Mattos Amato, 1977-
Envelhecimento e educação, aspectos jurídicos e
jornalísticos : a busca por direitos e participação social da pessoa
idosa / Patrícia Mattos Amato Rodrigues. – Viçosa, MG, 2018.
xiv, 204 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Simone Caldas Tavares Mafra.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Envelhecimento. 2. Direito à educação. 3. Idosos -
Educação. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 305.26

PATRÍCIA MATTOS AMATO RODRIGUES

ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO, ASPECTOS JURÍDICOS E
JORNALÍSTICOS: A BUSCA POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO
SOCIAL DA PESSOA IDOSA

Tese apresentada à Universidade Federal
de Viçosa, como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção do
título de *Doctor Scientiae*.

APROVADA: 11 de dezembro de 2018.

Eveline Torres Pereira
(Coorientadora)

Emília Pio da Silva

Karina Oliveira Martinho

Vanessa Aparecida Moreira de Barros

Simone Caldas Tavares Mafra
(Criadora)

Ao meu único filho **Sávio Amato Rodrigues**, esperando que um dia, quando estiver mais velho, entenda as razões de minha ausência frequente e dos momentos em que me fiz impaciente diante de pequenas travessuras. A ideia nunca foi atrapalhar sua infância...

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, força benigna do universo, por ter conduzido minha caminhada, dando-me a disposição, a persistência e a humildade necessárias para iniciar e concluir esta pós-graduação, tão desejada e de tamanha importância para a minha vida pessoal e profissional.

Ao meu filho **Sávio**, por ter sempre tentado compreender, ainda que nem sempre tenha conseguido, minhas ausências e impossibilidades.

Ao meu grande parceiro de vida **Alex**, por acreditar, torcer, contribuir e, principalmente, por cuidar do que tenho de mais precioso – **Sávio!** – nos momentos em que minha ausência foi inevitável.

À minha **mãe**, pelo carinho e pela torcida; e à **Lelé** pelas orações.

À **Simone Caldas Tavares Mafra** e à **Eveline Pereira Torres**, pelo estímulo, pela disponibilidade e cordialidade, pois, sem esse apoio e os ensinamentos de vocês, não seria possível chegar até aqui.

A todos que contribuíram positivamente para a realização deste trabalho, entre os quais destaco: os meus amigos **Gilson Soares Toledo e Ricardo Ferraz Braida Lopes, Ronan Leonardo Zampier e Sharinna Venturim Zanuncio**, pela torcida e pelo apoio; e ao meu diretor, **Professor Wagner Inácio Freitas Dias**, pelas concessões feitas quando se mostrava impossível conciliar a condição de discente com a de docente.

A todos os **professores** que se doaram e contribuíram para a minha formação.

A Idade de Ser Feliz

Existe somente uma idade para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los a despeito de todas as dificuldades e obstáculos.

Uma só idade para a gente se encontrar com a vida, viver apaixonadamente e desfrutar tudo com toda a intensidade e sem medo nem culpa de sentir prazer. Fases douradas em que a gente pode criar e recriar a vida à nossa própria imagem e semelhança e se vestir com todas as cores e experimentar todos os sabores e se entregar a todos os amores, sem preconceito nem pudor.

Tempo de entusiasmo e coragem, em que todo desafio é mais um convite à luta que a gente enfrenta com toda a disposição de tentar algo NOVO, de NOVO e de NOVO e quantas vezes for preciso. Essa idade tão fugaz na vida da gente chama-se PRESENTE e tem a duração do instante que passa.

Mário Quintana¹

¹ Poeta, tradutor e jornalista brasileiro considerado o “poeta das coisas simples”.

BIOGRAFIA

PATRÍCIA MATTOS AMATO RODRIGUES, primogênita do casal Vicente de Paulo Amato e Maria Aparecida Mattos Amato, nasceu em 25 de setembro de 1977, na cidade mineira de Ubá.

Concluiu o primeiro ciclo do ensino fundamental na Escola Estadual Anexa e o segundo ciclo no Colégio Sagrado Coração de Maria. Coursou o primeiro e o segundo ano do ensino médio no Colégio Anglo, em Ubá, MG, e o terceiro na Escola Cristo Redentor, em Juiz de Fora, MG, onde passou a residir em 1995.

Em 1996, iniciou o Curso de Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tendo se graduado em 2001.

Em 2004, especializou-se em Direito Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Casou-se com Alexandro Luís da Cunha Rodrigues, em setembro de 2005.

Em 2010, iniciou o Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), mesmo ano em que deu à luz a seu único filho Sávio Amato Rodrigues.

Profissionalmente, foi advogada, assessora jurídica e professora, sendo este último ofício que desempenha há 14 anos, desde 2004, na Fundação Presidente Antônio Carlos, de Ubá, MG.

Em 2014, ingressou no Programa de Pós-Graduação, em nível de Doutorado, no Departamento de Economia Doméstica da UFV, submetendo-se à defesa da Tese em 11 de dezembro de 2018.

É aluna, professora, coordenadora de curso, filha, esposa e mãe, tentando exercer a difícil tarefa de equilibrar todas essas funções.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS.....	x
RESUMO	xi
ABSTRACT.....	xiii
1. INTRODUÇÃO GERAL.....	1
2. REFERÊNCIAS	9
ARTIGO I.....	11
O DIREITO DA PESSOA IDOSA À EDUCAÇÃO FORMAL NO BRASIL: UM CAMINHO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	11
RESUMO	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
1. IDENTIFICANDO A PESSOA IDOSA: UMA CARACTERIZAÇÃO LEGAL E SOCIAL	15
2. ENVELHECER: UMA QUESTÃO SOCIAL RELEVANTE	19
3. A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL	23
4. O DIREITO À EDUCAÇÃO E A LEGISLAÇÃO ESPECIALIZADA NO ENVELHECIMENTO	29
5. EDUCAÇÃO E CIDADANIA	32
6. ACESSO DOS IDOSOS À EDUCAÇÃO: UM DIREITO FUNDAMENTAL.....	34

	Página
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36
ARTIGO II	40
A EDUCAÇÃO DE IDOSOS NA VEJA E NA FOLHA DE SÃO PAULO: DADOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA.....	40
RESUMO	40
ABSTRACT.....	41
INTRODUÇÃO.....	42
1. COMPREENDENDO O JORNALISMO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE	44
2. VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO ESCOLHIDOS.....	50
2.1. VEJA: resgate histórico e características discursivas	51
2.2. FOLHA DE SÃO PAULO: resgate histórico e características discursivas.....	53
3. METODOLOGIA.....	54
3.1. VEJA.....	55
3.2. FOLHA DE SÃO PAULO	56
4. ARTIGOS ENCONTRADOS	57
4.1. VEJA.....	57
4.2. FOLHA DE SÃO PAULO	57
4.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	58
4.3.1. EDUCAÇÃO RECREATIVA.....	61
4.3.2. EDUCAÇÃO FORMAL DE IDOSOS	63
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	66
REFERÊNCIAS DOS <i>CORPUS</i>	70
ARTIGO III	71
“VOVÔ É O BICHO” – A VISÃO DOS IDOSOS UNIVERSITÁRIOS E DE SEUS FAMILIARES ACERCA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	71
RESUMO	71
ABSTRACT.....	72
INTRODUÇÃO.....	73

	Página
1. ENVELHECIMENTO ATIVO E EDUCAÇÃO	75
2. AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO	78
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	80
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	84
4.1. FATORES RELEVANTES	86
4.1.1. FAMÍLIA: CLASSE 1	86
4.1.2. AMBIENTE ESCOLAR: Classe 3.....	89
4.1.3. O DIFERENCIAL ETÁRIO: Classes 1 e 2.....	95
4.2. CURSO SUPERIOR: Classe 4	101
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	105
REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i>	108
3. CONCLUSÃO GERAL	111
4. CAPÍTULO FINAL – Impressões do Pesquisador.....	114
ANEXOS	124

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ART – Artigo

CF – Constituição Federal

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – População Economicamente Ativa

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE – Plano Nacional de Educação

UNATI – Universidade Aberta para a Terceira Idade

RESUMO

RODRIGUES, Patrícia Mattos Amato, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2018. **Envelhecimento e educação, aspectos jurídicos e jornalísticos**: a busca por direitos e participação social da pessoa idosa. Orientadora: Simone Caldas Tavares Mafra. Coorientadora: Eveline Torres Pereira.

Dados estatísticos, ampla e sistematicamente divulgados, apontam para o envelhecimento da população mundial. Trata-se de um fenômeno novo, de repercussões múltiplas e intensas, representando um desafio tanto para sociedades desenvolvidas quanto para sociedades em desenvolvimento, a exemplo do Brasil. Diante de uma sociedade que vivencia um processo rápido de envelhecimento e que não se preparou para as demandas decorrentes do envelhecer, necessário se faz refletir acerca das demandas dos sujeitos envelhecidos. O envelhecimento, até pouco tempo, significou o “exílio”, impondo ao idoso viver excluído da sociedade. Contudo, com o avanço da ciência, esta etapa da vida começa a ser vivenciada com mais qualidade, pois os idosos brasileiros estão conscientes da necessidade de se manterem saudáveis, ativos e socialmente integrados. Ainda que a Educação seja relevante instrumento de promoção da cidadania e integração social, é incomum associá-la ao idoso, talvez pelo fato de o verbo aprender não ser, habitualmente, conjugado por pessoas idosas, mostrando-se necessário afastar os estereótipos do envelhecimento e da educação. O desafio a que

este trabalho se propôs foi conjugar as duas temáticas “envelhecimento” e “educação”. Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, com predomínio da análise qualitativa dos dados, desenvolvida em três artigos. Nos artigos, busca-se refletir sobre a importância da educação para o envelhecimento ativo e bem-sucedido. O primeiro propõe uma discussão acerca da educação enquanto direito fundamental da pessoa idosa; no segundo, discute-se a educação do idoso enquanto notícia ou a ausência desta no Jornal Folha de São Paulo e na revista semanal Veja, periódicos de maior tiragem nacional; e no terceiro se propõe a investigar a visão dos idosos universitários e de seus familiares acerca da educação superior na terceira idade. Os resultados apontam para um sujeito negligenciado em seu direito, que tem sua cidadania subjugada e restrita à conveniência dos mercados. Contudo, há uma demanda crescente de educação escolarizada entre os idosos brasileiros, fenômeno que aponta mudança de comportamento social importante, ainda que eles representem pequena parcela dos 30 milhões de idosos brasileiros.

ABSTRACT

RODRIGUES, Patrícia Mattos Amato, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2018. **Aging and education juridical and journalistic aspects:** the search for rights and social participation of the old person. Advisor: Simone Caldas Tavares Mafra. Co-Advisor: Eveline Torres Pereira.

Statistical data, widely and systematically disclosed, point to the aging of the world population. This is a new phenomenon, with multiple and intense repercussions, representing a challenge for both developed societies and developing societies, like Brazil. Faced with a society that experiences a rapid process of aging and has not prepared itself for the demands of aging, it is necessary to reflect on the demands of aging subjects. Aging, until recently, meant "exile", imposing on the elderly to live excluded from society, however, with the advancement of science, this stage of life begins to be lived with more quality, since the elderly Brazilians are aware of the need to remain healthy, active, and socially integrated. Although education is a relevant tool for promoting citizenship and social integration, it is unusual to associate it with the elderly, perhaps because the verb to learn is not usually conjugated by elderly people, showing that it is necessary to move away from stereotypes of aging and education. The challenge to which this work was proposed was to combine the two themes of "aging" and "education". This is an exploratory and descriptive research, with predominance of the qualitative analysis of the

data, developed in three articles. These articles seek to reflect on the importance of education for active and successful aging: the first proposes a discussion about education as a fundamental right of the elderly, the second discusses the education of the elderly as news or the absence of this in the *Jornal Folha de São Paulo* and the weekly magazine *Veja*, newspapers with the greatest national circulation, and the third aims to investigate the views of university students and their families about higher education in the third age. The results point to a subject neglected in his law, who has his citizenship subjugated and restricted the convenience of the markets. However, there is a growing demand for schooling among the Brazilian elderly, a phenomenon that indicates a significant change in social behavior, even though they represent a small part of the 30 million Brazilian elderly.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Dados estatísticos, ampla e sistematicamente divulgados, apontam para o envelhecimento da população mundial². Trata-se de um fenômeno novo, de repercussões múltiplas e intensas, representando um desafio tanto para sociedades desenvolvidas quanto para sociedades em desenvolvimento, a exemplo do Brasil (KALACHE, 1987).

Nesse sentido, apresenta-se o argumento da professora e pesquisadora Ana Amélia Camarano (2010, p. 15):

O envelhecimento populacional é uma consequência importante da dinâmica demográfica atual. Nos países desenvolvidos, esse processo já é parte da sua realidade há algumas décadas. Neles, construíram-se os alicerces de uma sociedade mais inclusiva e mais adequada à população idosa. Hoje, o envelhecimento também está em curso nos países em desenvolvimento, nos quais, apesar dos enormes avanços normativos e institucionais, muito ainda precisa ser feito para que a velhice seja associada não só a uma vida ativa e saudável, mas, igualmente, bem cuidada.

Apesar de universal, a transição demográfica apresenta feições muito variadas, sobretudo quando se comparam países em desenvolvimento com países desenvolvidos. Isso porque, nessas nações, os ganhos associados à

² Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2015, o envelhecimento populacional atinge países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo, por essa razão, classificado como fenômeno mundial. Dados e projeções apontam que em 2025 serão 1,2 bilhão de idosos, representando um aumento de 223% em pouco mais de 50 anos. Fonte: <<http://www.paho.org/bra>>. Acesso em: 28 set. 2016.

longevidade decorrem, historicamente, da melhor qualidade de vida, sendo um processo gradual e acompanhado do crescimento socioeconômico. Já nos países em desenvolvimento as conquistas médicas e tecnológicas foram importadas e implantadas, sendo, por essa razão, artificiais, à medida que não representam avanço autêntico das políticas públicas nacionalmente implementadas (KALACHE, 1987).

Ainda que os desafios sejam similares, não seria correto afirmar que as nações terão o mesmo grau de dificuldade no seu enfrentamento, pois os países desenvolvidos se consolidaram economicamente antes de envelhecerem, reunindo melhores condições para enfrentar os desafios impostos pela conquista da longevidade. Nesse sentido, para países em desenvolvimento como o Brasil, o desafio de se preparar socialmente para o envelhecimento populacional é ainda maior, pois se vive uma transição muito rápida do bônus para o ônus demográfico (KALACHE, 1987).

Necessário se faz esclarecer que o bônus, ou janela de oportunidade demográfica, ocorre enquanto o crescimento da população economicamente ativa (PEA) é superior ao da população total, havendo contribuição da demografia para a economia, à medida que se verifica declínio no percentual de cidadãos dependentes – crianças e idosos. Nesse contexto, é importante pensar e implementar políticas públicas destinadas a fazer que os países se aproveitem dessa janela de oportunidade demográfica para crescerem e enriquecerem, criando estrutura adequada para vivenciar o ônus demográfico do envelhecimento (OMS, 2015).

Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)³, o Brasil vive o bônus demográfico até 2030, devendo se preparar para um declínio na relação PEA/População total. Isso porque, em razão do aumento da expectativa de vida e da queda na taxa de fecundidade, o número de brasileiros dependentes (no caso, os idosos podem ser considerados parte desse extrato) irá aumentar exponencialmente a partir de então, implicando a necessidade de se repensar a sociedade e capacitá-la para atender aos novos desafios impostos pelo envelhecimento populacional.

³ <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/capt12_estrutura.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

Oportuno se faz o registro de que, historicamente, os idosos são associados à fragilidade e dependência. Assim, a crença comum é de que o declínio do vigor físico implicaria limitações e restrições físicas e psíquicas que desencadeariam isolamento social e tristeza, além de patologias, como a ansiedade e a depressão (OLIVEIRA et al., 2006).

O envelhecimento, até pouco tempo, significou o “exílio”, impondo ao idoso viver excluído da sociedade, sendo um fardo a ser suportado, nem sempre com resignação, por seus familiares (SILVEIRA, 2010). Contudo, com o avanço da ciência, essa etapa da vida começa a ser vivida com mais qualidade, suscitando uma série de investigações e debates acerca das perdas e ganhos decorrentes do envelhecer (RODRIGUES, 2011).

Para Guimarães (2006, p. 173), “Ao contrário do que normalmente se pensa em função dos preconceitos e da desinformação, as pessoas idosas não se caracterizam como penosas, apáticas e onerosas”. Para esse autor, os idosos brasileiros estão conscientes da necessidade de se manterem saudáveis, ativos e, socialmente, integrados.

A opção por ignorar, no decorrer de décadas, o crescimento vertiginoso desse segmento populacional trouxe sérios problemas para o Estado brasileiro e, por consequência, para os seus jurisdicionados. Isso porque não foram criadas políticas públicas que atendessem os membros da terceira idade de maneira eficiente. Nesse sentido, segue o argumento de Schimitt:

Um aspecto que merece atenção nos discursos sobre a velhice brasileira é que nossa população com mais de 60 anos deve ultrapassar os 13 milhões de habitantes, e com esse crescimento cresce também a atenção a essa parcela da população. Entretanto, a política social em relação aos idosos está longe de ser adequada. Fato que entra em discordância com os discursos proferidos pela mídia e até pelo poder público (SCHIMITT, 2006, p. 5).

Atento aos mesmos fatos e reflexos, Veras:

À desinformação, ao preconceito e ao desrespeito aos cidadãos da terceira idade, somam-se a precariedade de investimentos públicos para atendimento às necessidades específicas da população idosa, e mesmo de recursos humanos, tanto em quantidade como em qualidade (VERAS, 2009, p. 3).

Entretanto, pesquisas recentes vêm mostrando que a vida após os 60 anos não é mais vista como uma etapa de descanso e relaxamento ou como o fim de uma jornada, fase de decrepitudes, em que as decadências física, psicológica e social se mostram inevitáveis, mas como uma etapa de reinvenção e oportunidades, razão pela qual se convencionou denominá-la “melhor idade” (RODRIGUES, 2011).

O estereótipo do velho fadado ao paradoxo de viver esperando a morte chegar tem sido cada vez mais contestado e desacreditado. Isso porque a nova geração de idosos cresce e muda seus interesses, desejos, estilos de vida e atitudes, portando-se não mais como meros expectadores, mas como protagonistas de suas vidas e senhores de seus desejos (RODRIGUES, 2011).

Sievert e Vieira colocam em evidência tal mudança comportamental:

A nova geração de idosos não é mais como os idosos de alguns anos atrás, e provavelmente não será como os idosos do futuro. Ela vem se transformando, a cada dia, mudando seus costumes, gostos, interesses, hábitos, estilos de vida, atitudes de compra, desejos e expectativas. É, em sua grande maioria, uma geração com razoável poder aquisitivo, poder de decisão de compra cada vez maior, disponibilidade de tempo, preocupada com qualidade de vida, saúde e bem-estar. Enfim, preocupada em aproveitar melhor o seu tempo (SIEVERT; VIEIRA, 2006, p. 4).

Buscando “aproveitar melhor seu tempo”, muitos idosos continuam trabalhando, uma vez que se mantêm responsáveis pelo sustento de sua família; outros intensificam sua participação cívica como conselheiros, tesoureiros e presidentes de associações; outros ainda se dedicam à filantropia, à religião, aos grupos da terceira idade, às viagens. Enfim, buscam se manter ativos e integrados, não obstante serem invisíveis para grande parte da sociedade que só vê o que lhe interessa de forma direta ou o que o contexto indica que “deve” ser visto.

É incomum, porém, a associação do idoso à Educação, sobretudo, escolarizada, ainda que se dedicar a esta, de forma incontestada, seja a melhor forma de se aproveitar o tempo. De fato, a educação é fonte de informação e conhecimento, que sempre foi o “diferencial e determinante para a história da humanidade”, à medida que “quem o dominava, conseqüentemente ‘dominava outros povos’” (GOULART; STOBÄUS; MOSQUERA, 2012, p. 79).

Ferreira e Silva (2012, p. 31) destacaram que “um dos principais benefícios para os envolvidos na ação educativa é o do entendimento de si como sujeito dentro do seu contexto social e esta compreensão corresponde a um aspecto fundamental para o desenvolvimento humano”.

Talvez porque o retorno aos bancos escolares seja algo associado à infância e à juventude, e poucos são os idosos que se propõem a iniciar ou continuar sua formação educacional. De fato, o verbo aprender não é, habitualmente, conjugado por pessoas idosas, sendo necessário romper essa barreira de preconceito e afastar os estereótipos do envelhecimento e da educação.

Ainda que o Brasil tenha 11,5 milhões de analfabetos e que a maior parte destes seja composta por idosos⁴, parece incoerente não se investigar o acesso e a permanência do idoso à educação, sobretudo quando a sociedade, por imperativos de ordem econômica e fiscal, se vê diante da necessidade de postergar aposentadorias e fomentar a reinserção de aposentados no mercado de trabalho.

De fato, este estudo trata de uma pequena parcela dos idosos brasileiros que, ou se escolarizaram na infância e juventude e querem dar continuidade à educação formal ou que não tiveram acesso a ela, mas agora demandam esse direito fundamental.

É necessário perceber a educação como fonte de promoção da cidadania, através da gama de relacionamentos e da construção de saberes reflexivos que suscita. Negar, restringir ou dificultar o acesso dos idosos a este direito é, portanto, discriminá-los e condená-los ao ostracismo social.

O desafio a que este trabalho se propõe consiste em conjugar as duas temáticas “envelhecimento populacional” e “educação”. Para tanto, três artigos buscam refletir acerca da pessoa idosa como detentora do direito à educação.

O primeiro artigo⁵ discute, à luz do Ordenamento Jurídico Brasileiro, a educação como direito fundamental do idoso. O argumento que perpassa a construção do texto é de que o “envelhecimento” e a “educação” são

⁴ Pnad Contínua (2017).

⁵ O direito da pessoa idosa à educação formal no Brasil: um caminho para o exercício da cidadania.

realidades que devem estar associadas em prol da cidadania da pessoa idosa.

A construção deste artigo deu-se a partir de uma caracterização legal e social da pessoa idosa, passando por considerar o envelhecimento como questão social relevante e a educação com direito fundamental de todos. Foram apresentadas as bases normativas necessárias à discussão do acesso à educação formal escolarizada pelos idosos brasileiros e por sua importância para a construção da cidadania.

Considerando a importância da mídia e da sua capacidade de influenciar e modificar a realidade social, o segundo artigo⁶ propôs-se investigar a educação de idosos enquanto notícia ou a sua ausência, utilizando a revista *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo* como instrumentos de análise. Acredita-se que, por serem os periódicos com maior tiragem nacional, essas mídias tenham maior influência sobre a percepção dos brasileiros.

Inicialmente, considerou-se a atividade jornalística, investigando suas características, alcance e limitações. Em sequência, empreendeu-se um resgate histórico e apresentaram-se as características discursivas dos veículos de mídia impressa escolhidos. Para alcançar o objetivo proposto, empreendeu-se uma pesquisa aos acervos digitais dos periódicos investigados. As matérias encontradas que envolviam as temáticas “envelhecimento” e “educação” foram analisadas, e os resultados fomentaram discussões e reflexões.

O terceiro artigo⁷ buscou identificar a visão dos idosos universitários e de seus familiares acerca da “educação superior na terceira idade”. O referencial teórico foi construído a partir dos temas: envelhecimento ativo e Universidades Abertas para a Terceira Idade. Para a consecução do objetivo proposto, foi empreendida a análise das falas de idosos universitários e de seus familiares. Metodologicamente, trata-se de pesquisa **exploratória** e **descritiva**, com predomínio da **análise qualitativa** dos dados, desenvolvida em três artigos.

⁶ A Educação de idosos como notícia na *Veja* e na *Folha de São Paulo*: dados para uma análise crítica.

⁷ *Vovô é o bicho*. A visão dos idosos universitários e de seus familiares acerca da educação superior.

Exploratória, pois tem por objetivo investigar temas já exaustivamente pesquisados, mas a partir de um enfoque novo, relevante, contextualizado e diferenciado, trazendo o ineditismo que se espera de uma tese. De fato, muitos estudos dedicam-se às temáticas da educação e do envelhecimento, contudo ainda são poucos os que se propõem conjugá-las, sobretudo tendo como enfoque o idoso como sujeito do processo educacional.

Descritiva, pois se propõe apresentar: a realidade normativa acerca da educação de idosos no Brasil, o tratamento dado ao tema pelos principais veículos da mídia impressa brasileira, bem como as representações dos idosos universitários e seus familiares acerca da educação superior na terceira idade, não compreendendo a proposta de investigar a evolução ou mudanças dessas representações.

Já a opção pela **abordagem qualitativa** do tipo **documental** mostra-se compatível com os objetivos propostos, pois nessa perspectiva a educação de idosos pode ser mais bem compreendida no contexto da sociedade brasileira contemporânea, devendo ser analisada numa perspectiva integrada.

Como destaca Godoy (1995, p. 20) “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

Necessário se faz que o pesquisador capte o fenômeno em estudo a partir das perspectivas das instituições e pessoas nele envolvidas, considerando todos os aspectos relevantes para a compreensão da dinâmica do fenômeno. Não se pretende afastar a subjetividade do pesquisador, sendo necessário apenas submetê-la ao controle de um método.

Por derradeiro, relevante se faz registrar:

Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e, ou,

interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental (GODOY, 1995, p. 21).

Para a consecução dos objetivos propostos nos três artigos que compõem esta tese, utilizaram-se documentos de natureza diversa, como: leis, dados estatísticos, artigos veiculados em jornais e revistas, além de entrevistas publicadas em um portal de notícias brasileiro. Acredita-se que a pluralidade e a diversidade do material analisado tenham contribuído para uma compreensão mais ampla da investigação e dos resultados encontrados.

A coleta e a análise dos dados foram empreendidas de diferentes formas em cada um dos artigos apresentados, razão pela qual se optou por detalhá-las singularmente em item próprio de cada um dos trabalhos.

O resultado final deste estudo aponta o idoso como sujeito negligenciado em seu direito à educação, mas também registra um processo de mudança e a necessidade de intervir positivamente para romper paradigmas limitantes e de exclusão do idoso.

2. REFERÊNCIAS

CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. da. Uma leitura da Educação e do ensino. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOULART, D.; STOBÄUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. Inclusão digital na adultez tardia e o reencantamento da aprendizagem. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

GUIMARAES, J. R. S. **Envelhecimento populacional e oportunidades de negócios: um estudo de caso do potencial de mercado da população idosa**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas3/demographicas3artigo6_167a185.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

KALACHE, A. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 3, p. 217-220, 1987.

OLIVEIRA, K. L. et al. Relação entre ansiedade, depressão e desesperança entre grupos de idosos. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 351-359, 2006.

OMS. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. World Health Organization. Trad. por Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.: il.

RODRIGUES, P. M. A. **As representações sociais do consumidor idoso acerca das normas que tutelam o consumo na terceira idade**. 211. 92 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2011.

SIEVERT, M.; VIEIRA, T. J. **Nova geração de idosos**: um consumidor a ser conquistado. 2006. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/63/nova_geracao_de_idosos.pdf>. Acesso em: 3 maio 2018.

SILVEIRA, M. M. et al. Educação e inclusão digital para idosos. **Novas tecnologias na educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010.

SCHMITT, J. A. M. Z. **Histórias e publicações sobre a velhice no Brasil**. Disponível em: <http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos/artigo_jaquelinezarbatoschmitt.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

VERAS, R. P. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009.

ARTIGO I

O DIREITO DA PESSOA IDOSA À EDUCAÇÃO FORMAL NO BRASIL: UM CAMINHO PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

RESUMO – O envelhecimento da população é uma realidade brasileira e mundial. Atualmente, nossos idosos representam um contingente de 26 milhões de pessoas, podendo chegar a 37,9 milhões em 2027. A eles foram assegurados, pela Constituição Federal de 1988 e por leis especiais, os direitos necessários a uma vida digna e a uma participação social cidadã. Nesse contexto, o direito à educação apresenta-se como importante instrumento na construção da cidadania e na promoção da dignidade humana, razão pela qual este estudo busca investigar a importância do acesso à educação formal para a promoção da cidadania do idoso. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com coleta documental e bibliográfica dos dados. Os resultados apontam um sujeito negligenciado, que não se faz presente na pauta das políticas educacionais, sendo necessário pensar o idoso como detentor do direito à educação e formular políticas públicas de acesso e permanência para assegurar o exercício desse direito.

Palavras-chave: Envelhecimento. Educação. Direito à Educação. Cidadania.

ABSTRACT – The aging of the population is a Brazilian and worldwide reality. Currently the Brazilian elderly represent a contingent of 26 million people, reaching 37.9 million in 2027. The Brazilian elderly were assured, through the Federal Constitution of 1988 and of special laws, the necessary rights to a dignified life and to a citizen's social participation. In this context, we discuss the right to health, the right to leisure, to accessibility, but little is said about the right to education, although this is a fundamental right of recognized relevance; which is why this study seeks to investigate the importance of access to formal education for the promotion of citizenship of the Brazilian elderly. This is a qualitative, descriptive and exploratory research, with documentary and bibliographic data collection. The results point to a neglected subject, which is not present in the educational policy agenda, and it is necessary to think of the elderly as having the right to education and to formulate public policies of access and permanence to ensure the exercise of this right.

Keywords: Aging. Education. Right to education. Citizenship.

INTRODUÇÃO

Dados estatísticos, ampla e sistematicamente divulgados, apontam para o envelhecimento da população mundial⁸. Trata-se de fenômeno novo, de repercussões múltiplas e intensas, representando desafio tanto para sociedades desenvolvidas quanto para sociedades em desenvolvimento, a exemplo do Brasil.

De fato, em pouco mais de três décadas o número de idosos brasileiros será triplicado⁹, deixando de ser conhecido como o “país do futuro” para se tornar um “jovem país de cabelos brancos”, na feliz expressão de Veras¹⁰. Projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2025 o Brasil terá aproximadamente 32 milhões de pessoas na terceira idade – isto é, acima dos 60 anos –, o que representará 15% da população, colocando o país em sexto lugar no *ranking* mundial em número de idosos.

Os números do envelhecimento populacional refletem transformações sociais igualmente expressivas e rápidas; entre as quais, as mudanças na nupcialidade com a postergação dos matrimônios, a queda da fecundidade e o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho merecem destaque (CAMARANO, 2010).

A importância de estudar o envelhecimento no Brasil não se limita ao impacto dos números. Como bem adverte Ramos (2014, p. 21), “os velhos não são apenas uma questão numérica, mas especialmente uma questão social, motivo pelo qual o envelhecimento populacional precisa ser analisado com muita cautela”.

A preocupação em melhor entender o processo de envelhecimento, bem como otimizar a qualidade de vida dos idosos, é cada dia mais

⁸ Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento populacional atinge países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo, por esta razão, classificado como fenômeno mundial. Dados e projeções apontam que em 2025 serão 1,2 bilhão de idosos, representando um aumento de 223% em pouco mais de 50 anos. Fonte: <<http://www.paho.org/bra>>. Acesso em: 28 set. 2017.

⁹ Nos últimos 60 anos, o número absoluto de pessoas com mais de 60 anos aumentou nove vezes. Em 1940, era de 1,7 milhão e em 2000, 14,5 milhões. Projeta-se para 2020 que um contingente de aproximadamente 30,9 milhões de brasileiros terá mais de 60 anos, segundo Beltrão, Camarano e Kanso (2004).

¹⁰ Renato Peixoto Veras, médico e diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade, autor do livro “País jovem com cabelos brancos”.

frequente e investigada em caráter multidisciplinar (SILVA, 2011), sendo também objeto de produção legislativa especializada.

No Brasil, além das garantias constitucionais¹¹, os direitos dos idosos encontram-se assegurados por leis especiais, notadamente pela Lei nº 8.842/1994 (dispõe sobre a Política Nacional do Idoso) e Lei nº 10.741/2003 (Estatuto do Idoso). Tais diplomas normativos reconhecem a necessidade de oportunizar às pessoas idosas todas as formas de interação social e de desenvolvimento pessoal oferecidas aos integrantes de outras faixas etárias.

Nesse contexto, merece especial destaque o direito à educação, sendo necessário percebê-lo como fonte de promoção da cidadania, por meio da gama de relacionamentos e da construção de saberes reflexivos que ela suscita. O direito à educação cumpre, assim, relevante propósito social à medida que promove a dignidade da pessoa humana.

Segundo Vogt e Alves (2005, p. 196), “A educação tem sido parte integrante da cultura em qualquer época da história”. Sobretudo após a industrialização, há consenso mundial acerca da necessidade de se oportunizar a todos o acesso à educação escolar, sendo o serviço cada vez mais consumido e tendo papel decisivo no desenvolvimento econômico e social de uma nação.

Afirma-se, com base na Carta Magna de 1988, que o direito à educação é direito fundamental, o que significa dizer que se trata de direito a serviço da dignidade da pessoa humana. A educação é direito de todos e pode contribuir para a manutenção e reinserção do idoso na sociedade. Por essa razão, este estudo qualitativo, descritivo e exploratório tem como objetivo investigar a importância do acesso à educação formal para a promoção da cidadania do idoso brasileiro, por meio da pesquisa bibliográfica e documental.

Segundo Bezerra, Almeida e Therrien (2012), os estudos acerca do envelhecimento populacional e das suas consequências nas nações em desenvolvimento são centrados em abordagens relacionadas às condições de saúde, aposentadoria e arranjos familiares. Seale e Kops (2012) enfatizam a escassez de pesquisas sobre idosos que participam de

¹¹ Artigos 1º, 14, 40, 201, 203, 229 e 230 da Constituição Federal Brasileira de 1988.

atividades educacionais, não obstante serem estas atividades oferecidas e desenvolvidas em ambiente acadêmico, vocacionado à pesquisa.

Tal panorama indica que as grandes temáticas “educação” e “envelhecimento” ainda carecem de exploração conjunta, o que aponta para a utilidade e originalidade da pesquisa.

Como identificar a pessoa idosa diante das múltiplas velhices? Qual nomenclatura utilizar para tratar tecnicamente o sujeito que envelhece e o processo por ele vivenciado? Quais são seus direitos? A educação é um deles? O direito à educação dos idosos está contemplado de forma suficiente e coesa na legislação nacional especializada? O que dizem os indicadores estatísticos? Envelhecimento e educação são realidades que se somam em prol da cidadania da pessoa idosa ou se repelem, demonstrando a negligência das políticas públicas educacionais? Essas questões orientaram o estudo e, para respondê-las, fez-se necessário identificar a pessoa idosa e contextualizá-la.

7. IDENTIFICANDO A PESSOA IDOSA: UMA CARACTERIZAÇÃO LEGAL E SOCIAL

Estabelecer e identificar, na sociedade atual, quem é “idoso” consiste em tarefa complexa e com alto grau de falibilidade. Isso porque o conceito de pessoa idosa varia, dependendo dos critérios adotados e da sociedade em que esse sujeito se encontra inserido.

Martinez (2012) aponta cinco critérios para identificação da pessoa idosa: o cronológico, o psicobiológico, o econômico-financeiro, o social e o legal. Explica o jurista que, para o critério cronológico, pessoa idosa é quem contabiliza e comprova, pela via documental, vários anos de vida, enquanto para o critério psicobiológico são ressaltadas as condições mentais e biológicas dos indivíduos, independentemente do número de anos aferidos documentalmente. O primeiro critério é objetivo e, por essa razão, fácil de ser utilizado, e o segundo é marcado pela subjetividade, estando a sofrer significativas variações, a depender de cada indivíduo, da sua ancestralidade e de sua história de vida. O terceiro critério parte do falso pressuposto de que toda pessoa idosa é hipossuficiente em termos

econômicos, necessitando, por essa razão, de amparo e proteção financeira dos mais jovens, da família e do Estado. O critério social caracteriza a pessoa idosa de acordo com o ambiente e as relações sociais que vivencia e, por derradeiro, o critério legal entende por pessoa idosa aquele assim estabelecido na lei vigente em determinado local e tempo.

Ramos (2014) apresenta classificação mais concisa em que identifica como critérios de caracterização da pessoa idosa o cronológico, o fisiológico e o subjetivo. O primeiro é alcançado quando se atinge certa idade (no Brasil, 60 anos), o segundo refere-se ao declínio funcional do organismo e o terceiro, quando há autopercepção da velhice.

Pela proximidade dos argumentos, invoca-se Bobbio¹²(1997), que propõe três parâmetros para fins de identificação do idoso, a saber: o cronológico ou censitário, o burocrático e o psicológico ou subjetivo. O primeiro e o segundo são formais e generalistas, posto não se atentarem para as particularidades do indivíduo, mas apenas para a quantidade de anos por ele vividos e para o acesso a benefícios disponibilizados pelo Estado e pela iniciativa privada, como aposentadoria, passe livre nos transportes coletivos, prioridade nas filas e meia-entrada em eventos culturais. O terceiro parâmetro é de ordem subjetiva, pressupondo o autorreconhecimento do sujeito como idoso, sendo assim vivenciado pelo jurista.

A objetividade do parâmetro cronológico ou censitário, ainda que criticável por não se atentar para o curso de vida dos sujeitos desenvolvidos, é a mais utilizada pelas legislações, por oferecer segurança jurídica, dando a garantia necessária ao desenvolvimento das relações sociais.

Dando destaque para as limitações do critério cronológico/legal, Mascaro (1997, p. 30) reconhece que “o principal critério estipulado para situar as categorias etárias é a data de aniversário das pessoas, embora seja um indicativo grosseiro do envelhecimento, visto que é um processo biológico, psicológico, sociológico e cultural”.

¹² Filósofo e historiador político, cuja obra tem grande relevância para as ciências sociais, sobretudo pela lógica, densidade e concisão.

Nesse sentido, Diniz (2011, p. 6) afirma que “no caso do Brasil, o estabelecimento da velhice se dá através do critério cronológico, adotado pela lei”.

A opção legal brasileira pelo critério cronológico remonta ao período do Império. De fato, merece registro que em 28 de setembro de 1885 foi promulgada a Lei nº 3.270, conhecida como Lei dos Sexagenários. Tratava-se de Lei Abolicionista¹³ que determinava que os escravos, ao completarem 60 anos, seriam libertos sob a condição de trabalharem por mais três anos para indenizarem os ex-senhores pela alforria que lhes seria concedida.

Art. 3º § 10. São libertos os escravos de 60 anos de idade, completos antes e depois da data em que entrar em execução esta Lei; ficando, porém, obrigados, a título de indenização pela sua alforria, a prestar serviços a seus ex-senhores pelo espaço de três anos (BRASIL, 1885).

Diante das péssimas condições em que viviam, poucos eram os escravos que conseguiam chegar aos 60 anos de idade, e os que chegavam e eram “beneficiados” pela alforria se deparavam com a penúria à medida que, libertos, não tinham condições mínimas de sobrevivência (alimento e teto). Deixavam a condição de escravos para se transformarem em mendigos, uma vez que o amparo previsto no §13 do Art. 3º da referida lei era negligenciado pelos senhores donos de escravos.

Art. 3º, § 13 – Todos os libertos maiores de 60 anos, preenchido o tempo de serviço de que trata o § 10, continuarão em companhia de seus ex-senhores, que serão obrigados a alimentá-los, vesti-los, e trata-los em suas moléstias, usufruindo os serviços compatíveis com as forças deles, salvo si preferirem obter em outra parte os meios de subsistência, e os Juízes de Orphãos os julgarem capazes de o fazer (BRASIL, 1885).

A Lei nº 10.741/2003 – Estatuto do Idoso –, em seu primeiro artigo, estabelece o marco etário de 60 anos para a identificação do sujeito idoso no Brasil, seguindo o mesmo parâmetro da Lei nº 8.842/1994, que estabelece a Política Nacional do Idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso.

¹³ Para muitos, a referida lei não tinha ideais abolicionistas; ao contrário, visava aplacá-los à medida que criava uma falsa percepção de evolução no tratamento da questão escravocrata brasileira.

O critério adotado pela legislação brasileira especializada mostra-se coerente com o disposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁴, que em 1963 empreendeu a divisão das faixas etárias, considerando como de “meia idade” os indivíduos de 45 a 59 anos, “idosos” aqueles compreendidos na faixa etária dos 60 aos 74 anos, “anciãos” os de 75 a 90 anos e “velhice extrema” acima dos 90 anos.

Vieira e Nascentes (2004) fazem registro de que no Brasil, em 1930, eram consideradas idosas as pessoas com mais de 50 anos de idade e, em 1945, o marco etário já teria alcançado os indivíduos a partir dos 60 anos. A própria OMS, que em países em desenvolvimento identifica o idoso a partir dos 60 anos de vida, nos países desenvolvidos sobe o marco etário para 65, evidenciando a necessidade de contextualizar o indivíduo.

Mesmo o Estatuto do Idoso, ainda que fiel ao critério cronológico, estabeleceu duas categorias de beneficiários: a dos maiores de 65 anos, que gozam de todos os direitos do Estatuto, inclusive do benefício assistencial do LOAS¹⁵ e da gratuidade dos transportes coletivos¹⁶; e outra, na faixa etária compreendida entre os 60 e os 65 anos, beneficiária dos direitos remanescentes: alimentos¹⁷, atendimento de saúde prioritário¹⁸, acompanhante em caso de internação¹⁹ e vagas prioritárias para estacionamento de veículos²⁰, além de prioridade na tramitação de processos judiciais e administrativos²¹.

¹⁴ Dados disponíveis em: <<http://gerontounivali.wordpress.com/conceito-de-idoso>>. Acesso em: 2 maio 2018.

¹⁵ Art. 34. Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS.

¹⁶ Art. 39. Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semiurbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.

¹⁷ Art. 11. Os alimentos serão prestados ao idoso na forma da lei civil.

¹⁸ Art. 15, § 4º. Os idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante terão atendimento especializado, nos termos da lei.

¹⁹ Art. 16. Ao idoso internado ou em observação é assegurado o direito a acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar as condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo o critério médico.

²⁰ Art. 41. É assegurada a reserva para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.

²¹ Art. 71. É assegurada a prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais em que figure como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em qualquer instância.

Dada a variedade de critérios para fins de identificação da pessoa idosa, bem como a mutabilidade deles em razão do tempo e do lugar e considerando ainda que as condições de vida da população exercem influência direta no critério adotado, tem-se justificada a impossibilidade de oferecer uma regra geral que contemple, de forma satisfatória, todos os indivíduos.

8. ENVELHECER: UMA QUESTÃO SOCIAL RELEVANTE

Ramos (2014), trabalhando a gênese da ideia de velhice, afirma que o ciclo de vida humano compreende o nascimento, o crescimento ou desenvolvimento, a maturidade e a morte. Entretanto, segundo esse mesmo autor (p. 12), essas etapas da vida “não eram, até antes da consolidação do modelo de sociedade capitalista, objeto de saberes”. Sobre a velhice não incidia nenhum valor, nenhum discurso, nenhum saber, nenhuma preocupação. Não era tema de relevância.

A finitude é um dado da natureza humana; no dito popular, trata-se da única certeza da vida. Contudo, a duração da vida não era preocupação das sociedades pré-industriais²², pois o número maior ou menor de anos vividos em nada mudava o desenvolvimento e as possibilidades de acesso dos indivíduos. De fato, vivendo numa sociedade sem mobilidade social, ser nobre ou ser servo era condição dada pelo nascimento, inquestionável e imutável.

O que se quer evidenciar é a ausência de motivação social para viver mais, pois a quantidade de tempo vivido não teria nenhuma interferência na qualidade de vida.

Outros importantes fatores a serem considerados são as péssimas condições sanitárias e as limitações médicas e farmacológicas, que, conjuntamente, contribuíam para que poucos indivíduos chegassem à condição de idosos.

Sendo vivenciada por poucos, a velhice era tratada como condição biológica do indivíduo. Era benesse ou calvário privado, que deveria ser

²² Denominação que faz referência à forma de organização econômica das sociedades anteriores à Revolução Industrial.

administrado por cada família que o vivenciava. Não havia, portanto, mobilização social em torno do processo de envelhecimento.

Com o processo de industrialização surgem a figura do burguês e, com a prática comercial, a possibilidade de ascender socialmente. Para essa nova classe social, a duração da vida passou a ser preocupação, pois, quanto mais se vivia, mais tempo se tinha para avançar econômica e socialmente.

Viver mais tempo passa a ser objeto de desejo e, para alcançá-lo, são feitos investimentos na melhoria das condições sanitárias das cidades e no desenvolvimento de fármacos e da tecnologia médica. O resultado é significativo, e o aumento da expectativa de vida é crescente, fazendo que o envelhecer deixe a condição de fenômeno exclusivamente biológico e passe à condição de fenômeno socialmente relevante.

Também merece registro o fato de que a industrialização trouxe consigo a crescente especialização do processo produtivo, tornando necessário investir na capacitação de mão de obra. Quanto mais tempo durassem as aptidões dos indivíduos para o trabalho, melhores seriam os resultados dos investimentos, o que justifica a preferência pela mão de obra mais jovem em detrimento da dos mais velhos. Assim, o processo de industrialização contribuiu para a valorização do novo e para a depreciação do velho, associando-se os atributos de capacidade e disposição para o trabalho aos jovens e a incapacidade e letargia aos velhos.

O desenvolvimento da medicina ganha especial importância à medida que favorece e propicia o aumento da capacidade produtiva e da “vida útil” do trabalhador, tornando o discurso médico de grande interesse econômico e, desde então, assegurando *status* a esses profissionais.

A ideia de faixas etárias, de fases de vida, é apontada como necessidade de sistematização do discurso médico. Para Ramos (2014, p. 24), “as etapas etárias do homem foram atribuídos valores diferenciados, de acordo com sua utilidade para a produção e reprodução da riqueza”.

A existência de crescente número de velhos nas famílias e a incapacidade econômica de grande parte delas para gerir a situação de dependência e as necessidades de seus idosos transformaram o envelhecimento em relevante questão social.

As famílias e os próprios idosos passaram a demandar do Estado políticas públicas específicas, destinadas a assegurar dignidade aos cidadãos que envelhecem.

A resposta institucionalizada do Estado vem sendo construída em ritmo lento e inconstante, e as nações desenvolvidas, por terem envelhecido depois de crescerem e de forma mais gradativa, têm conseguido oferecer melhores respostas às lutas políticas destinadas à garantia da dignidade do idoso.

De fato, apesar de universal, a transição demográfica apresenta feições muito variadas, sobretudo quando se comparam países em desenvolvimento com países desenvolvidos, pois nestes os ganhos associados à longevidade decorrem, historicamente, de melhor qualidade de vida, sendo esse um processo gradual e acompanhado de crescimento socioeconômico. Já nos países em desenvolvimento as conquistas médicas e tecnológicas foram importadas e implantadas, sendo, por essa razão, artificiais à medida que não representam avanço autêntico das políticas públicas nacionalmente implementadas (KALACHE, 1987).

Brito (2008, p. 12), em importante artigo acerca das peculiaridades da transição demográfica brasileira, ressalta que “os países desenvolvidos, quando estavam na fase atual da transição demográfica brasileira, tinham não apenas uma economia com crescimento sustentado, mas também um Estado do bem-estar social consolidado”.

Nesse sentido, para países em desenvolvimento como o Brasil, o desafio de se preparar socialmente para o envelhecimento populacional é ainda maior, pois se vive uma transição muito rápida do bônus para o ônus demográfico.

Necessário se faz esclarecer que o bônus, ou janela de oportunidade demográfica, ocorre enquanto o crescimento da população economicamente ativa (PEA) é superior ao da população total, havendo contribuição da demografia para a economia à medida que se verifica declínio no percentual de cidadãos dependentes – crianças e idosos. Nesse contexto, é importante pensar e implementar políticas públicas destinadas a fazer que os países se aproveitem dessa janela de oportunidade demográfica, de maneira a crescer

e enriquecer, criando estrutura adequada para vivenciar o ônus demográfico do envelhecimento (OMS, 2005).

Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)²³, o Brasil viverá o bônus demográfico até 2030 e deve se preparar para um declínio na relação PEA/População total. Isso porque, em razão do aumento da expectativa de vida e da queda na taxa de fecundidade, o número de brasileiros dependentes (no caso, os idosos podem ser considerados parte desse extrato) irá aumentar exponencialmente a partir de então, implicando a necessidade de se repensar a sociedade e capacitá-la para atender aos novos desafios impostos pelo envelhecimento populacional.

Sem dúvida, uma grande questão social que já se põe e que foi exaustivamente discutida no último ano diz respeito à necessidade de se empreender uma Reforma Previdenciária no Brasil. A justificativa é o envelhecimento populacional, posto que o número de idosos com direito à aposentadoria e a duração do benefício têm aumentado muito mais que o número de jovens que são absorvidos pelo mercado de trabalho e que dão suporte econômico ao pagamento dos benefícios. Contudo, é necessário dizer que os idosos brasileiros não têm a mesma origem e histórico de vida, são pessoas díspares, oriundas de regiões e classes sociais muito distintas. A imensa desigualdade social vivida também em outras fases – infância, adolescência, juventude e vida adulta – impõe velhices diferentes aos brasileiros.

Inserida e articulada em contexto de desequilíbrio e desigualdades, a transição demográfica no Brasil é original à medida que se mostra substancialmente distinta da transição demográfica de outras nações, ainda que haja similitudes, mas não é neutra. Trata-se de um processo que tanto pode potencializar o crescimento e o bem-estar social quanto as adversidades econômicas e sociais, ampliando desigualdades já existentes.

Há que se buscar o caminho do crescimento e do bem-estar, estando este, para todas as faixas geracionais, associado ao acesso à educação – direito fundamental constitucionalmente assegurado aos brasileiros.

²³ <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/capt12_estrutura.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

9. A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL

A Constituição Federal em vigor foi promulgada em 5 de outubro de 1988 e, desde então, é a norma fundamental do Estado Brasileiro, tendo como função unificar e validar as normas jurídicas e regradoras da comunidade política nacional, as quais, a partir e em razão dela, estruturam e organizam o sistema jurídico pátrio, conferindo direitos e garantias aos cidadãos.

Trata-se de uma Constituição escrita que contempla normas material e formalmente constitucionais, posto que, além de tratar de assuntos especificamente constitucionais, como direitos fundamentais, atribuições, estrutura e organização do Estado, aborda assuntos outros, como as relações familiares e as políticas urbana, agrícola e fundiária.

Enumerada como um dos direitos sociais, a temática da educação formal²⁴ está desenvolvida mais à frente, nos artigos 205 a 214 do texto constitucional, juntamente com a cultura e o desporto. Ainda que não tenha sido pioneira no tratamento da temática²⁵, a Carta Constitucional de 1988 contempla a educação como “direito fundamental da pessoa humana, tutelado e garantido pela força da organização e controle social” (LIBERATTI, 2004, p. 210).

O mérito do legislador constituinte de 1988 foi ampliar o compromisso do Estado com o ensino público e com o seu financiamento, além de perceber que, para assegurar a efetividade do direito à educação, era necessário dotá-lo de princípios integradores que os ligassem aos demais direitos e garantias individuais.

Afirma-se, com base na Carta Magna de 1988, que o direito à educação é direito fundamental, o que significa dizer que se trata de um direito a serviço da dignidade da pessoa humana. E é nesse sentido que

²⁴De acordo com o MEC, a educação formal é oferecida pelas redes de ensino público e privado tradicionais; a não formal corresponde às iniciativas autônomas de aprendizagem que acontecem fora dos sistemas de ensino.

²⁵Liberati (2004) informa que a Constituição de 1824 – a primeira Constituição Brasileira – consagrou como direito individual a gratuidade do ensino público primário, sendo pioneira ao dispor sobre a temática educacional. Ainda que de forma sucinta, todos os diplomas constitucionais brasileiros se dedicaram ao tema, evidenciando a responsabilidade compartilhada da família e do Estado no que se refere ao acesso, condução e custeio, considerando que a Constituição de 1937 previa uma “contribuição módica e mensal para a caixa escolar”.

Sarmiento (2016, p. 135) adverte que devem ser considerados fundamentais os direitos que, contidos expressamente ou não no texto constitucional²⁶, “representem concretizações relevantes do princípio da dignidade da pessoa humana”.

Segundo Nunes (2002), a dignidade da pessoa é construção histórica, pautada pela prática social e pela razão jurídica que, no texto constitucional de 1988, assume a condição de fundamento do Estado Brasileiro. Sarlet (2003, p. 120) complementa e esclarece que “a dignidade da pessoa humana atua simultaneamente como limite dos direitos e limite dos limites, isto é, barreira última contra a atividade restritiva dos direitos fundamentais”.

Por se tratar de construção histórica, o conteúdo e o alcance do princípio da dignidade da pessoa, bem como dos direitos fundamentais que têm por função concretizá-lo, estão em constante processo de modificação e adaptação às novas necessidades, experiências e demandas sociais.

Por não serem os mesmos em todas as épocas e sociedades, necessária se faz a investigação histórica no sentido de melhor entender o processo de “maturação” dos direitos fundamentais.

Assim, somente a partir do momento que o Estado passou a ser compreendido como instituição a serviço dos cidadãos, não sendo mais uma construção divina com o fim em si mesmo, é que os direitos fundamentais passaram à condição de protagonistas do ordenamento jurídico.

Para fins didáticos, a evolução dos direitos fundamentais é dividida em gerações ou dimensões²⁷. Essa divisão é importante, pois permite visualizar a construção do conteúdo e o seu alcance a partir de demandas ditadas por necessidades históricas. Assim, têm-se como direitos

²⁶ Martins (2017, p. 729-730) esclarece “não há como sustentar a tese de que os direitos fundamentais são apenas aqueles positivados na Constituição. Eles o são, é claro, mas não são os únicos. A própria Constituição reconhece a existência de outros direitos fundamentais não previstos expressamente”, existindo direitos fundamentais implícitos, decorrentes de princípios constitucionais, bem como direitos fundamentais frutos da pactuação de Tratados Internacionais.

²⁷ Classificação criada por Karel Vasak e difundida por Norberto Bobbio na obra “A Era dos Direitos”. Vasak divide os direitos fundamentais em três gerações, de acordo com o contexto histórico que justificou a positivação desses direitos. O termo “gerações” é criticado pela ideia de finitude que apresenta, gerando a falsa percepção de que os direitos de uma geração seriam suplantados por outra, o que não é verdade, já que os direitos de cada geração se agregam ao ordenamento jurídico, havendo relação de coexistência e complementaridade, razão pela qual o termo “geração” vem sendo substituído por “dimensão”.

fundamentais de primeira dimensão aqueles que visam promover a dignidade humana pela garantia às liberdades individuais, como liberdade de locomoção, culto, reunião, consciência, assegurando o direito de ir e vir, de posicionar-se politicamente e constituir patrimônio.

Os direitos fundamentais de primeira dimensão tinham como paradigma a autonomia pessoal, sendo, portanto, direitos “negativos” em relação ao Estado. Foram construídos e positivados à luz da concepção liberal de Estado e, por esta razão, buscavam abstenção dos governantes, criando obrigações de não fazer, impedindo ou limitando a intervenção estatal na vida de cada indivíduo.

Mendes, Coelho e Branco (2007, p. 223) afirmam: “A preocupação em manter a propriedade servia de parâmetro e limite para a identificação dos direitos fundamentais, notando-se pouca tolerância para as pretensões que lhes fossem colidentes”.

De fato, tais direitos foram concebidos à época das Revoluções Americana (1776) e Francesa (1789), em que a classe de comerciantes em ascensão, denominada burguesia, buscava liberdade para expandir suas práticas, desejando a mínima intervenção do Estado, que até ali era utilizada pelos monarcas para tolirem liberdades e usurparem, por meio da cobrança de impostos, os burgueses bem-sucedidos.

Já no século XX surgem os direitos fundamentais de segunda dimensão, também chamados de direitos sociais, permeados pelo ideal de igualdade e pela necessidade de intervenção estatal para garantir a efetivação de tais direitos.

Percebe-se mudança na forma de compreender a função do Estado em relação à sociedade, posto que a proposta absentéista da dimensão anterior não conseguiu assegurar a dignidade humana à medida que não foi capaz de romper com as disparidades sociais, com a exploração econômica e com os efeitos nocivos da industrialização, entre os quais se destaca a exploração dos trabalhadores e a formação de uma classe proletária e carente.

Dimoulis e Martins (2014) invocam a importância da Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado, redigida, em 1917, à época da Revolução Russa, para a constitucionalização dos direitos sociais. Esses

mesmos autores afirmam ter sido a Constituição Mexicana de 1917 o primeiro diploma normativo a dedicar-se, de forma pormenorizada, ao tema, apresentando longa lista de direitos sociais.

Com o fim da Primeira Grande Guerra, a luta pela efetivação dos direitos fundamentais de segunda dimensão se tornou ainda mais intensa, sendo a Constituição alemã de 1919 – Constituição de Weimar²⁸ – importante referencial histórico do período.

Em importante obra sobre o tema, Mendes (2011) coloca em evidência a impossibilidade financeira dos Estados de satisfazerem todas as necessidades sociais, defendendo a formulação de políticas públicas e, a partir delas, escolhas para fins de alocação dos recursos financeiros, técnicos e normativos.

De fato, os direitos sociais, por demandarem prestação econômica do Estado, são efetivados ou não, a depender de as conjunturas econômicas e políticas lhes serem favoráveis ou desfavoráveis. Assim, estão submetidos ao princípio da reserva do possível, isto é, sujeitam-se às disponibilidades materiais do Estado.

Em decorrência de sua natureza de direito social, o direito fundamental à educação possui conteúdo prestacional, o que significa que a sua efetividade depende da atuação positiva do Poder Público, competindo a este elaborar e implementar as políticas públicas direcionadas à concretização dos princípios e valores que orientam a educação brasileira. Isso implica a destinação de recursos financeiros e o acompanhamento de sua utilização.

Ainda sob o viés econômico/financeiro, cumpre registrar a necessidade de adotar critérios distributivos para cada recurso, uma vez que o Estado, para assegurar a efetivação de direitos sociais, como a saúde e a educação, demanda a utilização de recursos econômicos de forma variada, para atender à especificidade da questão e, por consequência, às necessidades de cada sujeito amparado.

²⁸ A Constituição de Weimar apresenta extenso rol de direitos fundamentais, merecendo destaque os direitos à “educação e formação escolar” e à “ordem econômica”. Por estar inserida em uma sociedade em situação de forte instabilidade política, sua vigência durou apenas 14 anos, terminado em janeiro de 1933, com a chegada de Adolf Hitler ao poder.

Os direitos fundamentais de terceira dimensão são orientados pela solidariedade e concebidos numa perspectiva difusa, à medida que interessam a todos os indivíduos, à sociedade e ao Estado, posto que são responsáveis por sua defesa e efetivação. Entre os direitos fundamentais de terceira dimensão, tem-se o direito ao meio ambiente equilibrado e ao desenvolvimento socioeconômico.

Fernandes (2017, p. 326-327) noticia a existência de direitos fundamentais de quarta e quinta dimensões, sendo os primeiros relacionados à biotecnologia e o último, à paz.

Os direitos fundamentais são assim dotados de historicidade, isto é, têm seu conteúdo e alcance estabelecidos em razão de um contexto histórico, não gozando da mesma valia em todo tempo e lugar. Impulsionados por novas causas sociais, tais direitos estão em constante processo evolutivo, ampliando-se gradativamente.

O texto constitucional de 1988 informa que as normas que estabelecem direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata, o que significa dizer que possuem força normativa densa, não estando sua implementação sujeita a ações do legislador infraconstitucional. Assim, os direitos fundamentais não precisam ser regulamentados por normas infraconstitucionais e, à medida que, incorporados ao texto constitucional por meio das normas-princípio, devem ser observados e instrumentalmente garantidos²⁹.

A respeito de serem os direitos fundamentais normas-princípio, Sousa (2010, p. 30) esclarece que tal característica “aplica-se, inclusive, aos direitos elencados no capítulo da ordem social, como o direito à educação, e constitui uma diretiva para o Poder Público no sentido de atribuir a esses direitos o máximo possível de efetividade”.

Nesse ponto, há que se fazer menção ao princípio da proibição do retrocesso social que qualifica como inconstitucionais quaisquer ações do Estado no sentido de anular, revogar ou aniquilar os direitos sociais já efetivados pelas medidas legislativas. A aplicação desse princípio se dá de

²⁹ Os instrumentos que garantem a observância dos direitos fundamentais são vários. À guisa de exemplos, podem ser citados: *habeas corpus*, *habeas data*, mandado de segurança e ação civil pública.

forma limitadora, impedindo ações políticas e legislativas que atentem contra direitos sociais, pois estes são concebidos como conquistas da sociedade e, portanto, não podem, a qualquer argumento, ser dela retirados ou sofrer mitigações.

A Constituição Cidadã de 1988 foi minuciosa e precisa ao tratar dos direitos sociais, dedicando a eles um capítulo específico. Ela foi idealizada quando já se percebia a falência do modelo liberal de Estado e cuidou de cobrar do Estado participação ativa, por meio das prestações positivas, assegurando aos jurisdicionados o mínimo existencial.

Entende-se por mínimo existencial a menor quantidade possível de certo bem necessário ao viver com dignidade. Trata-se de medida fixada em atenção ao princípio da dignidade humana que, segundo Barcellos (2002, p. 248), “é formado pelas condições materiais básicas para a existência, corresponde a uma fração nuclear da dignidade da pessoa humana à qual se deve reconhecer a eficácia jurídica positiva ou simétrica”.

O direito à educação, por ser direito fundamental de segunda dimensão e um dos direitos sociais constitucionalmente previstos, está submetido ao conceito de mínimo existencial, aplicando-se também a ele o princípio da proibição do retrocesso social.

Como mecanismo de proteção do direito fundamental à educação, o constituinte de 1988 inseriu o direito social entre as cláusulas pétreas³⁰, no chamado núcleo imutável, intangível da Constituição. Por consequência, o poder constituinte reformador não poderá suprimir ou restringir o núcleo desses direitos, que está protegido por esse mecanismo.

³⁰Há polêmica acerca da inclusão dos direitos sociais, entre eles o direito à educação, no rol de proteção das cláusulas pétreas. O argumento daqueles que se posicionam contrários a tal inclusão é no sentido de que o art. 60, §4º, da Constituição aborda “direitos e garantias individuais” e não direitos fundamentais – gênero do qual são espécies os direitos sociais e os individuais. Assim, concluem, se os direitos sociais fossem cláusulas pétreas, o texto constitucional teria feito menção expressa ou teria utilizado o gênero que os compreende. Em sentido contrário, os que defendem a inclusão argumentam que as cláusulas pétreas servem para preservar os princípios fundamentais que orientaram o legislador constituinte e, sendo os direitos sociais inerentes à ideia de Estado Democrático de Direito, não faz sentido deixar de considerá-los cláusulas pétreas.

10.O DIREITO À EDUCAÇÃO E A LEGISLAÇÃO ESPECIALIZADA NO ENVELHECIMENTO

No Brasil, além das garantias constitucionais, os direitos dos idosos encontram-se assegurados por leis especiais ou temáticas, entre as quais merecem especial atenção e destaque a Lei nº 8.842/1994 e a Lei nº 10.741/2003, que estabelecem a Política Nacional e o Estatuto do Idoso.

A Lei nº 8.842 entrou em vigor na data de sua publicação, em 4 de janeiro de 1994, tendo sido regulamentada pelo Decreto nº 1.948/96. Com a finalidade de criar condições para promoção da autonomia, integração e participação efetiva do idoso na sociedade, a referida lei é um marco na luta pela efetivação dos direitos sociais dos idosos no Brasil.

A Política Nacional do Idoso foi estruturada a partir de cinco princípios³¹, merecendo destaque, para o enfrentamento da temática proposta, os que dispõem acerca do dever da família, da sociedade e do Estado de assegurar ao idoso sua condição de cidadão, defendendo a sua dignidade e bem-estar. Tal fato implica somar esforços para evitar e coibir qualquer tipo de ação ou omissão que se apresente discriminatória.

A mesma lei estabelece, entre as suas diretrizes, a necessidade de viabilizar formas de participação, ocupação e convívio do idoso, mantendo-o integrado.

Para estar efetivamente integrado, ao idoso precisam ser oportunizadas todas as formas de interação social e de desenvolvimento pessoal oferecidas aos integrantes de outras faixas etárias.

³¹ Lei nº 8.842/1994. Art. 3º – A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade e defendendo sua dignidade, seu bem-estar e o direito à vida;

II - O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - O idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;

IV - O idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;

V - As diferenças econômicas, sociais e regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei.

No que se refere ao direito à educação, necessário é percebê-lo como fonte de promoção da cidadania, por meio da gama de relacionamentos e da construção de saberes reflexivos que suscita. Negar, restringir ou dificultar o acesso dos idosos a esse direito é, portanto, discriminá-los e condená-los ao ostracismo social.

Em 1º de outubro de 2003, foi publicada a Lei nº 10.741, nacionalmente conhecida como Estatuto do Idoso. A referida lei, que passou a vigorar em todo o território brasileiro em 1º de janeiro de 2004, tornou-se referência na temática do envelhecimento, estabelecendo o princípio da proteção integral e assegurando ao idoso o necessário para a “preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”³².

Ao tratar dos direitos sociais, o referido Estatuto estabelece como dever de todos (família, sociedade e Poder Público) assegurarem prioritariamente aos idosos brasileiros “a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”³³.

Não obstante sua contribuição para o fortalecimento dos direitos fundamentais da pessoa idosa, certo é que, ainda que não tenha se omitido, o Estatuto mostrou-se tímido ao tratar do direito do idoso à educação, limitando-se a assegurar-lhe “o direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”³⁴.

Ao tratar da criação de oportunidades de acesso do idoso à educação, a referida lei propõe “a adequação de currículos, metodologias e material didáticos”³⁵.

Ainda que pareça louvável a preocupação em adaptar os instrumentos educacionais às necessidades dos idosos, o que, por vezes, se faz necessário para despertar interesse, valorizar experiências e facilitar o aprendizado; tal medida, da forma colocada, soa desrespeitosa e

³² Art. 2º da Lei nº 10.741/2003.

³³ Art. 3º da Lei nº 10.741/2003.

³⁴ Art. 20 da Lei nº 10.741/2003.

³⁵ Art. 21 da Lei nº 10.741/2003.

discriminatória. De fato, o Estatuto estabelece a adaptação dos instrumentos educacionais não como possibilidade, mas como condição de aprendizado, partindo do pressuposto de que todos os idosos, só pelo fato de o serem, têm limitações ao processo ensino/aprendizado.

Os atributos da generalidade e da abstratividade, comuns a todas as leis, não afasta a crítica. Isso porque, sendo genérica, a lei destina-se a todos e, sendo abstrata, está a serviço de um regramento geral e hipotético, não estando, a esses argumentos, legitimada a pressupor deficiências, oferecendo a todos os idosos tratamento que favoreça a discriminação, posto que estão alicerçado em preconceitos.

Ao dispor sobre cursos especiais para idosos, o Estatuto assegura que eles “incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna”³⁶. O Estatuto parece referir-se à educação não formal, utilizada para recreação e de forma terapêutica. Seu objetivo não é capacitar o idoso para inserção ou manutenção no mercado de trabalho, mas mantê-lo ativo e integrado à sociedade.

Também aqui vale a advertência de que não há nenhum problema em se pensar, criar e oportunizar aos idosos brasileiros esse tipo de educação. Contudo, ao constatar que o Estatuto não se ocupa do direito e do acesso dos idosos à educação formal, o registro acerca dos cursos especiais parece indicar algo preocupante.

De fato, a educação do idoso foi tratada pelo Estatuto de forma, apenas, recreativa, retirando da temática a habitual seriedade com que é discutida tecnicamente. Dito de outra forma, mais uma vez a lei especializada demonstra desconhecer as várias velhices.

Pereira (2012) relata que, ao entrevistar idosos alunos do EJA, constatou que, além de investimento pessoal e forma de preencher o tempo livre, o estudar é uma forma de autonomia, de aprendizado, de busca por melhores oportunidades de trabalho. Isso mostra, assim, a necessidade de melhor entender esse cidadão que envelhece para empreender políticas educacionais que atendam às suas expectativas e demandas.

³⁶ Art. 21, §1º, da Lei nº 10.741/2003.

Constata-se, pelos argumentos expostos, que o ordenamento jurídico brasileiro não oferece o melhor dos cenários ao enfrentamento da temática. Por essa razão, é necessário refletir o direito fundamental à educação dos idosos à luz da cidadania, para que não seja efetivada a negligência estatal e social à pessoa idosa quando se tratar do direito ao acesso e à efetivação da educação formal.

11. EDUCAÇÃO E CIDADANIA

O direito à educação, como anteriormente registrado, é assegurado pelo texto constitucional de 1988, sendo um direito fundamental de matiz social. A qualificação atribuída constitucionalmente à educação evidencia o valor contido nesse direito, à medida que o coloca em lugar de destaque na ordem constitucional brasileira. De fato, concebida como processo de transmissão de conhecimentos e valores, a educação mostra-se necessária ao desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos, ferramenta indispensável à construção da cidadania.

O direito à educação caracteriza-se pela incorporação de princípios e objetivos de caráter social que informam o Estado Democrático de Direito, sendo importante instrumento de construção da cidadania e da promoção da dignidade humana.

A educação precisa ser pensada como importante valor social, ferramenta que visa ao desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, bem como a sua autopercepção, enquanto agente econômico, sujeito de direitos e de deveres na ordem social.

Além de um direito, a educação é um bem, um valor social necessário ao pleno desenvolvimento da pessoa, incluindo sua qualificação para o trabalho e para o exercício da cidadania. Assim, a inclusão social passa pelo acesso de todos a uma educação de qualidade, que potencialize o desenvolvimento intelectual, econômico e, conseqüentemente, social dos indivíduos.

Educar é formar cidadãos, isto é, pessoas com conhecimento técnico e consciência crítica. Não se restringe à transmissão de conhecimentos,

sendo condição de libertação do próprio homem e, portanto, um direito humano fundamental.

O acesso a um sistema de ensino de qualidade³⁷ possibilita o domínio de metodologias e linguagens necessárias para compreender o mundo e ter melhor qualidade de vida. Dito de outra forma, sem o acesso à educação, o indivíduo está condenado à exclusão social. Por essa razão, é necessário ampliar os setores da população com acesso a sistema educacional eficiente e inclusivo.

O direito à educação cumpre, assim, relevante propósito social ao oferecer conscientização reflexiva e crítica, capaz de intervir na emancipação dos sujeitos, à medida que constitui uma das formas de se operacionalizar o princípio constitucional da dignidade da pessoa.

Nos termos do artigo 3º da Constituição de 1988, constituem objetivos da República Federativa do Brasil a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, a garantia ao desenvolvimento nacional e a erradicação da pobreza e da marginalização. Isso com a consequente redução das desigualdades sociais e regionais, além da promoção do bem de todos, sem preconceitos de qualquer origem e quaisquer outras formas de discriminação.

A consecução de todos os objetivos expostos está intimamente ligada à educação, instrumento eficaz para superar desigualdades, desqualificar tratamentos discriminatórios, contribuindo para a formação de uma sociedade mais livre, justa e solidária, tendo em vista que atua na erradicação da pobreza e, por decorrência, no desenvolvimento nacional. Contudo, acessar o direito à educação não depende apenas do indivíduo a ser educado, pois se trata de direito de conteúdo prestacional, isto é, estando sua efetivação na dependência de conduta positiva do Estado no sentido de oferecer esse direito.

Registra-se que o direito à educação deve ser acessível a todos, inclusive aos idosos. A idade avançada não pode ser utilizada como

³⁷ É difícil mensurar a qualidade da educação. Vários são os sistemas de avaliação da educação no Brasil. Todos, entretanto, profundamente questionados e desqualificados por especialistas. A democratização e a qualidade no ensino encontram barreiras como a deficiência e a baixa remuneração dos professores, a escassez de recursos financeiros, a ausência de políticas públicas que contemplem, de forma eficiente e realista, as demandas e possibilidades do sistema educacional brasileiro.

justificativa legítima para a subtração da aprendizagem, sendo necessária a revisão de conceitos, bem como a extinção de preconceitos acerca do direito à educação da pessoa idosa.

12. ACESSO DOS IDOSOS À EDUCAÇÃO: UM DIREITO FUNDAMENTAL

Como anteriormente registrado, este estudo se propôs a discutir o acesso dos idosos brasileiros à educação, direito fundamental e indispensável ao exercício da cidadania. Para tanto, buscou-se na síntese de indicadores de 2017 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2017) uma visão quantitativa do problema educacional brasileiro, no que se refere ao aluno idoso.

A PNAD é uma pesquisa com periodicidade variável realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em uma amostra de domicílios brasileiros que investiga diversas características demográficas e socioeconômicas da população, como sexo, idade, trabalho, educação, entre outros.

No Brasil, segundo dados da PNAD (2017), a taxa de analfabetismo é de 7,0%, compreendendo um contingente de, aproximadamente, 11,5 milhões de analfabetos. Desses, 19,3% estão acima dos 60 anos de idade, ou seja, 2,9 milhões de cidadãos brasileiros. Esses números apresentam tendência de queda e variam de acordo com a região geográfica, estando no Nordeste o maior número de analfabetos (14,5%) e, no Sul, o menor percentual (3,5%) do total.

Merece registro o fato de que a taxa de analfabetismo mostra aumento à medida que a idade avança, sendo 11,9% para os que estão na faixa etária dos 40 aos 59 anos e chega a 7% entre os mais jovens, que têm entre 15 e 19 anos. Contudo, mais da metade da população alfabetizada apresenta baixo nível de instrução. Assim, entre os brasileiros escolarizados com 25 anos ou mais de idade, 42,3% tinham até o ensino fundamental, 26,8% até o ensino médio completo e apenas 15,7% possuíam o superior completo.

Não há informações acerca da taxa de escolarização nem de anos de escolaridade do idoso brasileiro, mas, pelos números apresentados,

percebe-se que muitos são analfabetos ou têm baixa instrução, indicando que o direito à educação não lhes foi efetivamente assegurado e que as políticas públicas educacionais, até o momento, não lhes atingiram efetivamente.

Pesquisando as notas estatísticas do Censo da Educação Básica de 2016, nenhuma informação foi encontrada acerca do idoso no ambiente educacional, e essa omissão diz muito sobre o assunto. De fato, sabendo que os dados do Censo são utilizados para a idealização e desenvolvimento de políticas públicas educacionais, a ausência dos alunos idosos nos dados do Censo acarreta a ausência desse público nas referidas políticas.

Assim, as políticas públicas educacionais brasileiras ainda não se atentaram para esse novo sujeito e para suas demandas por uma educação capaz de mantê-lo ou (re)inseri-lo no mercado de trabalho, bem como manter seu *status quo* no convívio social.

CONCLUSÃO

O idoso que busca a educação formal para se manter ou se (re)inserir no mercado de trabalho está ausente nas discussões e nas agendas da política educacional brasileira. Tal ausência pode ser explicada sob vários argumentos: em primeiro lugar, a senescência está fatalmente ligada à senilidade, em que nos acostumamos ligar esse termo aos velhos decrépitos, derrotados pelo passar dos anos, com capacidade cognitiva severamente comprometida. A esse perfil de sujeito social não é dado o direito de acessar a educação formal.

Numa visão capitalista e utilitarista, considerando os idosos como seres improdutivos, resta a questão: para que aprender ou ensinar a alguém que não trará benefícios lucrativos à sociedade?

E o grande problema é que, muitas vezes, os idosos acabam aceitando esse rótulo de improdutivos e reverberando o preconceito e a segregação nele contidos, desistem de viver e de aprender, pois não querem a sensação de estarem “inadequados” ao voltarem para o ambiente escolar, historicamente direcionado às crianças e aos jovens. Daí a importância de se promover a conscientização não só dos agentes públicos e da sociedade,

mas também (e sobretudo) dos idosos quanto aos benefícios decorrentes do acesso à educação e ao ambiente educacional.

Ao tratar do direito à educação e ao envelhecimento, é necessário perceber que se está diante de uma nova conjuntura social e que múltiplas são as velhices, demandando diferentes visões e caminhos educacionais.

Registre-se, por oportuno, a escassez de trabalhos acadêmicos conjugando as temáticas “envelhecimento” e “educação”, razão pela qual se sugere para futuras pesquisas a investigação acerca do acesso e permanência dos idosos no ensino superior e sobre políticas de educação permanentes voltadas para a pessoa idosa.

Nesse sentido, é possível afirmar que a negligência das políticas públicas educacionais com as pessoas idosas é realidade global, sendo esses sujeitos sociais esquecidos quando o assunto da pauta é o direito à educação.

A educação é fundamental para a mudança desse panorama preconceituoso e discriminatório, que segrega os idosos. Assim, o direito à educação não pode ser concebido como privilégio de gerações mais jovens; ao contrário, é direito fundamental de todos e deve ser elemento da luta por uma sociedade mais coesa, harmônica, justa e desenvolvida.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, A. P. **A eficácia jurídica dos princípios constitucionais: o princípio da dignidade da pessoa humana.** Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XXI**. Rio de Janeiro: IPEA, ago. 2004.

BEZERRA, C. F.; ALMEIDA, M. I.; THERRIEN, S. M. N. Estudos sobre envelhecimento no Brasil: revisão bibliográfica. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontolog.**, Rio de Janeiro, 2012.

BOBBIO, N. **O tempo da memória.** De senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL. Lei 3.270, de 28 de setembro de 1885. **Lei dos sexagenários.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 1º maio 2018.

_____. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 4 maio 2018.

_____. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Institui a Política Nacional do Idoso**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 1º maio 2018.

_____. Decreto 1.948, de 3 de julho de 1996. **Regulamenta Lei 8.842/94**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 1º maio 2018.

_____. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do idoso**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 1º maio 2018.

BRITO, F. Transição demográfica e as desigualdades sociais no Brasil. **Revista Brasileira de Estatística Populacional**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n1/v25n1a02.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2018.

CABRAL, M. V.; FERREIRA, P. M. **O envelhecimento activo em Portugal: trabalho, reforma, lazer e redes sociais**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

DIMOULIS, D.; MARTINS, L. **Teoria geral dos direitos fundamentais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2014

DINIZ, F. P. **Direitos dos idosos na perspectiva civil-constitucional**. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2011.

DOURADO, L. F. Reforma do Estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90. **Educ. Soc.**, Campinas, SP, v. 23, n. 80, p. 234-252, set. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12931.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2017.

FERNANDES, B. G. **Curso de direito constitucional**. 9. ed. Salvador: JusPODIVM, 2017.

HADDAD, E. M. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo: Cortez, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. [online]. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 11 maio 2018.

KALACHE, A. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 3, p. 217-220, 1987.

_____. O século do envelhecimento e sociedade que queremos construir. **Revista Direitos Humanos**, v. 3, p. 30-35, 2009.

LIBERATI, W. D. (Org.). **Direito à educação**: uma questão de justiça. São Paulo: Malheiros, 2004.

MARTINEZ, W. N. **Comentários ao Estatuto do Idoso**. 3. ed. São Paulo: LTr, 2012.

MARTINS, F. **Curso de direito constitucional**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2017.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MENDES, G. F.; COELHO, I. M.; BRANCO, P. G. G. **Curso de direito constitucional**. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. G. F. **Direitos fundamentais e controle de constitucionalidade** – Estudos de Direito Constitucional. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

NUNES, L. A. R. **O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana**: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Saraiva, 2002.

OMS. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. World Health Organization. Trad. por Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.: il.

RAMOS, P. R. B. **Fundamentos constitucionais do direito à velhice**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2014.

SARLET, I. W. **A eficácia dos direitos fundamentais**. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2003.

SARMENTO, D. **Dignidade da pessoa humana**. 2. ed. Belo Horizonte: Forense, 2016.

SEALE, A. S.; KOPS, B. Relação entre aprendizagem dos idosos e envelhecimento bem sucedido. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 25/36, jan./mar. 2012.

SILVA, J. M. A. V. **A qualidade de vida do idoso e o seu bem-estar social**. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Comunicação) – Universidade do Algarve, Portugal, 2011.

SOUSA, E. F. **Direito à educação**: requisito para o desenvolvimento do país. São Paulo: Saraiva, 2010.

VELOSO, E. M. C.; ROCHA, M. C. J. Políticas públicas, pessoas idosas, educação e envelhecimento: o caso de Portugal num contexto global. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**. Marília, v. 2, n. 1, p. 3/37, jan./ jun. 2016. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/RIPPMAR/article/download/6275/4152>>. Acesso em: 1º maio 2018.

VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1994.

VIEIRA, T. R.; NASCENTES, C. O idoso, a publicidade e o direito do consumidor. **Jus Navegandi**, Teresina, ano 8, n. 179, 1º jan. 2004. Disponível em: <<http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=4621>>. Acesso em: 1º maio 2018.

VOGT, M. S. L.; ALVES, E. D. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 195-214, 2005. Disponível em: <<http://ufsm/ce/revista>>. Acesso em: 12 maio 2017.

ARTIGO II

A EDUCAÇÃO DE IDOSOS NA VEJA E NA FOLHA DE SÃO PAULO: DADOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA

RESUMO – O envelhecimento da população brasileira tem sido pauta recorrente de matérias divulgadas por diferentes veículos de mídia; de igual forma a temática da educação também se apresenta de forma rotineira nos textos jornalísticos. Num momento em que a sociedade brasileira, por imperativos de ordens econômica e fiscal, se vê diante da necessidade de postergar aposentadorias e fomentar a reinserção de aposentados no mercado de trabalho, parece necessário discutir, através dos meios de comunicação de massa, o acesso dos idosos brasileiros à educação. Considera-se a educação um direito fundamental de todos, sendo ela importante instrumento de cidadania e inclusão social, além de ter impacto direto na renda. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a educação de idosos enquanto notícia na revista Veja e no jornal Folha de São Paulo, pois se acredita no poder desses veículos de mídia na construção dos valores e necessidades da sociedade brasileira. Trata-se de pesquisa descritiva, tendo a coleta dos dados suporte bibliográfico e documental. Os resultados apontaram para uma escassez de matérias e o silêncio dos periódicos de maior circulação no país acerca do crescimento da demanda de educação formal e informal pelos idosos brasileiros, o que sinaliza a manutenção de rótulos e a resistência ou indiferença à necessidade política, econômica e social de se ressignificar a velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento. Educação. Revista Veja. Folha de São Paulo.

ABSTRACT – The aging of the Brazilian population has been a recurring theme for stories published by different media outlets, just as the issue of education is also routinely presented in journalistic texts. At a time when the Brazilian society, due to economic and fiscal imperatives, is faced with the need to postpone retirements and promote the reintegration of retirees into the labor market, it seems necessary to discuss, through the mass media, the access of education. Education is considered as a fundamental right of all, being an important instrument of citizenship and social inclusion, besides having a direct impact on income. This research aimed to investigate the education of the elderly as news in the magazine *Veja* and in the newspaper *Folha de São Paulo*, because it is believed in the power of these media vehicles in the construction of the values and needs of Brazilian society. The results point to a shortage of materials and the silence of the most popular newspapers in the country about the growth of the demand for formal and informal education by the Brazilian elderly, signaling the maintenance of labels and the resistance or indifference to the political, economic and social need of resignify to old age.

Keywords: Aging. Education. *Veja* magazine. Newspaper.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira tem sido pauta recorrente de matérias divulgadas por diferentes veículos de mídia. De igual forma, a temática da educação também se apresenta de forma rotineira nos textos jornalísticos. Apesar de a mídia tratar do envelhecimento e da educação, não se vê a abordagem dessa relação.

Diante de uma sociedade que vivencia um processo rápido de envelhecimento e que não se preparou para as demandas decorrentes do envelhecer, necessário se faz refletir acerca das demandas dos sujeitos envelhecidos e da sociedade em que estão inseridos.

Considerando a educação um direito fundamental de todos e, sendo ela importante instrumento de cidadania e inclusão social, busca-se investigar e discutir seu acesso pelos idosos brasileiros. É verdade que o termo educação é amplo e pode ser investigado e discutido sob enfoques diversos, razão pela qual se mostra indispensável apresentar o recorte escolhido para o desenvolvimento deste estudo.

O desafio a que este trabalho se propõe consiste em conjugar as duas temáticas “envelhecimento” e “educação”, mas, ainda assim, necessário se faz delimitar a abordagem que, em termos gerais, continua possibilitando enfoques variados.

De fato, pesquisadores como Carvalho, Assunção e Bocchil (2010), Ermel e Fracoli (2006) e Lima e Tocantins (2009) desenvolveram estudos centrados na capacitação de profissionais para lidar com os desafios e demandas do envelhecer. Com isso, abre-se discussão de práticas pedagógicas direcionadas à melhor compreensão das demandas, sobretudo de ordens médica e terapêutica, das pessoas idosas.

Outros pesquisadores, como Bizelli (2009), Kachar (2009) e Silveira (2010), apresentaram o idoso enquanto sujeito do processo educacional. Nesse viés, o maior número de trabalhos discute a capacidade cognitiva dos idosos e o domínio das tecnologias de informação.

No que se refere à educação formal de pessoas idosas, alguns trabalhos discutem a alfabetização e programas governamentais como o

EJA³⁸. Contudo, raros são os estudos que procuram juntar as temáticas “envelhecimento” e “educação”, discutindo a pessoa idosa como detentor do direito à educação.

Ainda que o Brasil tenha 11,5 milhões de analfabetos e que a maior parte desse contingente seja composta por idosos³⁹, parece incoerente não se investigar o acesso do idoso à educação e sua permanência nela – sobretudo quando a sociedade brasileira, por imperativos de ordem econômica e fiscal, se vê diante da necessidade de postergar aposentadorias e fomentar a reinserção de aposentados no mercado de trabalho.

Outro argumento que justifica a importância do recorte reside no fato de que uma parcela dos cidadãos que estão envelhecendo faz parte de uma geração caracterizada pelo maior grau de escolarização e luta pela efetivação de direitos sociais.

De fato, este estudo trata de pequena parcela dos idosos brasileiros que ou se escolarizaram na infância e juventude e querem dar continuidade à educação formal ou que não tiveram acesso a ela, mas agora demandam esse direito fundamental.

Investigar a educação de idosos enquanto notícia mostrou-se um caminho natural e lógico para a compreensão do tema. Afinal, o jornalismo é um “campo atravessado por relações de poder” e de grande impacto, atuando “ativamente na construção social” (AUGUSTI, 2005, p. 43). Assim, é o influenciador e o influenciado pelas agendas políticas da sociedade em que se encontra inserido.

Na lição de Benetti (2007, p. 38), “essas características (...) impedem que se pesquise o jornalismo apenas com o instrumental de outras ciências”. E ele conclui que “sempre que um estudo de discurso sobre o campo jornalístico é feito sem considerar fortemente suas regras como campo e suas características como gênero, os resultados são equivocados, distorcidos ou, mesmo, totalmente inválidos”.

Para não incorrer no erro apontado por Benetti, inicialmente considerou-se a atividade jornalística, investigando suas características,

³⁸ Educação de Jovens e Adultos.

³⁹ Pnad Contínua 2017.

alcance e limitações, até porque, como adverte Souza (2012), o discurso jornalístico está associado a outros discursos, como o político e o educacional.

Oportuno se faz considerar que na produção de notícia os acontecimentos são o principal objeto da cobertura jornalística, sendo habitual e esperado noticiar “acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis” (HALL et al., 1999, p. 226). Assim, o que é noticiado “foge ao curso normal do cotidiano, o acontecimento coincide com a necessidade de o jornalismo em “testemunhar” a realidade e relatar sobre a mesma” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 180), sendo as matérias temáticas relegadas a segundo plano, exceto em periódicos especializados em temas específicos.

O tema não tem o caráter extraordinário ou imprevisível dos acontecimentos, o que não significa que não possuam novidade e interesse para os leitores. O jornalismo impresso é o local privilegiado do tema.

O “envelhecimento” e a “educação” são temas importantes e atuais na sociedade brasileira, e, ainda que existam publicações especializadas em uma e em outra, não se localizou nenhuma que tenha a “educação de idosos” como temática principal de suas matérias.

Em face da inexistência de periódico especializado, o que se apurou em pesquisa prévia, optou-se por investigar a incidência de discussão do tema “educação de idosos” na revista “Veja” e no jornal “Folha de São Paulo”, periódicos de maior tiragem no país e de abrangência nacional.

5. COMPREENDENDO O JORNALISMO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a popularização do jornal no século XIX⁴⁰ podem ser apontados como responsáveis pelas transformações nos modos de produção e distribuição da notícia. Tais transformações atribuíram aos meios de comunicação de massa uma função mediadora entre os indivíduos e tornaram a interação

⁴⁰ Melo (2005) relata que no final do século XIX os jornais se popularizaram em conteúdo e custos, ficando mais interessantes e acessíveis pela população, que passou a consumi-los com regularidade. Antes, a leitura de jornais ficava restrita a um grupo intelectualizado de pessoas.

deles entre si e com o mundo mais complexa e dinâmica, como afirma Agnez (2009).

Nesse contexto, o jornalismo torna-se uma atividade privilegiada ou, na linguagem de Augusti (2005, p. 43), um “campo atravessado por relações de poder”, atuando ativamente na construção social, uma vez que, no exercício de sua função mediadora, se coloca como filtro entre a informação e o público.

Em sua obra, Benetti (2007, p. 37) define o jornalismo como um “campo de produção e circulação de sentidos, estruturado na relação entre sujeitos de uma comunidade discursiva”, e completa o registro afirmando ser o jornalismo, ao mesmo tempo, “efeito e produtor de sentidos”. É “efeito” à medida que “deriva da fala de indivíduos inseridos historicamente em seu tempo”, reproduzindo os discursos dominantes; mas também é “produtor de sentidos” à medida que tem o “poder de nomear, consagrando ou ocultando sujeitos, políticas, instituições, práticas e ideologias”.

Ao “produzir” e “criar” sentidos, estabelece uma relação de poder com aqueles que consomem o discurso – comunidade discursiva; que vem a ser um grupo de leitores que se reconhecem como iguais por compartilharem pensamentos, valores e desejos. Nesse sentido, oportuno se faz registrar a percepção de Augusti (2005, p. 49) para quem “o jornalismo funciona como um construtor de sentido de proximidade entre atores e processos sociais”, estando o jornalista autorizado a retratar e a comunidade discursiva capacitada a compreender a realidade noticiada.

A influência dos jornalistas sobre a comunidade discursiva é grande e não deve ser desprezada, pois, ao se inserir numa comunidade discursiva, “o indivíduo se reconhece como sujeito, e é a partir dos valores dessa comunidade que ele pode agir socialmente” (BENETTI, 2007, p. 40).

Daflon e Feres Júnior (2012) colocaram em evidência que os jornalistas, nas democracias modernas, atuam como os principais agentes de informação e análise social. De fato, os jornalistas atuam na construção de notícias e, ao fazê-lo, constroem uma realidade social, pois os discursos veiculados adquirem legitimidade quando proferidos pela mídia (SOUSA, 2012).

Pierre Bourdieu (1997) ressalta a importância dos jornalistas na construção do mundo social, mas critica o monopólio por eles exercido sobre os instrumentos de produção e distribuição da informação, destacando “(...) eles exercem uma forma raríssima de dominação: têm o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso a notoriedade pública” (BOURDIEU, 1997, p. 66).

O discurso jornalístico estabelece critérios de relevância e normalidade para identificar o que é notícia. Nesse sentido, o trabalho jornalístico marca as fronteiras entre o normal e o anormal, o certo e o errado, o aceitável e o desviante, o legítimo e o ilegítimo. Atua na padronização dos indivíduos que integram a mesma comunidade discursiva, por meio de técnicas e estratégias de convencimento e persuasão (AUGUSTI, 2005). Como adverte Souza (2012), uma vez veiculado na mídia, qualquer discurso adquire *status* de verdade e, muitas vezes, de verdade única e incontestável.

Nessa perspectiva, a disciplinarização da sociedade induz os sujeitos a não serem críticos, o que muitas vezes não se percebe. Por meio desses mecanismos, o poder presente na sociedade, seja instituição midiática, social ou política, é constantemente reelaborado, organizando-se de forma a adequar-se às condições em que é produzido. Em direção à docilidade, participam colégios, hospitais, organizações militares, igreja, família, entre outras Instituições. É no micropoder que a disciplina se estabelece: há sempre lugares e regras a serem seguidas. Entre as Instituições, é necessário, hoje, ressaltar a mídia, que atua como “orientadora” e “formadora” de comportamentos. Assim, a sociedade contemporânea, cada vez mais, necessita de informações sobre os acontecimentos e, portanto, é inegável que os meios de comunicação têm uma influência enorme na sociedade. Os meios de comunicação constroem, produzem sentidos (e não apenas informam ou relatam fatos), tornando-se instrumentos de poder, capazes de influenciar a forma de pensar e agir em sociedade (SOUSA, 2012, p. 928).

Importante se faz a reflexão de que o jornalismo tem dois polos: o ideológico e o econômico. A notícia que, segundo Dias (1998), se consolida no gênero jornalístico através de informações sobre acontecimentos políticos e sociais relevantes em determinado tempo e lugar é tratada como serviço público no viés positivo ou ideológico e como mercadoria no viés econômico ou negativo. E o propósito de lucrar atua decisivamente sobre a perspectiva

ideológica, diminuindo a ética na atuação do profissional da notícia (AUGUSTI, 2005).

Sobre o viés jornalístico e sua percepção pelos leitores, merece destaque o seguinte registro:

A cobertura frequente e o grande volume de informações veiculadas pela mídia, no entanto, fazem com que a audiência acumule impressões contraditórias e difusas acerca de um possível viés jornalístico. Como a mídia profere juízos, mas raramente se retrata, a produção incessante de notícias faz com que, no momento em que se esboça uma percepção desse viés, novos temas surjam para ofuscar e se sobrepor aos demais, o que afasta a relação entre meio e audiência de um modelo deliberativo clássico em que o receptor formaria sua opinião após ser exaustivamente exposto aos vários ângulos e interpretações de uma determinada questão (DAFLON; FERES JR., 2012, p. 66).

Premido por interesses econômicos, o jornalista tem autonomia relativa, sendo o discurso que produz nem sempre objetivo e verdadeiro, o que justifica a afirmativa de que o texto jornalístico é um “jogo de imagens” que carrega a possibilidade de equívocos e manipulações. Isso porque, esse profissional está amparado em algumas ilusões, entre as quais se destacam o compromisso com a objetividade e com a verdade e o da não subordinação a interesses outros que desviam o jornalismo de retratar a realidade como ela de fato se apresenta, bem como o compromisso de que todos os temas sejam abordados com pluralidade de fontes e isenção (BENETTI, 2007).

O contrato estabelecido entre jornalistas e leitores tem por base a informação verdadeira e atualizada, sendo o texto jornalístico uma construção social que tem na objetividade um guia para a ética profissional e, na linguagem, um eixo de produção de autoridade e legitimidade.

Usando os conceitos de Anthony Giddens (1991), a mídia e os jornalistas compõem importante sistema perito⁴¹, à medida que percebidos como instituições autorizadas a retratar a realidade sem distorções, capazes de oferecer aos atores sociais a atualização e segurança necessárias. Isso porque entre o jornalista e o leitor existe um acordo tácito “que vai além da quimera da objetividade, alcançando os ideais de equilíbrio, pluralidade,

⁴¹ São “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p. 35).

abrangência temática e responsabilidade no trato da informação” (BENETTI, 2007, p. 38).

Dumont e Gattoni (2003, p. 47) argumentam que a sensação de desconforto, ansiedade e perigo ocasionada pelo desencaixe⁴² cria a necessidade de “desenvolver ações que transmitam segurança para sobreviver”. Concluem que “as pessoas não podem sentir-se em constante estado de risco”, razão pela qual “para ganhar segurança, desenvolvem, mecanismos de confiança nos sistemas peritos”. Assim:

Não é exatamente “uma escolha” do leitor crer ou não crer que o jornalismo narre a realidade, pois abrir mão dessa crença significa abrir mão de uma voz estruturadora do real. Por meio dessa voz, é possível saber não apenas o que anda acontecendo no mundo, mas também, e especialmente, o que importa saber sobre o que anda acontecendo no mundo (BENETTI, 2007, p. 38).

Os sistemas abstratos⁴³ oferecem riscos, tendo Giddens (1993) identificado quatro reações possíveis diante dessa realidade: a aceitação pragmática, o engajamento radical, o otimismo sustentado e o pessimismo cínico. A primeira consiste na criação de realidades e paradigmas momentâneos, não havendo expectativa de continuidade e permanência, o que reflete a perspectiva da sociedade líquida de Bauman (2008). Os leitores que reagem dessa forma aceitam as notícias que consomem sem questioná-las, validando e reproduzindo, ainda que temporariamente, as informações e valores nelas contidos.

O “engajamento radical” apresenta-se como uma reação otimista não alicerçada na racionalidade que “ênfatiza a crítica da realidade e a contestação via movimento social”, acreditando na mobilização social para superar os riscos e incertezas do sistema (DUMONT; GANOTTI, 2003, p. 49).

O “otimismo sustentado” é identificado na procura de certezas e verdades absolutas. Também, não há questionamentos acerca das informações consumidas pelos leitores, mas uma confiança estabelecida à

⁴² O desencaixe consiste no “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, 1991, p. 29).

⁴³ Giddens (1991) denomina sistemas abstratos o “conjunto de sistemas peritos e de fichas simbólicas” (p. 84) definidos pelo autor como “mecanismos de desencaixe, pois removem as relações sociais das imediações do contexto” (p. 36).

luz de racionalidades que tendem à permanência. Assim, confia-se que a informação retrata a realidade por ser o jornalista um profissional, tendo qualificação técnica e fontes privilegiadas de informação e consulta.

Assim como o “otimismo sustentado”, o “pessimismo cínico” caracteriza-se por uma reação extremada, caracterizando-se pela criticidade e pela negação das verdades postas.

Embora contem com o jornalismo e seus profissionais para se manterem informados, os leitores “têm se tornado mais céticos em relação à imparcialidade da mídia nos últimos anos” (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012). Percebendo que nem sempre o discurso jornalístico permite visualizar suas condições de produção e os interesses que patrocinam, há, por muitos, a aceitação pragmática da notícia, o engajamento radical por alguns, o otimismo sustentado por outros e o pessimismo cínico por um contingente cada vez mais expressivo de leitores.

Nesse contexto, é importante destacar que nem mesmo a linguagem – operador instrumental do jornalismo – é neutra. Os sujeitos do campo jornalístico – jornalista e leitor – ocupam posição social, sendo necessário compartilhar valores “como a confiança e o compromisso na informação ‘verdadeira’”. Assim, “assimilam uma isenção simbólica, natural, esquecendo-se de que, para além dos procedimentos normativos da cultura jornalística, há escolhas outras, como as de ordem da linguagem” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 185).

Ao considerar a objetividade no processo criativo e de divulgação da notícia, Souza (2012, p. 927) anuncia a neutralidade e a imparcialidade como pressupostos da “boa prática jornalística”. Afirmando, porém, que no discurso jornalístico “os sentidos podem estar ocultos ou silenciados por meio de um processo de escolha, seleção e edição que vai nortear leitores segundo a visão seletiva dos interesses por trás dos processos de edição”.

A comunicação de massa e periódica tem como suporte tradicional os jornais e as revistas. Esses veículos de mídia atingem muitas pessoas, pois, além de chegarem à casa dos assinantes, na versão impressa ou *online*, são consumidos em outros espaços, como nas bibliotecas e, até mesmo, no expositor das bancas de jornal e revistas. Esse alcance e o impacto nas percepções do leitor justificam a atenção de pesquisadores das ciências

sociais que, ao se dedicarem ao estudo de um tema, buscam investigar como este vem sendo tratado pela mídia para, assim, melhor entender as representações sociais acerca do objeto pesquisado.

6. VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO ESCOLHIDOS

Tratam de duas publicações consolidadas no mercado de comunicação de massa brasileiro – Revista Veja e Jornal Folha de São Paulo –, pertencentes a grupos editoriais distintos, com periodicidade igualmente distinta e de grande tiragem no país. Em ambos os acontecimentos, têm papel preponderante sobre o tema⁴⁴. Schwaab e Tavares (2009) registram que o importante é não perder o vínculo com a atualidade, permanecendo a liberdade do veículo na escolha da pauta e no tipo de texto jornalístico a ser utilizado.

Segundo Dias (1998), o amadurecimento do jornalismo impresso se dá a partir das diferenças entre o discurso opinativo, informativo e interpretativo. O jornalismo informativo tem por objeto noticiar os acontecimentos, o interpretativo busca aprofundar a informação, contextualizando-a no tempo e no espaço, enquanto no jornalismo de opinião o principal é que o jornalista assuma uma posição a partir da notícia e busque convencer o leitor da correção e legitimidade de seus argumentos, trabalhando com ideias e valores.

As diferenças nas opções de discurso também foram consideradas na escolha dos veículos, sendo o discurso da revista Veja mais opinativo e o do jornal Folha de São Paulo, mais informativo.

⁴⁴ Segundo Schwaab e Tavares (2009, p. 182), nas revistas brasileiras a presença temática é bastante relevante. Existem revistas especializadas que “nascem e vivem em vista de uma só temática e outras que, partindo de um nicho editorial (classe social, faixa etária ou gênero), elencam uma série de temas, respeitando algumas lógicas da segmentação cultural”.

2.1. VEJA: resgate histórico e características discursivas

Lançada em 11 de setembro de 1968, a revista *Veja*⁴⁵ pertence a um grande conglomerado de mídia denominado Editora Abril. Idealizada pelo ítalo-americano Roberto Civita uma década antes, a revista de periodicidade semanal teve como referência as norte-americanas “*Look*” e “*Times*”. A demora entre a data da concepção da revista e de seu lançamento se justifica em razão da complexidade técnica e dos altos custos operacionais de produção e distribuição, tendo sido necessário à Editora Abril consolidar-se no mercado editorial de revistas brasileiro, ampliar seu parque gráfico para grandes tiragens semanais, construir um acervo técnico e de profissionais, além de captar os recursos necessários para viabilizar o empreendimento (VILLATA, 2002).

Segundo Daflon e Feres Júnior (2012, p. 71), ao longo desses 50 anos de história, a revista *Veja* sempre foi apresentada como um produto moderno e contextualizado, “um produto cultural em sintonia com o projeto de modernização do país”.

A modernidade associada à revista estende-se a seus leitores que, ao consumi-la, passam a integrar um grupo seletivo, e cada vez mais amplo, de pessoas privilegiadas, cultas e formadoras de opinião. Nesse sentido, o ato de consumir *Veja* “passou a ser sinônimo de adquirir uma parcela de modernidade, impressa em máquinas de última geração e elaborada conforme as concepções técnicas, mercadológicas e conceituais de revistas estrangeiras como a *Times* e *Newsweek*” (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012, p. 71).

O alcance e, por consequência, a influência de *Veja* cresceram ao longo dos anos, sendo a revista semanal com maior tiragem do país e a segunda maior do mundo, com mais de um milhão de exemplares em circulação, alcançando mais de seis milhões de leitores toda semana, em sua versão física e digital⁴⁶.

⁴⁵ Do lançamento até 1975, a revista era denominada “*Veja e leia*”, para que se diferenciasse da “*Look*” americana que, entre outras, lhe serviu de referência e inspiração. A “*Look*” foi retirada de circulação em 1975, possibilitando a alteração do nome da publicação brasileira, que deste então passou a se chamar *Veja*.

⁴⁶ Dados divulgados no *site* <www.publabril.abril.com.br>.

Traçando um perfil dos leitores de *Veja*, constata-se um equilíbrio de gênero, sendo 51% homens e 49% mulheres. Desse conjunto, 55% integram as classes A e B, segundo dados atualizados da Editora Abril⁴⁷. Esses leitores, assinantes ou não, segundo a própria revista, “buscam conteúdo de qualidade, são formadores de opinião e consumidores em diversos segmentos”, corroborando a ideia de poder da publicação.

Na fala de Silva (2009), os leitores de *Veja* elegeram-na como representante da intelectualidade e porta-voz da verdade, dotando-a de legitimidade e de grande poder na formação de opiniões sobre os mais diversos assuntos da atualidade.

Pelos números que apresenta e por ser a revista mais consumida no país, *Veja* tem merecido a atenção de pesquisadores como Augusti (2005), Benetti (2002), Bueno e Oliveira Filha (2009), Daflon e Feres Jr. (2012), Hernandez (2004) e Villata (2002), sendo a capacidade de produção de sentidos e de formação de opinião a abordagem mais recorrente nos trabalhos que a utilizam como suporte.

Segundo Benetti (2007, p. 42), “*Veja* não se enquadra nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, notadamente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião (...)”. Essa mesma autora destaca a opção da revista pelo uso da ironia e do sarcasmo como recurso de desqualificação.

Também destacando a singularidade da publicação, tem-se o seguinte registro:

Veja não se encaixa nos gêneros tradicionais de texto jornalístico: seu principal atrativo para o público leitor de classe média é justamente o conjunto de fórmulas interpretativas ou frames que repórteres e editores elaboram em torno dos temas agendados pela mídia diária (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012, p. 71-72).

Hernandes (2004) destacou o caráter centralizador da publicação, informando que os textos veiculados são revisados à exaustão, sendo o texto final produto de diversas mentes. Outra característica da revista apontada por esse autor diz respeito à sua superioridade, colocando-se como arauto do saber e instrumento para quem quer se manter atualizado

⁴⁷ Dados divulgados no site <www.publabril.abril.com.br>.

através de informações precisas, atuais e de qualidade. “A relação entre a revista e um sujeito sem essas competências não é, obviamente, entre iguais. VEJA constrói uma imagem de superioridade. O leitor precisa dela e nunca o inverso” (HERNANDES, 2004, p. 86).

Augusti (2005, p. 79) também oferece a mesma reflexão, destacando que a publicação tem “grande inserção e alto poder de repercussão”. Registra que ela se coloca como doadora de saber e poder aos seus leitores; com grande poder normatizador, cria tendências, elege verdades e posicionamentos diante dos debates sociais, políticos e econômicos que são inseridos em sua pauta.

Esse poder de normatização é exercido à medida que Veja convence seu leitor de que o consumo da revista e a reprodução das opiniões nela veiculadas servirão de atalho para o sucesso e o reconhecimento, sendo uma espécie de manual do comportamento para aqueles que desejam ascender econômica e socialmente (PRADO, 2003).

2.2. FOLHA DE SÃO PAULO: resgate histórico e características discursivas

O jornal Folha de São Paulo, doravante denominado “Folha”, é um periódico de informação diário, cujo primeiro exemplar data de 1º de janeiro de 1960. É fruto da fusão de três jornais paulistas, a saber: “Folha da Noite”, periódico de 1921; “Folha da Manhã”, de 1925; e “Folha da Tarde”, de 1949, tendo, no acumulado, quase 100 anos de história.

Em 1984, posicionou-se favoravelmente ao movimento das “Diretas já”, tornando-se o jornal mais popular entre os leitores. À época com o *slogan* “vende mais porque é melhor”, consolidou-se como o jornal de maior circulação no Brasil. Tem tiragem diária de 326.573 exemplares, consumida por seus assinantes e por leitores avulsos, segundo dados de maio/2018 divulgados pelo IVC⁴⁸.

⁴⁸Entidade brasileira sem fins lucrativos, que tem por objetivo fornecer dados isentos e detalhados sobre comunicação no país. Sua auditoria contempla plataformas múltiplas de mídia, incluindo tráfego *web*, além da circulação e distribuição de publicações, eventos e mídia *out of home*.

A “Folha” é um jornal contemporâneo, que decide sua pauta em atenção ao ineditismo, à atualidade e à relevância das notícias. Segundo Moreira (2006, p. 70), o periódico “declara fazer um jornalismo moderno, crítico, analítico, especializado, de serviço, plural e apartidário”.

Há um equilíbrio de gênero entre os leitores do jornal “Folha”, sendo 50% homens e 50% mulheres. Desse conjunto, 48% têm renda mensal igual ou superior a 8,8 mil reais, integrando, portanto, as classes A e B. No que se refere à escolaridade, o jornal conta com 80% de leitores com nível superior, 15% com nível médio e apenas 4% com nível fundamental de ensino⁴⁹. Isso demonstra a elitização de sua comunidade discursiva, uma vez que metade dos brasileiros não avançou seus estudos para além do ensino fundamental⁵⁰.

A “Folha” se autodeclara um veículo de informação independente, sem viés ideológico. Seu discurso transita entre o opinativo e o informativo, com maior destaque para este último, sendo relevante instrumento de análise já utilizado em trabalhos científicos, como os de Morais et al. (2014), Moreira (2006) e Mota e Capelato (1981).

7. METODOLOGIA

Para a consecução do objetivo proposto, qual seja investigar a educação de idosos enquanto notícia na mídia impressa⁵¹, elegeram-se a revista Veja e o jornal Folha de São Paulo por serem os principais veículos de informação do país. Acredita-se que, por constituírem periódicos de maior tiragem nacional, eles têm maior alcance entre os veículos de mídia impressa e, por consequência, maior influência sobre a percepção de seus leitores.

Este estudo teve como objetivo investigar a educação de idosos enquanto notícia veiculada pela revista Veja e pelo jornal Folha de São Paulo. Para alcançar o objetivo proposto, empreendeu-se uma pesquisa aos

⁴⁹Dados obtidos em: <<http://arte.folha.uol.com.br/poder/2016/10/09/perfil-leitor-folha/index.html?w=620&h=500>>. Acesso em: jul. 2018.

⁵⁰ Dados da PNAD Continuada de 2017.

⁵¹ Termo técnico que compreende, entre outros, os veículos de mídia periódica mais comuns, quais sejam jornais e revistas.

acervos digitais⁵² dos periódicos investigados, sendo relevante destacar que o acervo da “Folha” é gratuito⁵³ e o da Veja, restrito a assinantes.

A pesquisa nos dois veículos compreendeu um período aproximado de cinco anos, de 1º de janeiro de 2013 a 1º de junho de 2018. Inicialmente, cogitou-se a respeito de um período menor, contudo a escassez de material indicou a necessidade de ampliar a abrangência do período pesquisado. O termo inicial, qual seja, 1º de janeiro de 2013, se justifica à medida que nesse ano se comemoraram os 10 anos da Lei nº 10.741 – Estatuto do Idoso⁵⁴, constituindo importante fato para desencadear notícias e matérias temáticas acerca dos direitos da pessoa idosa no Brasil. O termo final coincide com a data de realização da pesquisa.

Após a seleção dos artigos, foi feita uma leitura exploratória e seletiva para a escolha do material que se adequava aos objetivos deste estudo: leitura analítica e análise dos textos, finalizando com a realização de leitura interpretativa e redação.

3.1. VEJA

Na seleção do “*corpus* de análise”, considerou-se como unidade de texto qualquer matéria, independentemente do tamanho ou da seção em que foi veiculada, desde que nela fossem citados os seguintes termos ou expressões de busca: “idoso e educação”, “envelhecimento e educação”, “terceira idade”, “idoso universitário”, “inclusão digital” e “universidades abertas à terceira idade”.

Os instrumentos de busca não se mostraram confiáveis para associação de palavras ou expressões, razão pela qual não foi possível conjugar os termos de busca utilizados com outros afetos à educação, como escola, faculdade, ensino, universidade ou formatura. Assim, sem a possibilidade de associar termos e expressões, foram encontradas muitas matérias estranhas ao universo pesquisado, nas quais os termos de busca

⁵² Disponíveis em: <<http://acervo.veja.com.br> e <http://acervo.folha.com.br>>. Acesso em: jul. 2018.

⁵³ A pesquisa pode ser feita por qualquer pessoa, independentemente de assinatura, mas a leitura está limitada a 10 matérias por mês para não assinantes.

⁵⁴ A Lei nº 10.741 foi publicada em 3 de outubro de 2003, com *vacatio legis* de 90 dias, isto é, só adquiriu vigência em 1º de janeiro de 2004.

eram utilizados com conotação diversa ou para qualificarem objetos, pessoas individualmente consideradas, animais, entre outras. Também foram excluídas da amostra matérias de cunho previdenciário por não atenderem ao objetivo proposto, pois se buscavam matérias que abordassem a educação de idosos.

Os textos encontrados na revista Veja foram identificados por título, autor, edição, data e assunto.

3.2. FOLHA DE SÃO PAULO

O acervo digital da “Folha” compreende as matérias veiculadas nos três jornais do mesmo grupo editorial: “Folha de São Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”, sendo possível selecionar o veículo desejado para a pesquisa.

Diferente da revista Veja, o acervo digital da “Folha” conta com uma opção de “busca avançada”, sendo possível pesquisar “todas as palavras”, “qualquer uma destas palavras”, “exatamente esta frase” ou “nenhuma destas palavras”.

O recorte temporal foi o mesmo, do dia 1º de janeiro de 2013 a 1º de junho de 2018. Utilizou-se o recurso de pesquisar “todas as palavras”, sendo considerada como unidade de texto qualquer matéria, independentemente do tamanho ou da seção em que foi veiculada, desde que nelas fossem citadas as seguintes expressões de busca “idoso educação”, “envelhecimento educação”, “terceira idade educação”, “idoso escola”, “envelhecimento escola”, “terceira idade escola”, “idoso formatura”, “envelhecimento formatura” e “terceira idade formatura”.

Também neste acervo foram encontradas muitas matérias “estranhas”⁵⁵ ao universo pesquisado, tendo sido excluídas da amostra matérias de cunho previdenciário por não atenderem ao objetivo proposto, pois se buscavam matérias que tratassem da educação de idosos.

Os textos foram identificados por título, autor, data e assunto.

⁵⁵ Foram categorizadas como “estranhas” as matérias que tratavam de coisas ou instituições, mas não de pessoas vivenciando o envelhecimento.

8. ARTIGOS ENCONTRADOS

Para melhor compreensão dos resultados, optou-se por separá-los em função do periódico em que foram veiculados.

4.1. VEJA

O *corpus* de análise foi escolhido por mencionar as expressões de busca já apresentadas, excluídos os textos em que os termos foram empregados de forma dissociada, não se propondo informar ou discutir aspectos da educação da pessoa idosa. Os dados obtidos após a triagem permitiram contabilizar dois artigos que traziam relação direta entre as temáticas “envelhecimento” e “educação”.

No Quadro 1, têm-se os artigos encontrados na Veja.

Quadro 1 – Textos encontrados na Veja

Título	Autor	Edição	Data	Assunto
É tempo de se conectar	Talissa Monteiro	2498	05/10/2016	Tecnologia/Educação
Eu me sinto mais jovem	Mabi Barros	2576	04/04/2018	Educação/Comportamento

Não foram localizados artigos com os outros termos ou expressões de busca que passassem pelos filtros anteriormente anunciados.

4.2. FOLHA DE SÃO PAULO

Da mesma forma, o *corpus* de análise foi escolhido por mencionar as expressões de busca já apresentadas, excluídos os textos em que os termos foram empregados de forma dissociada, não se propondo informar ou discutir aspectos da educação da pessoa idosa. Os dados obtidos após a triagem permitiram contabilizar três artigos que traziam relação direta entre as temáticas “envelhecimento” e “educação”. No Quadro 2, têm-se os artigos encontrados.

Quadro 2 – Textos do jornal “Folha de São Paulo”

Título	Autor	Data	Assunto
Uso de celular e rede social prolonga a saúde mental de idosos	Ana Estela de Souza Pinto	21/04/2018	Comportamento/Tecnologia/Educação
Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola	Érica Fraga Ana Estela de Souza Pinto	01/04/2018.	Educação
Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos; confira dicas	Amada Massuela	16/08/2015	Educação/Comportamento

Não foram localizados artigos com os outros termos ou expressões de busca que passassem pelos filtros anteriormente anunciados.

4.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por base os termos e expressões de busca e usando os filtros já apresentados, o resultado final compreende cinco textos que relacionam as temáticas “envelhecimento” e “educação”, sendo dois oriundos da revista Veja e três do jornal Folha de São Paulo.

Esperava-se um número reduzido de publicações, pois, via de regra, as temáticas associadas ao idoso são ligadas a deficiências, limitações, problemas de saúde e Previdência Social. Cumpre registrar que, nos dois veículos de maior tiragem da imprensa escrita brasileira, grande parte dos artigos encontrados abordavam o problema previdenciário brasileiro e a saúde pública. Esses textos não foram analisados, por não estarem de acordo com o propósito da pesquisa.

Sendo a educação instrumento de inclusão e promoção do ser humano, era previsível que não estivesse associada ao idoso – estigmatizado como decrépito, inútil ou incapaz. Ainda que raramente se diga, o fato é que a pessoa idosa ainda é estereotipada na sociedade brasileira, e sua ausência nos textos jornalísticos de Veja e Folha de São Paulo corrobora tal afirmativa.

Existe pressão social para que, em cada fase da vida, seja adotado um modelo comportamental “adequado”, segundo as regras sociais vigentes (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Essa padronização comportamental gera o que Neri (2001) denomina “idade social”, que compreende “o grau de adequação demonstrado pelos sujeitos em relação aos papéis sociais idealizados para pessoas da sua mesma faixa etária que compartilhem da mesma cultura, gênero, classe social e momento histórico” (TEIXEIRA et al., 2015, p. 507).

Do idoso, esperam-se a inatividade, a lentidão, a debilidade, a apatia e a improdutividade, que são comportamentos sociais que não correspondem à realidade de grande número de pessoas acima dos 60 anos de idade, mas que representam uma visão preconceituosa da velhice.

Essas visões são distorcidas, limitantes e nocivas, pois apresentam uma imagem deteriorada e distorcida do sujeito e, no caso específico do idoso, desconsideram a heterogeneidade do processo de envelhecimento (LOPES, 2006).

Estando a educação, sobretudo a escolarizada, associada à infância e à juventude, não há lugar para a discussão sobre o idoso enquanto cidadão detentor do direito à educação, o que não justifica, mas explica, a ausência constatada de temas envolvendo envelhecimento e educação nas páginas da *Veja* e da *Folha de São Paulo*.

Pires (1998, p. 6) afirma ser “possível estabelecer uma ponte que ligue diretamente o que é veiculado pela imprensa com os valores e comportamentos de uma sociedade”. Isso ocorre porque há relação complexa e simbiótica entre os veículos de comunicação e a sociedade, pois se por um lado aqueles se propõem a divulgar, através do trabalho jornalístico, os valores, desejos e necessidades desta, atuando como seus legítimos representantes, por outro estão influenciando e modificando a realidade social, “impondo novos recortes nas relações de poder” (PIRES, 1998, p. 38).

Tal fenômeno foi identificado por Giddens (1991), que o denominou apropriação reflexiva do conhecimento⁵⁶. Assim, o que é produzido, dito ou comentado pelos especialistas é divulgado pelos veículos de comunicação de massa, tornando-se verdade e parte integrante do conhecimento coletivo.

Augusti (2005) aponta como valores dominantes em *Veja*: saúde, prazer, beleza e inteligência, sendo a sabedoria um valor residual. O estereótipo do idoso não atende aos valores dominantes da publicação e, ainda que haja consenso de que o Brasil está envelhecendo rapidamente e que os idosos brasileiros estão, cada vez mais, em busca de ampliar sua formação escolar, essa não é uma temática compatível e interessante para a revista.

Pacheco (2015) noticia a existência de duas teorias que refletem o pensamento excludente em relação aos idosos: a Teoria do Desengajamento e a da Modernização. A primeira data de 1961 e foi formulada entendendo por modernidade o processo de industrialização. Essa teoria sugere que, à medida que o idoso se aproxima do final da vida, ele deve ser segregado de seus pares, porque as limitações ditadas pelo envelhecimento não podem atrapalhar o desenvolvimento humano, que exige rapidez, eficiência e produtividade.

A Teoria da Modernização foi concebida a partir dos trabalhos de Cowgill e Holmes, em 1972. Segundo seus defensores, os velhos têm baixo *status* social, pois, diante da dinâmica do processo produtivo, eles se tornam obsoletos e desvalorizados.

A partir dessas reflexões, Pacheco (2015, p. 232) conclui: “a educação obrigatória proporciona aos mais jovens maior escolaridade, aumentando a probabilidade de estes estarem mais bem capacitados que os mais velhos”. E quando os velhos “teimam” em desempenhar comportamentos sociais “incompatíveis” com a sua idade, eles são criticados e ainda mais excluídos e ridicularizados.

Apesar das críticas que receberam, essas teorias exercem grande influência sobre o pensamento da sociedade contemporânea, que continua

⁵⁶ Segundo Giddens (1991, p. 51), “a produção de conhecimento sistemático sobre a vida social torna-se integrante da reprodução do sistema, deslocando a vida social da fixidez da tradição”.

percebendo a velhice como maldição e o velho como estorvo. Acredita-se que o reduzido número de reportagens encontradas corroboram essas teorias, valores e interesses reproduzidos por esses importantes veículos do jornalismo impresso brasileiro.

Os artigos foram separados segundo os seguintes critérios: educação recreativa e educação formal de idosos.

4.3.1. EDUCAÇÃO RECREATIVA

No texto “**É tempo de se conectar**”⁵⁷, a jornalista Talissa Monteiro apresenta uma visão otimista e atualizada acerca do envelhecimento. Com o subtítulo “Redes sociais, aplicativos, *gadgets*: as novas tecnologias têm sido cada vez mais usadas por idosos que, com elas, se tornam produtivos – e saudáveis”. Talissa chama a atenção do leitor para a importância da tecnologia no cotidiano dos idosos, ressaltando a redução nos índices de solidão e depressão entre aqueles que se valem do *Facebook*, do *Skype*, do *Tinder* e do *WhatsApp* para se relacionarem com familiares, parceiros(as) afetivos(as), amigos novos e antigos.

A matéria registra iniciativas como da jornalista Regina Ramoska, que, percebendo as necessidades dos pais idosos, idealizou um curso presencial e gratuito para ensinar idosos a se manterem conectados. O texto fala de educação digital e dos benefícios de estar conectado.

Por derradeiro, a matéria dá voz a dois idosos que destacaram a satisfação de se manterem socialmente ativos através do domínio e utilização efetiva das novas tecnologias, ressaltando a ideia de prazer e de que o número de idosos inseridos no mundo digital é crescente, segundo dados do IBGE.

A mesma mensagem está contida no texto “**Uso de celular e rede social prolonga saúde mental de idosos**”⁵⁸. O relato tem início a partir da experiência da professora Magali Rossini, que dá aulas para 126 idosos, buscando inseri-los no mundo digital. Além de apontar os ganhos em qualidade de vida, em razão de maior engajamento social e,

⁵⁷ Revista Veja, edição 2498, de 15 de outubro de 2016.

⁵⁸ Jornal Folha de São Paulo de 21 de abril de 2018.

consequentemente, da autoestima e da independência, destaca a importância da utilização das TICs⁵⁹ para manter a capacidade cognitiva do pessoal da terceira idade. O texto registra que muitos idosos procuram conhecer as novas tecnologias para aproveitá-las profissionalmente, de maneira a se manterem ou se reinserirem no mercado de trabalho.

O coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), da USP, afirma que o interesse por cursos de informática é crescente e os idosos, apesar de uma apreensão inicial, têm se adaptado bem às aulas e contribuído com suas experiências de vida, à medida que se mostram participativos e enriquecem as aulas.

Sobre a relação do idoso com as novas tecnologias, têm-se as reflexões de Gonçalves (2007, p. 57), entre as quais se destacam: “os idosos de hoje provêm de uma educação do ‘não mexa aí que vai quebrar’”, “cresceram tendo de, ao usar um equipamento, fazer parte de seu sistema operacional”. Isso porque as tarefas “tecnológicas” de “seu tempo” demandavam conhecimento prévio, paciência e compreensão; não eram tarefas automatizadas.

Diante de uma nova realidade tecnológica, dinâmica, diversificada e automatizada, tem-se um idoso perplexo, sendo necessário romper com os padrões que nortearam sua formação para se adequar às novas tecnologias.

Stepansky (2007, p. 77) entende como problemática a convivência entre os idosos e a sociedade informatizada. Afirma que o uso das novas tecnologias tem impactos no sistema de produção de bens e serviços, na linguagem utilizada e, por consequência, nos comportamentos. Salienta que os idosos estão fora do processo produtivo e que “o mercado socializa, educa, reeduca, mas apenas a quem interessa para a produção e o consumo”, deixando a entender que os idosos não estão entre os indivíduos que interessam.

Corroborando as matérias encontradas, Gonçalves (2007) registra a crescente procura de idosos por cursos de informática, sobretudo nas Universidades Abertas à Terceira Idade, mas adverte sobre a necessidade de identificar o que está por trás dessa motivação e dá pistas no sentido de

⁵⁹ Tecnologias da Informação e Comunicação.

que cada vez mais não se trata de uma simples recreação ou de uma opção para usar o “tempo livre”, mas um caminho para não ser marginalizado ou excluído.

Ao saber utilizar um computador e acessar a Internet, o sujeito passa a estar incluído em uma nova realidade que possibilita o acesso a múltiplos bens (entretenimento, informação, serviços, correspondência,...) que no mundo real estariam atrelados a dificuldades para serem encontrados, em virtude de fatores como a distância, o custo, a disponibilidade de tempo. Assim, a inclusão digital permite igualar as condições de acessibilidade a tais benefícios de interesse, como também a própria busca pelo conhecimento (GOULART; FERREIRA, 2012, p. 24).

Em **“Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos; confira dicas”**⁶⁰, Amanda Massuela noticia aulas de capoeira, curso de redes sociais, ioga, *tai chi chuan*, aulas de bicicleta, convivência entre épocas, oficina de flauta, pintura e dança, além dos cursos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Todas essas iniciativas de educação recreativa ou não formal são direcionadas a idosos e oferecidas de forma gratuita, com o objetivo de contribuir para o envelhecimento ativo na cidade de São Paulo.

4.3.2. EDUCAÇÃO FORMAL DE IDOSOS

Em **“Eu me sinto mais jovem”**⁶¹, Carlos Augusto Manço dá um depoimento à jornalista Mabi Barros. Entusiasmado, o idoso conta detalhes de sua nova rotina, a de estudante de Arquitetura em uma faculdade paulista. O acadêmico, que recebeu dos veteranos o apelido de “juventude”, narra uma história de superação, resiliência e determinação. Técnico em Desenho, conta que sempre sonhou em fazer faculdade de Arquitetura, mas teve que protelar o sonho para atender às necessidades pessoais e familiares.

Carlos mostra-se confiante, comprometido com a formação superior tão sonhada e se diz rejuvenescido pelo convívio com colegas de turma e professores. No depoimento, não relata planos para o futuro distante, talvez

⁶⁰ Jornal Folha de São Paulo de 16 de agosto de 2015.

⁶¹ Revista Veja, edição 2576, de 4 de abril de 2018.

porque, no alto de seus 90 anos, já tenha aprendido a valorizar o presente, vivendo um dia de cada vez.

No artigo **“Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola”**⁶², as jornalistas Érica Fraga e Ana Elisa de Sousa Pinto partem do argumento de que o envelhecimento não deve ser visto como barreira para a continuidade do trabalho e nem para a busca de maior escolaridade. Seja por necessidade, seja por prazer, os idosos têm alçado “voos educacionais”.

Uma pesquisa, desenvolvida a partir dos dados da PNAD 2017⁶³, revelou que os brasileiros têm buscado melhorar sua formação educacional à medida que envelhecem e que essa é uma tendência que vem se intensificando graças ao efeito positivo do aumento da escolaridade sobre a renda.

O economista Menezes Filho argumenta que os brasileiros estão ficando mais velhos e “buscando se educar mais”, pois percebem que precisaram trabalhar mais, uma vez que o Sistema Previdenciário terá que alterar suas regras de maneira a se manter.

Stepansky (2007, p. 73) afirma que “uma ‘revolução silenciosa’ está mudando a face das populações do mundo”. Tal revolução consiste no crescente número de longevos; trata-se de uma conquista social, à medida que reflete melhores condições de vida, mas tende a se tornar um grande problema social se não houver preparação e planejamento para os países envelhecidos. Isso porque a inversão da pirâmide etária deve ser acompanhada de alterações na política previdenciária e nas leis trabalhistas, de maneira a possibilitar a manutenção ou a reinserção dos idosos no mercado de trabalho.

Nesse contexto, mostra-se relevante pensar no idoso enquanto sujeito de direitos, entre os quais o direito à educação, pois, ao acessar esse direito, outros lhe serão facilitados.

Esta mudança no modo de pensar e de verem-se como articuladores da construção do conhecimento está possibilitando a retomada da contribuição de pessoas com mais de sessenta anos para a melhoria e o enriquecimento das condições e relações

⁶² Jornal Folha de São Paulo de 1º de abril de 2018.

⁶³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

culturais dentro da sociedade. Mesmo assim, o ensino voltado para idosos ainda é um assunto que socialmente causa estranheza em razão de estereótipos construídos de forma cultural (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 36).

Assim, mais do que aprender a usar as mídias sociais e os *smartphones*, aprender um novo idioma ou, simplesmente, a ler e a escrever, muitos idosos dedicam-se a “voos educacionais” mais altos, desejam aprender um novo ofício, uma nova profissão e, para tanto, retornam ou ocupam, pela primeira vez, os bancos escolares em instituições públicas e privadas no país.

Aprender algo novo demanda tempo e investimento, além do estabelecimento de projetos de vida que contemplem uma visão de futuro, ainda que seja um futuro próximo.

Entre os benefícios gerados pela ação educativa está o empoderamento do idoso, que se compreende enquanto sujeito de direitos e capaz de lutar pela concretização desses benefícios, sendo essa compreensão fundamental para o desenvolvimento humano. De fato, ao compreender e interpretar o mundo que o rodeia, o idoso “passa a construir e aprimorar a consciência de suas relações interpessoais através de maior aquisição e reconhecimento de direitos e do cumprimento de deveres”, somados a novos sentimentos, valores e percepções de sua própria competência (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 30).

Oportunizar aos idosos o acesso à educação formal e escolarizada é, sem dúvida, excelente opção para o enfrentamento dos desafios impostos a uma sociedade envelhecida, à medida que permite ao sujeito que envelhece manter, adquirir e aprimorar competências e habilidades.

CONCLUSÃO

Os textos apresentados percebem a velhice como uma construção social. Neles há uma proposta de ressignificação do envelhecer, pois colocam em evidência a capacidade de aprendizado, o interesse dos idosos pelas novas tecnologias e o desejo destes em se manterem autônomos, independentes e ativos.

No entanto, percebe-se uma escassez de narrativas que se proponham promover a pessoa idosa, mudando os estereótipos. O silêncio dos periódicos de maior circulação no país acerca do crescimento da demanda de educação formal e informal pelos idosos brasileiros reafirma a manutenção de rótulos e a resistência ou indiferença à necessidade política, econômica e social de se ressignificar a velhice num país de velhos.

É necessário que a imprensa esteja atenta e capacitada para acompanhar o avanço dos idosos, bem como que haja, por parte dos meios de comunicação, uma disposição em contribuir para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos envelhecidos.

Ao propor investigar a educação de idosos enquanto notícia na revista *Veja* e no jornal *Folha de São Paulo*, este estudo contribuiu para uma reflexão crítica acerca do papel da mídia e, sobretudo, dos interesses que estão na pauta dos assuntos a serem noticiados. Acredita-se no poder desses veículos de mídia na construção dos valores e nas necessidades da sociedade brasileira, sendo relevante qualquer contribuição acadêmica que se proponha investigá-los de forma crítica.

Por derradeiro, como o registrado na apresentação da metodologia, esta pesquisa não se propôs investigar o impacto das notícias sobre os indivíduos idosos nem nos não idosos leitores dos periódicos escolhidos, sendo essa uma sugestão para futuras contribuições.

REFERÊNCIAS

AGNEZ, L. F. Consumo da informação na sociedade contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2009.

ALVES, S.; MOREIRA, C. F.; NOGUEIRA, S. Relações sociais, estereótipos e envelhecimento. **Actas de Gerontologia**, Porto, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2013.

AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista Veja. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2007.

BIZELLI, M. H. S. S. et al. Informática para a Terceira idade: características de um curso bem sucedido. **Rev. Ciê t. n.º. Exn.** 2, p. 4-14, 2009.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUENO, M. S.; OLIVEIRA FILHA, E. A. Revista Veja e a terceira idade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, set. 2009.

CARVALHO, C. J. A.; ASSUNÇÃO, R. C.; BOCCHIL, S. C. M. Percepção dos profissionais que atuam na estratégia de saúde da família quanto á assistência prestada aos idosos: revisão integrada da literatura. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 4, p. 1307-1324, 2010.

DAFLON, V. T.; FERES JR., J. Ação afirmativa na revista Veja: estratégias editoriais e o enquadramento do debate público. **Revista Compólitica**, n. 2, v. 2, jul./dez. 2012.

DIAS, P. R. et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1988, Recife. **Anais...** Recife, 1988.

DUMONT, L. M. M.; GATONNI, R. L. C. As relações informacionais na sociedade reflexiva de Giddens. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 46-53, set./dez. 2003.

ERMEL, R. C.; FRACOLLI, L. A. O trabalho das enfermeiras no programa de saúde da família em Marília/SP. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 40, n. 4, p. 1-11, 2006.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. da. Uma leitura da educação e do ensino. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

GONÇALVES, Z. C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: NEGREIROS, T. C. G. M. **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Reviver, 2007.

GOULART, D.; FERREIRA, A. J. Aprendizagem digital de idosos. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

HALL, S. et al. A produção social de notícias: o mugging nos media. In: TRANQUILA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.

HERNANDES, N. **A revista Veja e o discurso do emprego na globalização**: uma análise semiótica. Salvador: Edufba; Maceió: Edufal, 2004.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 62, n. 3, p. 368-371, 2009.

LIMA, C. A.; TOCANTINS, F. R. Necessidades de saúde do idoso: perspectiva para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 3, p. 368- 371, 2009.

LOPES, A. Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, N. M. M.; SIMSON, O. R. M. (Org.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

MARTINS, J. J. et al. Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Rev. Bras. Geriatr. e Gerontol.**, 2007.

MELO, P. B. Um passeio pela história da imprensa: O espaço público dos grunhinhos ao ciberespaço. **Revista Comunicação & Informação**, v. 8, n. 1, jan./ jun. 2005.

MORAIS, I. et al. Jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense: o que dizem sobre o Programa Mais Médicos? **Rev. esc. enferm.**, USP, n. 48(Spec. 2), p. 107-115, 2014.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de S. Paulo**: 1921-1981. São Paulo: IMPRESS, 1981.

MOTTA, L. B.; AGUIAR, A. C. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 2, p. 363-372, 2016.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Qual a idade da velhice? In: _____. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 7-19.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2015.

PIRES, A. **Velhos em revista**: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy, Anos 80 e 90. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

PRADO, J. L. A. O perfil dos vencedores em Veja. **Revista Fronteira: estudos midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. 5, n. 2, dez. 2003.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

SCHWAAB, R. T.; TAVARES, F. M. B. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 180-193, dez. 2009.

SILVEIRA, M. M. Educação e inclusão digital para idosos. **CINTED-UFRGS – Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010.

SOUSA, C. P. M. Discurso e mídia: as relações de poder nas/das revistas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 926-935, set.-dez. 2012.

STEPANSKY, D. A revolução das imagens: a velhice na mídia. In: NEGREIROS, T. C. G. M. **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Reviver, 2007.

TEIXEIRA, S. M. O. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na terceira idade. **Estud. Interdiscipl. Envelhement**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 503-513, 2015.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS*

ALLEGRETTE, F. Envelhecer no século XXI. **Veja**, 23, mar. 2016.

BARROS, M. Eu me sinto mais jovem. **Veja**, 4 abr. 2018.

COLLUCCI, C. Brasil cada vez mais idoso exige rapidez adaptação em políticas públicas. **Folha de São Paulo**, 24 abr. 2018.

FRAGA, E.; PINTO, A. E. S. Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola. **Folha de São Paulo**, 1º abr. 2018.

MASSUELA, A. Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos; confira dicas. **Folha de São Paulo**, 8 ago. 2015.

MONTENEGRO, T. É tempo de se conectar. **Veja**, 5 out. 2016.

PINTO, A. E. S. Brasil cada vez mais idoso exige rapidez adaptação em políticas públicas. **Folha de São Paulo**, 21 abr. 2018.

ARTIGO III

“VOVÔ É O BICHO” – A VISÃO DOS IDOSOS UNIVERSITÁRIOS E DE SEUS FAMILIARES ACERCA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO – Premidos pela necessidade e pelo desejo de “pertencer” à sociedade em que vivem, cada vez mais idosos ignoram os estereótipos de incapacidade e apatia associados ao envelhecimento. Eles querem se manter ativos e produtivos e, para tanto, buscam alternativas, entre as quais se destaca a continuidade da escolarização. A educação apresenta-se como atividade relevante para o idoso em busca de um envelhecimento ativo e saudável, havendo aumento no número de pessoas acima dos 60 anos de idade dentro das universidades. Nesse contexto, busca-se identificar a visão dos idosos universitários e de seus familiares acerca da “educação superior na terceira idade”. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, cujos resultados apontam para ressignificação da educação e do envelhecer no Brasil. Como identificado na pesquisa, estudar não é um verbo que se espera ser conjugado por uma pessoa idosa.

Palavras-chave: Envelhecimento. Educação Superior. Idoso Universitário.

ABSTRACT – Pressed by the need and desire to "belong" to the society in which they live, increasingly elderly, they ignore the stereotypes of incapacity and apathy associated with aging. They want to remain active and productive and, for this, seek alternatives, among which the continuity of schooling is highlighted. Education is a relevant activity for the elderly in search of an active and healthy aging, with an increase in the number of people over 60 years within the universities. In this context, the aim is to identify the view of university students and their families about "higher education in the third age". It is a descriptive and exploratory research, with a qualitative approach, whose results point to a re-signification of education and aging in Brazil. As identified in the research, studying is not a verb that is expected to be conjugated by an elderly person.

Keywords: Aging. Higher Education. University Seniors.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea recebe vários rótulos, como: sociedade do conhecimento, da informação, do consumo, do espetáculo, da sociedade em rede, entre outros. Não se pretende discutir a pertinência e tampouco a maior ou menor adequação de um termo ou de outro, mas evidenciar o que todos esses rótulos têm em comum. Eles refletem a perplexidade humana diante de uma mudança de paradigma: a busca pelo novo e a necessidade de estar sempre rompendo barreiras e superando limites.

Em razão do seu dinamismo, a sociedade tem grande poder de exclusão dos indivíduos. Tavares (2008) aponta a exclusão econômica, social e cultural daquele que não se adapta ao ritmo das mudanças, que não se mantém atualizado.

Ancorada em estereótipos, a sociedade silencia e exclui a pessoa idosa, à medida que a considera incapaz, improdutiva e, portanto, indesejável. De fato, o “velho” não tem espaço numa sociedade “moderna”, seu ritmo é incompatível com a rapidez desejada. Seus atributos não são valorizados numa sociedade em que o conhecimento se renova em curtos ciclos. Contudo, premidos pela necessidade e pelo desejo de pertencer à sociedade em que vivem, cada vez mais idosos rompem o silêncio e ignoram os estereótipos. Eles querem se manter ativos e produtivos e, para tanto, buscam opções, entre as quais se destaca a continuidade da escolarização.

Doll (2007, p. 109) afirmou existir “uma crença generalizada de que a atividade é essencial ao desenvolvimento e a manutenção das forças físicas, da competência cognitiva e das habilidades sociais”. Nesse contexto, destaca-se a educação como atividade relevante para o idoso em busca de envelhecimento ativo, havendo aumento no número de pessoas acima dos 60 anos de idade dentro das universidades, de acordo com Areosa et al. (2016).

Segundo o senso comum, as razões para justificar esse aumento no número de idosos universitários são várias. Muitos, diante dos baixos valores das aposentadorias, decidem estudar para manterem seus postos de trabalho ou aumentar sua remuneração; têm consciência de que é necessário acompanhar o ritmo da modernização para atender às exigências

e se manter no mercado. Outros, em razão de mudanças nas regras previdenciárias, chegam aos 60 anos sem conseguir atender aos requisitos para a aposentadoria, via de regra, idade e tempo de contribuição. Existem aqueles que saíram do mercado de trabalho após a aposentadoria, mas, por razões econômicas ou emocionais e, às vezes ambas, decidem retornar. Há também aqueles que não buscam na continuidade da escolarização benefícios econômicos, mas desejam realizar sonhos, testar limites e capacidades, enfim, viver de forma plena e digna.

Mais do que aprender a usar as mídias sociais e os *smartphones*, aprender um novo idioma ou, simplesmente, a ler e a escrever, muitos idosos dedicam-se a “voos educacionais” mais altos, desejam aprender um novo ofício e uma nova profissão e, para tanto, retornam, ou ocupam, pela primeira vez, os bancos universitários de instituições públicas e privadas do país.

Nesse cenário, universidades têm oferecido serviços específicos para idosos, como o programa extensionista denominado Universidades Abertas para a Terceira Idade. As UNATIs, como são habitualmente designadas, oferecem ensino, pesquisa e extensão a “(...) pessoas em processo de envelhecimento, almejando reinserir o idoso socialmente a partir da criação de novas oportunidades de estudo, as quais buscam resgatar e reafirmar a sua independência e autonomia” (AREOSA et al., 2016, p. 214).

Ainda que muitos idosos utilizem e se beneficiem dos serviços a eles oferecidos pelas UNATIs, há uma procura crescente deste segmento populacional pela continuidade da escolarização formal superior, representando uma busca por cursos de graduação e pós-graduação.

Entretanto, a inserção do idoso no ambiente universitário não pode se restringir a um discurso que enalteça a capacidade cognitiva de alguns, a vitalidade de outros, a resiliência, dedicação e compromisso da maioria. É necessário sair do discurso do que parece ser correto no que se refere à inclusão e igualdade, percebendo o idoso como um cidadão merecedor de respeito e compreensão. Nesse sentido:

Flagra-se na sociedade brasileira um discurso favorável ao idoso, porém inserido em uma realidade prática incompatível, ora reforçado pelo paternalismo, ora pelo assistencialismo, ora

potencializando essa faixa etária, mas sem oferecer um real espaço social (OLIVEIRA, 2007, p. 282).

Assim, são necessárias políticas públicas que contemplem esse público, de forma a pensar em suas particularidades, necessidades, capacidades e limitações. E, como destacou Tavares (2008), é necessário um olhar treinado e atento dos professores a esses novos alunos, maior responsabilidade e sensibilidade na condução do processo de ensino-aprendizagem.

Para Ribeiro (2001, p. 65), “a educação não constitui a cidadania, mas dissemina os instrumentos básicos para o seu exercício”. Assim, assegurar às pessoas idosas o direito à educação é dotá-las dos instrumentos necessários ao exercício da cidadania, razão pela qual se justifica a relevância deste estudo, que tem por objetivo identificar as representações sociais dos idosos universitários e de seus familiares acerca da “educação superior na terceira idade”.

4. ENVELHECIMENTO ATIVO E EDUCAÇÃO

Para Kalache (2009), o envelhecimento é um fenômeno natural e representa uma conquista social, à medida que reflete a única opção diferente da morte. Trata-se de uma etapa do curso de vida, tão importante e merecedora de amparo quanto às demais. No entanto, vem sendo sistematicamente negligenciada por uma sociedade que transformou a juventude num ideal a ser perseguido, um bem que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida (DEBERT, 1999).

Nesse sentido, também se manifestaram Cabral e Ferreira (2014, p. 25): “o envelhecimento é um processo sem transições nítidas entre as mudanças que ocorrem ao longo da vida”. O envelhecimento é, assim, percebido sem marcos, sem fronteiras rigidamente erguidas. Trata-se de um processo que se inicia no nascimento e se desenvolve ao longo de toda a existência humana.

Afirmar que o processo de envelhecimento é natural e essencialmente humano não autoriza inferir sua homogeneidade. Isso porque, ao contrário, se trata de um processo heterogêneo que se intensifica com o avançar da

idade, sendo muitas e diversas as formas de vivê-lo, concluindo pela singularidade do processo, o que autoriza falar em velhices e velhos, no plural (BRITO da MOTTA, 2006).

Cabral e Ferreira (2014) informaram que o curso de vida é marcado pela passagem dos anos, sendo estes assinalados por transições comuns à grande parte dos indivíduos. Mas também são marcados por aquilo que Norbert Elias (2001) identificou como uma forma de desvinculação social e existencial, em que a aposentadoria é o exemplo mais contundente.

Para Debert (1997), entender o curso de vida a partir da percepção evolutiva e linear, em que cada etapa, não obstante particularidades socioculturais, tem caráter universal, é um equívoco. Essa pesquisadora desenvolve o conceito de curso de vida moderno, entendendo-o como:

[...] reflexo da lógica fordista, ancorada na primazia da produtividade econômica e na subordinação do indivíduo aos requisitos racionalizadores da ordem social. Tem como corolário a burocratização dos ciclos da vida, através da massificação da escola pública e da aposentadoria. Três segmentos foram claramente demarcados: a juventude e a vida escolar; o mundo adulto e o trabalho; e a velhice e a aposentadoria. O apagamento das fronteiras que separavam juventude, vida adulta e velhice e das normas que indicavam o comportamento apropriado aos grupos de idade é, segundo Moody, o reflexo de uma sociedade pós-fordista, marcada pela informatização da economia, pela desmassificação dos mercados de consumo, da política, da mídia e da cultura, e pela fluidez e multiplicidade de estilos de vida, frutos de uma economia baseada mais no consumo do que na produtividade (DEBERT, 1997, p. 76).

Assim, na visão de Debert (1997), não seria o curso da vida uma trajetória natural e universalizada dos indivíduos, mas um caminho percorrido dentro da lógica social e econômica, na qual o indivíduo que envelhece se encontra inserido e subordinado.

A dita singularidade do processo de envelhecimento decorre da trajetória ou do curso da vida de cada um, sendo fundamental adotar-se uma perspectiva de curso de vida que reconheça a importância das experiências colecionadas na maneira como os indivíduos envelhecem (OMS, 2015). Não por outra razão, necessário se mostra avaliar a influência dos fatores determinantes do envelhecimento ativo ao longo do curso de vida.

Entende-se por envelhecimento ativo o processo de otimização de oportunidades que têm por resultado a promoção do idoso, assegurado a ele

qualidade de vida à medida que envelhece (KALACHE, 2009). Esse processo permite que as pessoas percebam que é possível manter-se física, social e mentalmente produtivas e dinâmicas ao longo do curso da vida, sendo necessário fazer investimentos ao longo de todo o percurso existencial.

A expressão “envelhecimento ativo” foi adotada pela Organização Mundial da Saúde no fim da década de 1990, compreendendo uma mensagem mais abrangente do que “envelhecimento saudável”, por reconhecer que, além dos cuidados com a saúde, outros fatores afetam decisivamente o processo de envelhecimento (KALACHE; KICKBUSCH, 1997). Nesse sentido, a qualificação “ativo”, atribuída ao termo envelhecimento, indica a participação contínua dos idosos nas discussões sociais, econômicas e culturais (OMS, 2015).

O envelhecimento ativo pressupõe um conjunto de iniciativas públicas e privadas que visam reconhecer e assegurar direitos e deveres aos cidadãos da terceira idade. Busca-se, pois, retardar a desvinculação social e existencial percebida por Nobeit Elias como característica do envelhecimento. Envelhecer ativamente é, portanto, mais do que uma opção, sendo na verdade um direito e, como tal, deve ser assegurado e implementado com políticas públicas.

A Organização Mundial da Saúde (2015), em estudo amplamente divulgado, tratou do envelhecimento ativo e dos fatores que o determinam e promovem, estando a cultura e o gênero na condição de determinantes transversais. De fato, o valor cultural dado ao envelhecimento é variável e determinante do tratamento recebido pela pessoa idosa, assim como o são as questões de gênero. Além dos determinantes transversais, determinantes pessoais, comportamentais, sociais, econômicos e ambientais são apontados, evidenciando a complexidade e singularidade do processo de envelhecimento.

O conceito de envelhecimento ativo pressupõe a compreensão dos atributos da autonomia e da independência, sendo esta de cunho funcional – entendida como habilidade para executar tarefas cotidianas e aquela de cunho cognitivo, definida como habilidade para tomar decisões. À medida

que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade de se manter autônomo e independente.

Colocar programas de promoção do envelhecimento ativo nas agendas dos gestores públicos é de grande importância social e econômica. Isso porque, diante do já anunciado envelhecimento populacional, as nações precisam buscar alternativas para o desequilíbrio entre os integrantes da população economicamente ativa e seus dependentes. Fato esse que pode ser implementado postergando a desvinculação econômica e social dos idosos e mantendo-os, portanto, integrados e independentes.

Segundo a OMS (2015), são pilares do envelhecimento ativo: a saúde, o aprendizado ao longo da vida, a participação social e a segurança.

“Na Terceira Idade a educação é concebida como oportunidade de atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais, políticas e de lazer” (CACHIONI, 1998, p. 8). De fato, um dos objetivos da educação é contribuir para a melhoria da qualidade de vida do idoso, resgatando sua cidadania e dotando-o dos instrumentos necessários para ressignificar o envelhecer.

O acesso à educação é fundamental para a adaptação social do idoso, que necessita acompanhar o processo acelerado de transformações sociais e tecnológicas. Assim, torna-se necessário ingressar ou voltar ao ambiente acadêmico, ressignificando também esse espaço, tradicionalmente identificado e ocupado por crianças, jovens e adultos.

5. AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO

A concepção do que hoje se denominam Universidades Abertas para a Terceira Idade (UNATIs)⁶⁴ tem origem na Europa em 1973⁶⁵. Países como a França e Portugal, à época, já tinham no envelhecimento da população uma grande questão social a demandar políticas públicas.

⁶⁴ São utilizadas as seguintes nomenclaturas: Universidades Abertas à Terceira Idade, Universidades Abertas para a Terceira Idade e Universidades Abertas da Terceira Idade.

⁶⁵ A Primeira UNATI foi fundada em Toulouse, na França, por Pierre Vella.

Segundo Pacheco (2015, p. 227), “o modelo francês tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país que privilegia o segmento mais velho da população, sem, contudo, se fechar às outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento”.

Como adverte Menocchi (2009), originalmente as UNATIs buscavam oferecer atividades culturais e sociais aos idosos, ocupando o tempo livre de seus integrantes e favorecendo suas relações sociais. Não se dispunham a oferecer a continuidade ou aperfeiçoamento da sua escolarização, tendo caráter recreativo à medida que promoviam atividades ocupacionais e lúdicas.

São oferecidos cursos, grupos de estudo e oficinas com conteúdo e metodologia voltados à compreensão do processo de envelhecimento, sendo o acesso a essas modalidades educacionais aberto e disponível a interessados de diferentes formações e interesses.

Segundo Borba (2001), o primeiro projeto educacional brasileiro específico para o idoso teve início com a criação da Escola Aberta à Terceira Idade, do Serviço Social do Comércio (SESC, Campinas, SP), em 1977. Adamo et al. (2012) informaram terem sido a Universidade Federal de Santa Catarina (1983) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1990) as primeiras instituições brasileiras de ensino superior a criarem programas educacionais voltados para os idosos.

Na década de 1990, segundo registram Inouye et al. (2018, p. 3), “houve grande incremento da extensão universitária e de programas de outras instituições voltados à terceira idade no Brasil”. Atualmente, são mais de 150 UNATIs em todo o território nacional, sendo as instituições de ensino superior particulares as que mais têm investimentos na área, seguidas das instituições estaduais e federais (INOUYE et al., 2018).

Adotando procedimentos metodológicos distintos, as Universidades Abertas para a Terceira Idade estimulam a integração e participação social dos idosos, valorizando a convivência em grupo, promovendo sua independência e autonomia e, assim, interferindo positivamente em sua qualidade de vida.

Os currículos das UNATIs são dinâmicos e estão em constante transformação para atender às necessidades e demandas dos idosos, contemplando, de forma geral, orientações e práticas para uma vida saudável, produção e consumo de cultura e estímulo à cidadania, ao voluntariado e ao engajamento social. Trata-se de um modelo de atenção à pessoa idosa baseado na diversidade e na igualdade, tendo como princípios orientadores das práticas educacionais o diálogo igualitário, a inteligência cultural, a capacitação para a mudança, a dimensão instrumental e a solidariedade (INOUYE et al., 2018).

No Brasil, a maioria dos projetos universitários destinados à promoção e compreensão do idoso segue o modelo francês, desenvolvendo programas de educação permanente e valorizando as trocas entre diferentes gerações que neles se encontram e desenvolvem relações (PACHECO, 2016).

Ainda que muitos idosos utilizem e se beneficiem dos serviços a eles oferecidos pelas UNATIs, há uma procura crescente desse segmento populacional pela continuidade da escolarização formal superior, representando uma busca por cursos de graduação e pós-graduação nas instituições tradicionais, públicas e privadas, de ensino superior.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, tendo sido constituída em três etapas, que permitiram apresentá-la de forma mais clara e elucidativa: a primeira consistiu na seleção do *corpus* de análise segundo critérios a seguir apresentados: na segunda, analisou-se o *corpus* encontrado com o auxílio do *software* de análise textual de dados; e, por fim, na terceira etapa, interpretaram-se as falas das pessoas idosas e seus familiares acerca da “educação superior na terceira idade”.

Neste estudo, as mensagens analisadas foram obtidas a partir de textos jornalísticos baseados em entrevistas com idosos ingressantes ou concluintes de cursos de formação superior e seus familiares.

Tais documentos foram selecionados a partir de pesquisa realizada no portal de notícias G1⁶⁶. A busca foi realizada no período de setembro a novembro de 2018 e compreendeu uma década: de janeiro de 2009 a novembro de 2018, pois não foram localizados registros anteriores, sendo orientada pelas palavras-chave “idoso”, “formatura”, “curso superior” e “terceira idade”.

Por disponibilizar conteúdo jornalístico de diversos veículos de imprensa, rapidamente percebeu-se que todas as matérias encontradas em outras publicações *online* tinham notícia correspondente no portal G1, para onde convergem, justificando, assim, a opção pelo portal G1 para a constituição do *corpus* da pesquisa.

Para efeito de seleção e análise, foi considerada como unidade textual qualquer matéria, independentemente do tamanho, identificada pelo seu título, pela origem das informações veiculadas pela redação e pela data de publicação.

Empreendeu-se uma leitura flutuante sobre todo o material encontrado, a fim de identificar e selecionar aqueles que serviriam ao propósito do estudo. Foi necessário que o texto fosse construído a partir da própria fala dos idosos e de seus familiares sobre a formação universitária após os 60 anos de idade.

Dos 27 artigos encontrados, apenas um não foi analisado, sendo o *corpus* de análise constituído por 26 artigos⁶⁷, conforme Quadro 1. A partir das falas dos entrevistados, foram extraídos todos os dados da pesquisa, permitindo investigar a temática da educação superior de idosos nas universidades e faculdades, públicas ou privadas, no Brasil.

⁶⁶ Trata-se de um portal de notícias brasileiro, lançado em setembro de 2006 pelo Grupo Globo e sob a orientação da Central Globo de Jornalismo. O portal disponibiliza o conteúdo de jornalismo das diversas empresas do Grupo Globo, entre as quais se destaca a Rede Globo, a Globo News, as Rádios Globo e CBN e os Jornais O Globo, Extra, Expresso, Valor Econômico e Diário de São Paulo, além das revistas Época e Globo Rural.

⁶⁷ Na análise dos textos encontrados, identificou-se que a mesma notícia havia sido veiculada por duas vezes no portal. Ainda que com data, texto e imagens diversos, referiam-se ao mesmo idoso e diziam da mesma formatura, razão pela qual a segunda reportagem foi excluída da análise.

Quadro 1 – Indicação da origem e data dos textos selecionados

Texto	Origem	Data de publicação
Texto 1	São Paulo	15/07/2009
Texto 2	Goiás	05/03/2013
Texto 3	Ribeirão e Franca	04/01/2014
Texto 4	Minas Gerais	08/08/2014
Texto 5	Rio Grande do Sul	12/03/2015
Texto 6	Bahia	17/04/2015
Texto 7	Goiás	08/06/2015
Texto 8	Rio de Janeiro	23/07/2015
Texto 9	Distrito Federal	29/07/2015
Texto 10	Rio Grande do Sul	24/08/2015
Texto 11	Piauí	29/08/2015
Texto 12	Bahia	11/09/2015
Texto 13	Goiás	20/04/2016
Texto 14	Rio Grande do Sul	08/06/2016
Texto 15	Distrito Federal	10/12/2016
Texto 16	Mato Grosso	30/01/2017
Texto 17	São Carlos e Araraquara	19/03/2017
Texto 18	Bahia	25/03/2017
Texto 19	Sorocaba e Jundiaí	14/09/2017
Texto 20	Distrito Federal	21/02/2018
Texto 21	Piauí	08/03/2018
Texto 22	Rio de Janeiro	06/04/2018
Texto 23	Tocantins	11/08/2018
Texto 24	Ribeirão e Franca	22/09/2018
Texto 25	Caruaru e Região	01/10/2018
Texto 26	Acre	05/11/2018

Fonte: Dados selecionados.

“Por tratar-se de dados que são compostos essencialmente pela linguagem, os mesmos mostram-se relevantes aos estudos sobre pensamentos, crenças, opiniões – Conteúdo simbólico produzido em relação a determinado fenômeno” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 514).

Seja com o propósito de viabilizar a análise de *corpus* muito extensos, seja para dar maior credibilidade aos resultados, afastando subjetividades do pesquisador, o fato é que o uso de *softwares* específicos para análise de dados textuais tem sido cada vez mais recorrente. Camargo e Justo (2013) registram que, desde a década de 1990, tais *softwares* vêm sendo utilizados por pesquisadores brasileiros, sendo instrumentos importantes na organização dos dados, o que facilitou as análises.

O uso de programas de informática para auxiliar os pesquisadores tem recebido críticas à medida que, ao facilitar o processamento dos textos, poderiam afastar o pesquisador do objeto da investigação, propiciando sua negligência. Por essa razão, a utilização de tal suporte tecnológico tem que ser feita de maneira responsável, envolvendo a efetiva participação do pesquisador em todas as etapas do processo e demandando um domínio do estado da arte que envolve o tema específico.

Ciente dessas objeções, este estudo utilizou o *software* IRaMuTeQ⁶⁸ para realizar a análise de dados textuais, ou análise lexical, contabilizando o número de vezes que determinada palavra apareceu num conjunto do texto. O *software* também possibilita a identificação de núcleos temáticos, à medida que apresenta as palavras que estão sempre próximas, isto é, são habitualmente utilizadas dentro de um mesmo contexto, além de realizar dados estatísticos do quiquadrado e da análise fatorial de correspondência para apontar as principais palavras dentro de cada núcleo temático.

A análise de dados textuais é um importante instrumento para a superação da dicotomia entre as abordagens metodológicas quantitativas e qualitativas, à medida que possibilita que se quantifiquem e empreguem cálculos estatísticos sobre os textos.

⁶⁸ Interface de R por análise Multidimensional de Texto e Questionário (IRaMuTeQ), *software* francês, de licença livre, desenvolvido por Pierre Ratinaud, destinado a fazer análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras.

Após a preparação do texto em um único arquivo com identificação através de linhas de comando⁶⁹, o mesmo foi inserido no *software* IRaMuTeQ, que, após reconhecer as indicações dos textos a serem analisados, os dividiu em segmentos de texto (STs). A análise textual desenvolvida pelo IRaMuTeQ resultou em uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e nuvem de palavras.

A técnica da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) organiza os segmentos de texto em função do vocabulário neles utilizado, de maneira que se obtenham classes com vocabulário de semelhança. O resultado da análise desses segmentos textuais de vocabulário semelhante é graficamente representado em um dendrograma, ilustrando as relações entre as diferentes classes (FEITOSA, 2017).

Na nuvem de palavras há um agrupamento e uma organização gráfica das palavras em função de sua frequência, sendo o tamanho da palavra proporcional à frequência em que apareceu no texto analisado. É uma análise gráfica interessante, pois permite a identificação das palavras consideradas descritoras para o tema estudado.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No processamento da análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) no *software* IRaMuTeQ, o *corpus* foi constituído de 26 textos compostos a partir de reportagens com idosos ingressantes ou concluintes de cursos de formação superior e seus familiares. Tais reportagens foram publicadas como matéria jornalística no portal de notícias G1, no período de 2008 a 2018. Na CHD, a retenção de segmentos de textos (STs) para análise foi de 84,27%, com o total de 16.478 ocorrências, sendo 2.041 palavras diferentes, com média de 35,56 de ocorrências por palavra. Para a análise que se surgiu, foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior à média e com $X^2 \geq 3,84$. Da CHD, obteve-se o dendrograma, apresentado na Figura 1 e organizado em cinco classes

⁶⁹ Esta linha, também chamada de linha de asteriscos, informa o número de identificação de cada um dos textos que compõem o *corpus* e algumas variáveis que podem ser importantes para o delineamento da pesquisa.

(Figura 1), denominadas Família, Ambiente Escolar, Desafio, Exemplo de Vida e Superação.

Como pode ser observado na Figura 1, o *corpus* sofreu duas partições a partir do processamento do programa computacional. Houve a primeira partição, que originou duas aglomerações de classes, denominadas EIXO TEMÁTICO A e EIXO TEMÁTICO B. Dentro do EIXO TEMÁTICO A, denominado FATORES RELEVANTES, têm-se quatro classes, assim denominadas: CLASSE 5 – FAMÍLIA; CLASSE 3 – AMBIENTE ESCOLAR; CLASSE 2 – A IDADE COMO DESAFIO; e CLASSE 1 – EXEMPLO DE VIDA. As classes 2 e 1, quando agrupadas, foram denominadas O DIFERENCIAL ETÁRIO. A classe 4, denominada CURSO SUPERIOR, ficou desmembrada das demais quatro classes.

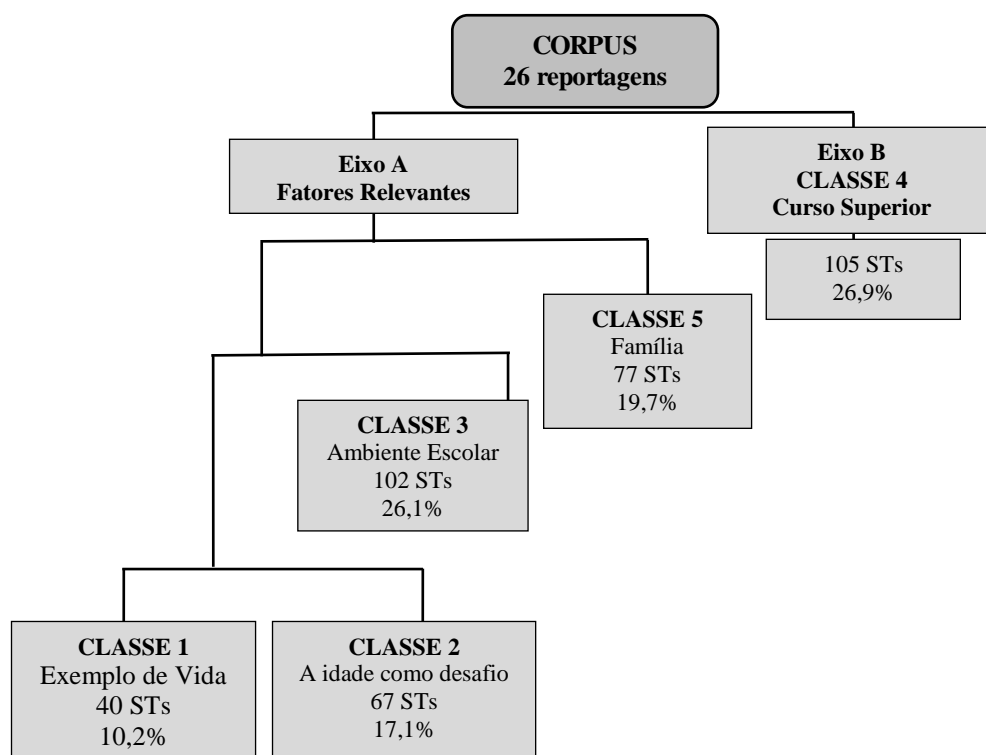


Figura 1 – Dendrograma.

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ, 2018.

4.1. FATORES RELEVANTES

A partir da análise lexical através de IRaMuTeQ, foram identificados quatro fatores relevantes para que o idoso tivesse êxito na busca pelo ingresso e permanência no ensino superior, quais sejam: o apoio familiar, o ambiente escolar, o enfrentamento dos desafios decorrentes da idade avançada e a vaidade de se ver e ser visto como exemplo.

4.1.1. FAMÍLIA: CLASSE 1

Ainda que as questões de família não tenham sido contempladas nos estudos acerca do envelhecimento até a década de 1970, como registra Alves (2007), atualmente “a situação familiar do idoso, passando pela dimensão econômica e afetiva, é uma das maiores referências para a revisão da vida na maturidade” (LIMA, 2014, p. 90).

A Classe 5, denominada Família, envolveu 78 STs. Conforme a Nuvem de palavras apresentada na Figura 2, as palavras que contribuíram para a discussão dessa classe foram “criança”, “casar”, “capital”, “trabalhar”, “irmão”, “marido”, “ajudar”, “amor”, “Deus” e “hospital”.

Cumprir registrar que o tamanho da fonte com que cada palavra é apresentada na nuvem é proporcional à sua ocorrência. Assim, quanto maior a fonte, maior sua ocorrência nas reportagens. O *software* utilizado, além de quantificar as palavras, estabelece uma relação de proximidade entre elas, razão pela qual aparecem nas nuvens termos que isoladamente não dizem do assunto pesquisado, mas nelas se encontram por estarem associados às palavras em destaque.

Tais palavras são utilizadas num mesmo contexto, registrando-se que pertencer a uma família implica uma série de deveres, como cuidar das crianças, irmãos e marido, bem como ajudar nas despesas do lar, sendo necessários: capital, trabalho e amor para vencê-los. A fé em Deus e as doenças dos próprios idosos e, ou, de seus familiares também ganham destaque, sendo a primeira a força necessária para vencer as limitações e dificuldades impostas pelas segundas.

Significativa é a fala do idoso identificado como Texto 7, ao dizer que “agora chegou a **minha** vez” assume uma postura de independência e valorização do eu, antes impossível em razão das dificuldades. A nova rotina estabelecida ao idoso em razão de seus compromissos enquanto aluno cria novas demandas e prioridades, e, a depender do contexto familiar, esse processo deflagra um “afrontamento das expectativas familiares com relação ao idoso”, sobretudo em se considerando que “a teia da solidariedade geracional (...) coloca o idoso no eixo de apoio à família”, como registra Lima (2014, p. 94).

Todos os registros que apontam a família como um obstáculo à pretensão de estudar datam do passado, não havendo registros de que os familiares dos idosos se coloquem contrários à empreitada do ensino superior. Ao contrário, vários deles se dizem incentivados e apoiados pelos familiares.

As doenças e, conseqüentemente, os tratamentos e internações dos idosos e de seus familiares apareceram em muitos relatos, sendo, na maioria deles, invocado para indicar a determinação e a vontade de superar obstáculos.

Estudei com minha esposa doente, ela teve que tirar um rim, depois faleceu. Foram 56 anos juntos. Eu quebrei as costelas, fiquei diabético, agora apareceu uma síndrome que não quis saber o que era, mas sempre frequentei as aulas. Foi assim a minha vida. (Idoso, Texto 22)

Eu acho que a maior lição no curso quem deu foi o seu João. Ele sofreu um infarto, passou por problemas pessoais e nada fez ele desistir do sonho dele. (Colega de idoso, Texto 2)

Ainda que não se restrinjam aos idosos, é maior a incidência de doenças críticas entre os indivíduos deste segmento populacional. Apesar de tais enfermidades imporem limitações, elas não aparecem como empecilho para estudar, sendo, muitas vezes, utilizadas como oportunidade para avançar nos estudos. “Quebrei minha coluna inteira com isso (trabalho na roça). Fiz duas cirurgias na coluna, tenho mais duas para fazer. Foi aí que desisti e decidi estudar” (Idosa, Texto 21) o relato da idosa que justifica a opção por estudar diante da impossibilidade física de continuar o trabalho na roça.

Por derradeiro, registra-se a associação entre família e fé, sendo recorrente a ideia de que a continuidade dos estudos e a oportunidade de voltar aos bancos escolares decorrem da vontade divina, assim como os projetos que têm para o futuro próximo, pois “Se Deus permitir, vou até os 120” (Idoso, Texto 12).

É necessário apontar a família como principal rede de apoio do idoso estudante, à medida que filhos, netos, cônjuges e irmãos aparecem nos textos como colaboradores reais, não se limitando a proferir palavras de estímulo, mas participando ativamente. Situação muito próxima à descrita por Lima (2014, p. 92), que constatou “além do incentivo, em muitos casos, também observamos a integração e participação ativa dos familiares”. Nesse sentido, Ramos (2014, p. 188) destaca a necessidade de mobilização da família para que assuma “seu papel no processo de valorização dos idosos”.

Ele riu e disse que não iria passar. Eu fiz a inscrição, ele fez a prova e quando saiu o resultado vimos que ele foi o segundo melhor colocado. Ele deu uma risada tão espontânea. Uma mistura de choro com riso. (Filho se referindo ao pai idoso, Texto 12)

Assim como o registrado por Alves (2007, p. 129), “as expressões que denotavam conflito e tensão (...) foram pouco citadas” pelos idosos, talvez porque de fato prepondere o apoio familiar em relação à sua inserção universitária, talvez porque não seja “adequado” expor este tipo de conflito, sobretudo em se tratando de um registro a ser noticiado pela imprensa, o que é uma limitação da pesquisa. Melhor explicando, os textos não evidenciaram o contexto da entrevista e, nesse sentido, perdem a expressão corporal do entrevistado, pausas, excitações, mudanças de assunto etc., que muitas vezes são fundamentais para referendar ou negar um discurso ou, mesmo, para dar sentido a ele.

4.1.2. AMBIENTE ESCOLAR: Classe 3

A Classe 3, denominada AMBIENTE ESCOLAR, envolveu 101 STs. Conforme a nuvem de palavras apresentada na Figura 3 e as que contribuíram para a discussão desta classe foram “professor”, “aula”, “sala”, “colega”, “trabalho”, “escrever” e “conclusão”. Essas palavras se referem aos desafios impostos pelo ambiente escolar, passando pelo relacionamento dos idosos com os professores e colegas de turma, pela adaptação ao espaço físico da sala de aula, bem como pelas exigências do processo educacional, como a realização de trabalhos, sobretudo para escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

e, com altivez, têm ocupado, de forma legítima, espaços tradicionalmente reservados a outras gerações.

Enfrentei grandes dificuldades, sofri. **A faixa etária nem sempre é condizente com a nossa realidade.** (...). "No trote, me chamaram para dar aulas de anatomia", lembra ele, rindo. "**Ninguém acreditava que eu estava lá para estudar,** aos 76 anos". (Idoso, Texto 1, grifos do autor)

Segundo dados da PNAD 2017⁷⁰, a taxa de analfabetismo no Brasil é de 7,0%, compreendendo um contingente de, aproximadamente, 11,5 milhões de analfabetos. Destes, 19,3% estão acima dos 60 anos, ou seja, 2,9 milhões de cidadãos brasileiros. Esses números apresentam tendência de queda e variam de acordo com a região geográfica, estando no Nordeste o maior número de analfabetos, 14,5%; e no Sul, o menor percentual, 3,5% do total.

Tais estatísticas explicam o relato de muitos idosos sobre uma trajetória de exclusão em relação à educação formal. Por fatores vários, sobretudo ligados a dificuldades econômicas, não frequentaram o ambiente escolar na infância ou na adolescência. Também merece registro o fato de que numa sociedade patriarcal e machista o acesso à educação formal era visto como um comportamento social inadequado para mulheres, sendo muitas delas privadas por seus pais de frequentar a escola.

Eu fui empregada doméstica, morava em cidade pequena, trabalhei como babá e desde os 16 anos costurei até começar a estudar há cinco anos. Fiz o ensino fundamental, fiz as provas passei, aí comecei o ensino médio. Descobri que gostava de estudar e que queria ir mais longe. (Idosa, Texto 3)

O analfabetismo, ou a baixa escolaridade ao longo da vida, foi mencionado em alguns textos, aparecendo como fator de tristeza, vergonha e constrangimento, como no relato da idosa, que passou a infância na lavoura e trabalhou como doméstica:

Eu era meio triste, as pessoas falavam que era analfabeta, parecia que tinha uma faca que cortava o coração. (Idosa, Texto 8)

⁷⁰ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

A “faca que cortava o coração” é uma figura de linguagem que expressa, com intensidade, a sensação de “não pertencimento”, de “exclusão”, isso porque ser analfabeto é estar à margem da “sociedade do conhecimento”, caracterizada, segundo Dziekaniak e Rover (2011), pelo uso compartilhado dos recursos necessários à construção coletiva de conhecimento. Tal fato promove uma interação livre, sem restrições de espaço e tempo e centrada na valorização do direito à informação, através das novas tecnologias de informação e comunicação.

De fato, o analfabetismo e a baixa escolaridade são causas de exclusão social e impõe sérias limitações ao exercício da cidadania. Os idosos que superaram essa realidade mostram-se orgulhosos e empoderados. Nesse sentido é o relato seguinte:

"Eu quero ser uma pedra bruta, não quero ser uma pedra lapidada, não." (...) Ele só aprendeu a ler e a escrever com mais de 65 anos, após assistir às aulas do Telecurso 2000 pela televisão. "Sou autodidata", define-se. Hoje, ele exhibe com orgulho os documentos que comprovam sua alfabetização e graduação tardias. (Idoso, Texto 22)

Esse fragmento de texto representa a fala de um dos idosos cuja trajetória educacional foi objeto de reportagem no portal G1. A “pedra lapidada” sofre interferências e se mostra diferente de seu estado original. Assim, ao fazer alusão à pedra bruta, o idoso diz que não quer ter sua essência modificada, pois reconhece suas virtudes e competências, que no contexto da narrativa possibilitaram superar o analfabetismo aos 65 anos de idade. Em outro relato, o idoso registra que na cerimônia de formatura, quando recebeu o diploma, fez “questão de falar, eu tenho 81 anos, e foi todo aquele aplauso, de pé, aquela coisa sensacional” (Texto 6).

Realização de um sonho antigo para vários, alternativa contra a solidão para muitos e alternativa para ocupar o tempo livre, *hobby*, instrumento para se manter ativo, participativo e incluído na sociedade, um desafio a ser superado com coragem. Enfim, essas são algumas das diferentes funções da educação superior que emergiram na fala dos idosos, como pode ser observado nos textos descritos a seguir:

Foi a consolidação de um objetivo de quatro, cinco décadas. (Idoso, Texto 1)

Não adianta ficar em casa que começam as dores. Dores crônicas, dores de saudade. Ter a casa vazia traz tudo isso. (Idosa que, após a morte do marido e da irmã, decidiu "ocupar a cabeça", Texto 19)

Eu sempre gostei de estudar. Um hobby que eu tenho é estudar. E gosto mesmo. Faço com que todo o pessoal da minha família estude (...). (Idoso, Texto 18)

Eu me aposentei, mas não parei. Nunca. Tem uma frase que sempre usei na minha vida: "Todo o movimento que estaciona, morre. Então, eu não paro nunca", afirma. (Idosa, Texto 10)

Agora, tomei coragem e fui. Vamos ver se aguento completar esses cinco anos. (Idoso, Texto 24)

Eu entrei em química porque não queria ficar em casa na ociosidade. Eu sentia que a cada dia ficava mais esquecido e percebi que não podia parar de estudar, pois é isso que faz a minha mente funcionar, não tem outra maneira. Eu tinha que estimular meus neurônios. (Idoso, Texto 26)

Eu parei de trabalhar em dezembro e, logo após alguns dias, vi que não podia ficar parado, pois iria enlouquecer. Aí prestei o vestibular e, no começo do ano seguinte, eu já estava estudando para realizar meu sonho antigo, que estava guardado na gaveta. (Idoso, Texto 7)

Nas falas a seguir, estudar está ligado à juventude; assim, os idosos estudam para se manterem jovens. A vitalidade, comprovada no bom rendimento escolar, é comemorada tanto pelo idoso quanto por seus familiares e, por vezes, utilizada para negar o envelhecimento ou seus estereótipos, tal como o percebido nos textos 5, 11 e 18.

Eles [colegas de turma] ficaram surpresos ao ver um aluno de idade avançada participando na sala de aula como se fosse um adolescente, **cheio de energia, disposto** a encarar os 10 semestres da graduação. (Idoso, Texto 5)

A gente comenta que ele é **jovem**. Ele quer ser **moderno**. (Neta comentando que o avô não se parece com um idoso, Texto 11)

Que homem **poderoso**. Ninguém diz que ele tem 81 anos. (Neta em clara dissociação entre envelhecimento e poder, Texto 18)

Destaca-se a fala de um idoso de 79 anos que afirma: "Eu estava muito emocionado. Levantei o canudo como se estivesse levantando uma bengala, foi **libertador**, uma grande satisfação" (Idoso, Texto 22). De fato, a

inclusão social estabelecida a partir da educação é libertadora dos rótulos e estereótipos da velhice, justificando a satisfação do entrevistado.

A relação dos idosos com os demais alunos e professores parece ser pautada pelo respeito, companheirismo, auxílio mútuo e admiração, uma vez que o ambiente escolar é propenso às trocas intergeracionais.

Sendo o professor um facilitador no processo de ensino e aprendizagem, ele deve estar atento às vantagens dessas trocas de experiências e competências entre alunos de segmentos etários diversos. Nesse sentido, a presença dos idosos em sala de aula deve ser estimulada, pois tem grande potencial para tornar o aprendizado mais dinâmico e inclusivo. Assim, é o relato dos idosos nos textos 10 e 14:

Mas os professores foram 100% comigo. Meus colegas eram atenciosíssimos e sempre chegavam com um cafezinho e copo d'água. (Idosa, Texto 10)

Eram colegas todos muito jovens, e a maioria era menina. Mas para mim foi um sucesso. Todos eram muito bem educados. A gente fazia trabalho em grupo e tudo. Eles me aceitaram como eu sou, descreve. (Idoso, Texto 14)

Contudo, há registros de preconceitos e dificuldades de adaptação; nesse sentido, um dos relatos informa que o idoso se sentiu “um **estranho no ninho**” (Texto 5) e outro diz “eu fiquei meio **esquisito** no meio da turma, porque você vê tudo meninos com cerca de 20 anos” (Idoso, Texto 24), demonstrando o desconforto com a nova situação. De fato, a educação é marcada por estereótipos, estando sempre associada à juventude. Idosos universitários parecem assim realizar um desencaixe de funções e expectativas em relação à velhice e à educação formal. É o que se infere dos fragmentos textuais a seguir apresentados:

Eu me matriculei quando o curso já tinha começado. Quando cheguei na sala a turma ficou meio espantada. Eles devem ter pensado: “O que essa velha quer?” (Idosa, Texto 19)

Prestei o vestibular junto com o meu neto que formou no ano passado, quando cheguei perguntaram se eu era acompanhante, disse que não, que eu mesma iria prestar o vestibular. Recebi muitos “nãos”, mas nunca desisti. (Idosa, Texto 3)

Muita gente não aceitava, por causa da minha idade, mas eu não dei a mínima importância. Respondi às críticas com a minha formatura. (Idoso, Texto 2)

A gente sempre o incentiva para fazer algo diferente. Até para saúde, né? Mas não imaginávamos uma graduação. (Neta se referindo à opção do avô idoso por iniciar uma graduação, Texto 5)

Havia rejeição de alguns coleguinhas. Acho que pensavam: o que esse velho está fazendo aqui. Surpreendentemente, sai muito antes do que eles esperavam. (Idoso, Texto 12)

Esse desencaixe deixa os idosos com uma sensação de inadequação, medo e vergonha, pois se trata de uma “transgressão”, de uma ofensa às expectativas geracionais construídas e assimiladas socialmente. Por essa razão, uma das idosas relata que a inscrição para o vestibular foi feita sem o conhecimento de nenhum de seus sete filhos, e quando eles iam visitá-la “eu jogava os livros embaixo da mesa”, justificando que “tinha medo de não ser aprovada” (Idoso, Texto 19).

Essa sensação não é só do idoso, uma vez que ela se estende aos familiares, professores, colegas de turma e à sociedade em geral: “Muita gente não aceitava” (Idoso, Texto 2). Exemplificando esse registro, tem-se o depoimento de um jovem que se tornou colega de turma de um idoso e que, para homenageá-lo, na cerimônia de formatura assim descreveu suas primeiras reações diante daquele senhor de cabelos brancos e bala nos bolsos: “Enquanto a direção se apresentava na frente dos alunos, uma pessoa despertava a atenção por seus cabelos brancos. (...) Eu particularmente pensei: 'Deve ser o dono da Uninove!' Após o término da apresentação, fomos divididos em duas salas. E ao chegar à sala B me deparei com aquele senhor que continuava a me intrigar... Arrisquei novamente: 'Como o curso de medicina é novo, pode ser o Presidente do Cremesp!’” (Colega de turma de idoso, Texto 1), o idoso não estava entre iguais.

4.1.3. O DIFERENCIAL ETÁRIO: Classes 1 e 2

A idade e as limitações decorrentes do envelhecer aparecem em todos os relatos como desafios a serem superados. Ao superarem a vergonha, a sensação de exclusão e os preconceitos ao ingressarem no ensino superior, os idosos universitários tornam-se exemplos de vida para si

O segredo maior está dentro da gente. É você ter aquela vontade de conhecer, de viver atualizado com a realidade da vida hoje. (Idoso, Texto 11)

Os idosos universitários, apesar das diferentes trajetórias e aspirações, têm projetos de vida, que são o elemento que os diferencia e agrupa. Buscam vivenciar a “bela velhice”, mas não se colocam numa posição de inércia, esperando que ela chegue como forma de recompensa pelos anos vividos; são ativos, lutam por seus desejos e direitos, dedicam-se, empenham-se, buscam a felicidade e, como afirma um deles, “**o cé** **limite**” (Idoso, Texto 13), ou, como diz outro aos 86 anos de idade, “**Quero aproveitar a vida da melhor maneira que eu puder** (Idoso, Texto 20).

u é

Desconsiderando a idade, eles têm projetos, uns querem continuar estudando, pensam em passar na prova da OAB⁷¹, fazer especializações, mestrado, novas graduações; outros querem exercer o ofício para o qual se capacitaram através da formação superior. Assim é o relato dos textos 17, 18 e 7 do *corpus*:

Eu quero continuar dentro do esporte, acho que como professora de Educação Física eu tenho uma chance. (Idosa, Texto 17)

Meus planos são de primeiro tentar fazer o exame da OAB, para passar, e também fazer um curso de especialização em direito do trabalho. Eu vivo para ajudar a quem precisa. Por isso eu estou aqui. (Idoso, Texto 18)

Já enfrentei o desafio de ser um idoso na sala de aula, então quem sabe eu até possa exercer a profissão. Nunca é tarde para correr atrás dos sonhos. (Idoso, Texto 7)

O trabalho, comumente associado a algo penoso, maçante, é ressignificado no envelhecer. Ele se torna um elo com o mundo, uma justificativa para se estar vivo, uma forma de ser útil. Nesse sentido, Lima (2014, p. 84-83) coloca que “o trabalho alienado toma, aqui, uma dimensão de relevância imprescindível para a compreensão dos processos de ressignificação da vida desses idosos (...)”. É o que se observa nos fragmentos dos textos 25 e 23:

⁷¹ Exame específico para os bacharéis em Direito, cuja aprovação lhes credencia ao exercício da advocacia.

Vou fazer uma especialização em geriatria para trabalhar com pessoas idosas. Esse é o meu foco. Eu quero manter o corpo e quero ajudar outros idosos a terem qualidade de vida e motivar jovens. (Idoso, Texto 25)

Ministrando aulas em breve, daqui a quatro anos, da faculdade para a escola onde trabalho como vigilante noturno. Eu quero ser professor aqui, comentou. (Idoso, Texto 23)

A ocupação do tempo de vida apenas com atividades de lazer não satisfaz, como se depreende do relato de uma idosa de 86 anos que, justificando a opção pelo estudo e com planos para trabalho, relata que a rotina em casa era dividida entre desafios de lógica (conhecidos como *sudoku*) e jogo de buraco no *tablet*. Em síntese, afirma: "não rendia nada" (Idosa, Texto 21).

Também merece registro o fato de que grande parte dos idosos universitários entrevistados têm projetos para um futuro próximo, muitos deles relacionados ao desempenho da atividade profissional para a qual se capacitaram nos cursos de graduação realizados.

Há importante quebra paradigmática, em que a velhice sempre esteve associada ao fim, à morte; contudo, a partir da inserção da pessoa idosa no ambiente escolar, o envelhecer passa contemplar novas possibilidades, por exemplo: fazer novos amigos, aprender uma nova profissão, viver de forma intensa e significativa.

A resiliência, dedicação, compromisso e disposição desses idosos universitários são vistos pelos familiares, colegas de turma e professores como exemplos a serem seguidos. Nesse sentido, apresentam-se os seguintes relatos, extraídos dos textos 1, 3 e 4:

Ele é muito esforçado. Se faltou cinco dias nesses seis anos, foi muito. Só deixava de ir quando tinha algum problema de saúde ou exame para fazer. (Colega de turma de idoso, Texto 1)

[...] Foi uma aluna assídua, dedicada, interessada e que nunca se valeu da questão da idade para conseguir nenhum tipo de benefício. Ela sempre participou de todas as atividades e sempre foi exigido dela o que se exigia de toda a classe. (Professora de idosa, Texto 3)

Nunca é tarde para se aprender, ela é um exemplo que todos nós devemos seguir. Quando eu chegava em casa de madrugada e tinha que sair de manhã, às vezes dava aquela preguiça, eu sempre pensava nela, pensava que ela estava lá e nunca faltava às aulas. (Colega de idosa, Texto 4)

Contudo, necessário se faz perceber que ser esforçado, assíduo, dedicado, interessado e resiliente são predicados necessários a todos aqueles que, independentemente do segmento etário a que pertençam, pretendam uma formação superior. Os idosos são cidadãos comuns e não devem ser tratados de forma diferenciada, afastando-se preconceitos, ainda que estes se apresentem de forma velada.

Já a Classe 2, denominada A IDADE COMO DESAFIO, envolveu 57 STs, conforme a nuvem de palavras apresentada na Figura 5. As palavras que contribuíram para a discussão dessa classe foram “idade”, “dedicar” e “relatar”.

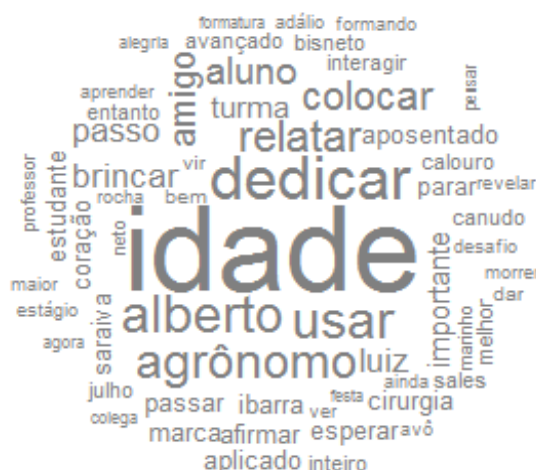


Figura 5 – *Ranking* das palavras mais evocadas na Classe 2.

Fonte: Elaboração da autora com base nos relatórios do *software* IRaMuTeQ, 2018.

A limitação mais recorrente nos textos analisados diz respeito ao domínio das novas tecnologias pelos idosos universitários, sendo a educação digital de grande importância para a realização de cursos superiores. De fato, a partir do século XX as tecnologias voltadas para a informação e comunicação ganharam destaque, sobretudo, em razão da internet.

Brito (2012) destacou uma nova categoria de pessoas – os infoexcluídos. Pereira e Neves (2011, p. 8) advertem que um dos grupos “potencialmente infoexcluídos são os idosos, uma vez que foram educados

numa época em que saber ler e efetuar cálculos matemáticos era quase suficiente para se sentirem informados”. As falas seguintes bem ilustram esse caso:

O que me maltratou um pouco foi que eu não sabia nada de computação. (Idosa que escreveu o TCC à mão, Texto 19)

Comecei escrevendo tudo à mão, mas errava muito e rasgava a folha. No computador, tinha a vantagem de ir escrevendo e consertando, mas sou péssima em digitação. (Idosa, Texto 20)

Não há relatos de problemas cognitivos, ainda que o senso comum os associe aos idosos, sendo a experiência desses senhores, em alguns registros, um facilitador do aprendizado. A manutenção das atividades intelectuais retarda o envelhecimento cerebral e, portanto, a perda da capacidade cognitiva. Nesse sentido, Nordon et al. (2009, p. 5) explicaram que, quanto mais ativo intelectualmente se mantém o cérebro, “mais tempo ele demorará para perder suas conexões e, conseqüentemente, apresentar uma perda sintomática, tendo em vista sua excepcional capacidade plástica”. As falas dos textos 12 e 23 confirmam tais informações:

Na prática, eu já dominava muitas coisas que os professores explicavam. Ainda assim, o ganho técnico foi muito grande. Não tem como dimensionar. No início, os professores pareciam barreiras, mas foram extraordinários. (Idoso, Texto 12)

O professor mostrou onde a gente podia fazer pesquisas e deu um exemplo: “como pesquisar as roupas que as mulheres usavam na década de 70”. Aí eu disse: “isso não preciso pesquisar, professor, eu me lembro como a minha namoradinha se vestia”. (Idoso, Texto 23)

Nessa perspectiva, destaca-se a fala de um dos entrevistados que, aos 77 anos de idade, após um infarto, formou-se em Fisioterapia:

A lição que se extrai disso tudo é que não há limites. A humanidade está muito acostumada a se autolimitar. Isso determina onde você vai. Existe a teoria das crenças autolimitantes, a idade é uma delas. Se você crer que só vai até aqui, você só vai até aqui. Entretanto, não há limites quando você quer ir longe. (Idoso, Texto 12).

As crenças são “estruturas de conhecimentos socialmente compartilhados a respeito dos atributos de pessoas ou objetos”, não

Embora o envelhecimento seja acompanhado de uma série de adversidades, a pior delas é o despojamento social.

Cachioni (1998, p. 32), ao destacar as adversidades enfrentadas pelos idosos no convívio em sociedade, afirmou: “(...) têm que lidar com crenças sociais e os estereótipos da velhice, que geralmente supervalorizam as perdas, as incapacidades, as restrições e o declínio, sem considerar a possibilidade de ocorrência de ganhos evolutivos e compensatórios”.

Oportunizar aos idosos o acesso à educação superior é importante instrumento de empoderamento desses sujeitos diante das adversidades anteriormente expostas. Assim, contribui para o envelhecimento ativo à medida que favorece o desenvolvimento e manutenção da capacidade cognitiva, além de propiciar as trocas intergeracionais, auxiliando no engajamento social.

Os idosos entrevistados pelo G1 também apresentam relatos de superação, sendo vários os obstáculos, com destaque para a recorrência aos problemas de saúde, aos problemas familiares e à falta de recursos financeiros. No entanto, mostraram-se otimistas e dispostos a superar esses desafios, sendo a educação importante instrumento para auxiliá-los na superação das adversidades, conforme relatado nos fragmentos dos textos 4 e 7.

Mais uma conquista, a vida é de conquista, nós não podemos ficar parados, temos sempre que almejar alguma coisa, algo a mais que nos pertence e que ainda não alcançamos. (Idoso, Texto 4)

Sempre fui um homem que trabalhou muito, mas faltava algo. Por isso que, quando surgiu a oportunidade de estudar, **mesmo já com a minha idade**, vi que eu seria um orgulho para meus filhos, netos e bisnetos. (Idoso, Texto 7 – Grifos do autor)

O trecho grifado registra uma fala preconceituosa do próprio idoso, que, de forma a transgredir os papéis sociais idealizados, deixa o ambiente privado e da inatividade para se inserir em espaço universitário, mesmo que já contabilize 76 anos de idade e que tal comportamento não pareça o mais adequado para a sua idade.

Superar adversidades, romper crenças baseadas em estereótipos e afastar comportamentos sociais preconceituosos são os grandes desafios a serem enfrentados por todos os idosos, sendo necessário capacitá-los para a educação e da informação.

CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados e analisados, é possível concluir que, na visão dos idosos universitários e de seus familiares, a educação na terceira idade é permeada por contradições. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma realização pessoal e de uma conquista familiar. A família ora se apresenta como limitação, entrave, empecilho, ora como degrau, base de apoio e de enfrentamento das adversidades.

O ambiente escolar é, ao mesmo tempo, hostil, estranho, excludente e receptivo, afetuoso e desafiador. As pessoas com quem o idoso tem contato nas universidades e faculdades, basicamente colegas de turmas e professores, ora se mostram pacientes e atenciosos, ora deixam escapar visões preconceituosas e estereotipadas acerca da pessoa que envelhece.

As limitações, sobretudo de ordem física, são consideradas desafios e parecem não inibir os idosos, que se propõem a enfrentá-las com altivez. Estudar superando tais adversidades faz desses idosos exemplos de determinação, garra e superação, criando neles um sentimento contraditório em relação à idade, pois, ao mesmo tempo que os limita, os promove.

Por derradeiro, a ideia de superação permeia todos os textos, e os idosos universitários são vistos e se vêem com grande poder de superação, são heróis de suas próprias vidas e buscam prolongar a autonomia e a independência.

Este estudo ajuda a avançar na discussão acerca da educação no processo de envelhecimento, à medida que traz um olhar diferenciado para o sujeito desse processo, analisando, através das suas falas, as representações que constrói sobre si e sobre o processo que vivencia.

O fato de as entrevistas terem sido coletadas através de textos jornalísticos se apresenta como limitador à medida que não se tem acesso ao gestual, perdendo-se a expressão corporal do entrevistado. Entretanto, utilizar tais dados trouxe maior amplitude ao trabalho que, ao contrário de tantos, não se restringiu a um grupo de pessoas geograficamente limitado, ainda que saibamos se tratar de pequena parcela de indivíduos, com possibilidades e interesses não compartilhados com a maioria dos idosos brasileiros.

Por derradeiro, sugerem-se novas investigações, buscando revelar as representações dos professores e colegas de turma desses idosos acerca da educação na terceira idade. Também, são necessários estudos que se proponham a discutir a reinserção dos idosos que se profissionalizaram pela formação superior no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ADAMO, C. E. et al. Universidade aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 545-555, aug. 2017. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232017000400545&lng=en&nrm=iso>. Access on: 21 nov. 2018.

ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. (Edições SESC SP).

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORBA, V. R. O envelhecimento da humanidade: o papel da universidade. In: SEMINÁRIO UNESP-UNATI, 3., 2001, Rio Claro, SP. **Resumos...** Rio Claro, SP: [s.n.], 2001. p. 14-17.

BRITO, Rita. A utilização do computador e internet por idosos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., 2012. **Anais...** [S.l. : s.n.t.], 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão antropológica do envelhecimento. In: PY, L.; FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

CABRAL, M. V.; FERREIRA, P. M. **O envelhecimento activo em Portugal: trabalho, reforma, lazer e redes sociais**. São Paulo: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CARMO, P. C. C. S. et al. **Idoso universitário: uma inclusão possível numa sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. 11 f. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/3%20encontro%20seguro%20social/trabalhos/co/14.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e curso da vida. **Rev. Estudos Femin.**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 120-8, 1997.

_____. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DZIEKANIAK, G.; ROVER, A. Sociedade do conhecimento: características, demandas e requisitos. **Revista de Informação**, v. 12, n. 5, out. 2011.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Trad. por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982; 2001.

FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. **A terceira idade**, São Paulo, v. 10, n. 14, 1998.

FEITOSA, E. E. L. C. **Concepções e práticas da vigilância em saúde**: a voz dos gestores. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FERRIGNO, J. C. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In: _____. **Velhices**: reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC; PUC, 2006.

GIBBS, G. **Análises de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLDEMBERG, M. **A bela velhice**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
INOUYE, K. et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e.142931, 2018.

KALACHE, A. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 3, p. 217-220, 1987.

_____; KICKBUSCH, I. **A Global Strategy For Healthy Ageing World Health**, n. 4, p. 4-5, 2007.

LIMA, G. A. C. **Do velho ao idoso**: uma transmutação societária. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

MARCONDES, G. S. Desafios metodológicos na incorporação de ferramentas computacionais para análises qualitativas. **Ideias**, v. 4, p. 75-81, 2013. Especial.

MENNOCCHI, L. M. **Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. **Dados estatísticos** – 2010. Brasília. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 22 jul. 2018.

OLIVEIRA, C. S. O. O processo histórico do Estatuto do Idoso e a Inserção Pedagógica na Universidade Aberta. **Revista HISTEDBR**, Campinas, SP, n. 28, p. 282, dez. 2007.

OMS. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. World Health Organization. Trad. por Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.: il.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea Editora, 2015.

PATROCÍNIO, W. P.; GOHN, M. G. M. Reinserção de idosos no mundo da vida e no mundo do trabalho: algumas possibilidades. In: GUSMÃO, N. M. M.; SIMSON, O. R. M. **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

PEREIRA, C.; NEVES, R. “Os idosos e as TIC – Competências de comunicação e qualidade de vida.” **Revista Kairós Gerontologia**, p. 5-26, mar. 2011.

RIBEIRO, A. I. M. Formação educacional: instrumento de acesso à cidadania? In: SANTOS, G. A. (Org.). **Universidade – Formação – Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, D. E. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea**: uma leitura interdisciplinar. 2008. 297 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

REFERÊNCIAS DO CORPUS

Aos 79 anos, idosa realiza sonho de cursar faculdade em Barretos, SP. **G1**, 4 de jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2014/01/aos-79-anos-idosa-realiza-sonho-de-cursar-faculdade-em-barretos-sp.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Aos 81 anos, idoso realiza sonho e recebe 1º diploma universitário na BA. **G1**, 17 abr. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/04/aos-81-anos-idoso-realiza-sonho-e-recebe-1-diploma-universitario-na-ba.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Aos 82 anos, idoso se forma em segundo curso superior, no Piauí. **G1**, 29 ago. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/aos-82-anos-idoso-se-forma-em-segundo-curso-superior-no-piaui.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Após a aposentadoria, idoso de 81 anos conclui 3º curso superior na Bahia. **G1**, 25 de mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/03/apos-aposentadoria-idoso-de-81-anos-conclui-3-curso-superior-na-bahia.html>>. Acesso em : 8 set. 2018.

BORGES, F. Idoso de 76 anos realiza sonho do 1º curso superior: “Chegou minha vez”. **G1**, 8 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/06/idoso-de-76-anos-realiza-sonho-do-1-curso-superior-chegou-minha-vez.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

CALZOLARI, I. Idosa morre a três dias da colação e é enterrada com beca e diploma no DF. **G1**, 29 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/07/idosa-morre-tres-dias-da-colacao-e-e-enterrada-com-beca-e-diploma-no-df.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Com apoio das filhas, idosa supera barreiras para concluir curso superior no PI. **G1**, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/com-apoio-das-filhas-idosa-supera-barreiras-para-concluir-curso-superior-no-pi.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

FRAGA, R. Aos 86 anos, mulher se forma em direito no RS e quer ajudar idosos. **G1**, 24 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/08/aos-86-anos-mulher-se-forma-em-direito-no-rs-e-quer-ajudar-idosos.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

_____. Aos 89 anos, homem se prepara para se formar em pedagogia no RS. **G1**, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/06/aos-89-anos-homem-se-prepara-para-se-formar-em-pedagogia-no-rs.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

FREITAS, C. Aos 85 anos, idoso realiza “sonho antigo” e vira calouro de direito no RS. **G1**, 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/aos-85-anos-idoso-realiza-sonho-antigo-e-vira-calouro-de-direito-no-rs.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idosa aprende a ler e, aos 79 anos, se forma em universidade do Rio. **G1**, 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/07/idosa-aprende-ler-e-aos-79-anos-se-forma-em-universidade-do-rio.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idosa “cumpre promessa” e se gradua em curso de extensão da UnB. **G1**, 10 dez. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/idosa-cumpre-promessa-e-se-gradua-em-curso-de-extensao-da-unb.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física em Porto Ferreira, SP. **G1**, 19 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2017/03/idosa-de-86-anos-cursa-ultimo-ano-de-educacao-fisica-em-porto-ferreira-sp.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idoso de 78 anos se forma em direito após perder a mulher e vencer câncer. **G1**, 30 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/01/idoso-de-78-anos-se-forma-em-direito-apos-perder-mulher-e-vencer-cancer.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idoso entra para universidade e sonha em dar aulas na escola onde trabalha de vigia. OAB. **G1**, 11 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/08/11/idoso-entra-para-universidade-e-sonha-em-dar-aulas-na-escola-onde-trabalha-de-vigia.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Idoso que trocou plano de saúde por faculdade se forma e vai tentar OAB. **G1**, 03 de mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/03/idoso-que-trocou-plano-de-saude-por-faculdade-se-forma-e-vai-tentar-oab.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

LEVORATO, A. C.; SZABADI, F. Aos 87 anos, imigrante italiana conclui faculdade e emociona em cerimônia de formatura. **G1**, 14 set. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/aos-87-anos-imigrante-italiana-conclui-faculdade-e-emociona-em-cerimonia-de-formatura.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

LIMA, A. Idoso realiza sonho, cursa educação física com os filhos e afirma: “Quero ajudar outros idosos a terem qualidade de vida”. **G1**, 1º out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2018/10/01/idoso-realiza-sonho-cursa-educacao-fisica-com-os-filhos-e-afirma-quero-ajudar-outros-idosos-a-terem-qualidade-de-vida.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MARQUES, M. Aos 86 anos, estudante do DF termina 2ª graduação e faz planos: “Já estou na pós”. **G1**, 21 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/aos-86-anos-estudante-do-df-termina-2-graduacao-e-faz-planos-ja-estou-na-pos.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

MARTINS, V. Aos 78 anos, eletricista realiza sonho de se formar em direito: “Feliz demais”. **G1**, 17 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/03/aos-78-anos-eletricista-realiza-sonho-de-se-formar-em-direito-feliz-demais.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

MENDES, H. Aos 77 anos, idoso supera pré-infarto e se forma em fisioterapia na Bahia. **G1**, 11 set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/aos-77-anos-idoso-supera-pre-infarto-e-se-forma-em-fisioterapia-na-bahia.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Mulher de 97 anos se forma em Direito em Ipatinga, Minas Gerais. **G1**, 8 ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2014/08/mulher-de-97-anos-se-forma-em-direito-em-ipatinga-minas-gerais.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

RODRIGUES, L. Aos 90 anos, idoso encara banco da universidade para cursar arquitetura e urbanismo em Ribeirão Preto, SP. **G1**, 22 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2018/09/22/aos-90-anos-idoso-encara-banco-da-universidade-para-cursar-arquitetura-e-urbanismo-em-ribeirao-preto-sp.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANCHEZ, G. Aos 82 anos, paulista realiza sonho e se forma médico. **G1**, 5 jul. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,MUL1229468-5604,00-AOS+ANOS+PAULISTA+REALIZA+SONHO+E+SE+FORMA+MEDICO.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

TEIXEIRA, P. Idoso se forma em História aos 79 anos; trajetória do aluno inspira universidade do RJ, que cria projeto de alfabetização. **G1**, 6 abr. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/idoso-se-forma-em-historia-aos-79-anos-trajetoria-do-aluno-inspira-universidade-do-rj-que-cria-projeto-de-alfabetizacao.ghtml>>. Acesso em: 8 set. 2018.

TÚLIO, S. Idoso de 84 anos cola grau em direito e chega à 3ª formação: “Céu é o limite”. **G1**, 20 abr. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/04/idoso-de-84-anos-cola-grau-em-direito-e-chega-3-formacao-ceu-e-o-limite.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

3. CONCLUSÃO GERAL

A educação é um direito fundamental de todos os cidadãos. Assegurada pela Carta Magna Brasileira, ganhou o *status* de cláusula pétrea, não podendo ser suprimida do texto constitucional via emenda. No entanto, a mesma Constituição afirma a igualdade entre todos os cidadãos, proibindo qualquer ação discriminatória com base no sexo, na raça, na religião, na idade... Contudo, a conclusão a que se chega é que o cidadão idoso, pelo menos no que se refere ao direito fundamental à educação, é, em razão da sua idade, tratado de forma diversa, preconceituosa e discriminatória, portanto.

Não se parte do pressuposto de que a todos os brasileiros menores de 60 anos é oferecida uma educação de qualidade – esta não é a realidade do país. Entretanto, há políticas públicas idealizadas para todas as categorias etárias, mas não há nenhuma iniciativa voltada para o idoso estudante.

Assim como a velhice, a educação tem estereótipos. Tradicionalmente está associada ao novo, ao moderno. Na sociedade contemporânea, cujos valores foram moldados para atender à lógica do capital e da produtividade, o velho deve ser descartado, pois investir nele é um desperdício de tempo e de recursos, algo inaceitável na visão de mercado.

A educação é um capital, um investimento, e investir no idoso contraria a lógica do capital. Sua produtividade é baixa e com tendência ao

declínio, sua força de trabalho é reduzida, e sua expectativa de vida é restrita a poucos anos.

O grande problema é que essa lógica de mercado, que explica a prática cotidiana, não está resguardada no texto constitucional, como visto no primeiro artigo. No que se refere ao direito à educação, o idoso é tratado como diferente, um “cidadão” de segunda classe. Eis a realidade a ser enfrentada...

A demanda do idoso brasileiro por educação escolarizada ainda é baixa, mas está em processo de acentuado crescimento há cinco anos. De fato, este estudo trata de uma pequena parcela dos idosos que ou se escolarizaram na infância e na juventude e querem dar continuidade à educação formal ou que não tiveram acesso a ela, mas agora estão demandando por esse direito fundamental.

Atualmente, são 30 milhões de idosos brasileiros; em 25 anos, serão 57 milhões. É preciso refletir sobre os números e, nem que seja pela lógica de mercado, ressignificar o envelhecimento.

Ainda que não seja pelo ideal de equidade, é necessário pensar num idoso mais ativo, dinâmico, integrado. E oportunizar o direito à educação é um caminho para essa mudança de percepção e expectativas em relação ao envelhecer.

Dito de outra forma, é preciso afastar os estereótipos da educação e do envelhecimento para que, assim, faça sentido pensar no idoso como detentor legítimo desse direito, e os veículos de mídia podem ajudar nesse processo.

Como o discutido no artigo 2, a mídia tem grande poder na sociedade da informação, o que é noticiado reflete práticas e demandas sociais, mas também consolida valores, estabelece os comportamentos aceitáveis e reafirma estereótipos.

A demanda crescente dos idosos brasileiros pela educação formal contribuirá para a ressignificação do envelhecer no país, e pautar essa temática se mostra um imperativo capaz de contribuir para a superação dos estereótipos.

A experiência da educação na terceira idade vem mudando as expectativas comportamentais socialmente construídas, como o visto no

terceiro artigo. Escola, professores, alunos jovens, famílias, todos tendem a ganhar com a inserção do idoso no ambiente escolar, e as trocas intergerações são promissoras...

Muito investimento acadêmico ainda se fará necessário, pois uma das grandes dificuldades deste estudo foi, exatamente, a escassez de produção científica. Não é só nas agendas dos gestores; também nos trabalhos acadêmicos o estudante idoso é um sujeito ausente e, portanto, negligenciado.

A partir das reflexões e discussões desenvolvidas, acredita-se ter contribuído para o debate e avançado na discussão, à medida que se questionou a visão preconceituosa e estereotipada que paira sobre a educação no curso do processo de envelhecimento.

4. CAPÍTULO FINAL – Impressões do Pesquisador

Sou graduada em Direito, mas pouco me dediquei ao exercício efetivo das carreiras jurídicas. A opção pelo curso, aos 17 anos, se deu de forma desorientada, tendo como foco o conteúdo a ser estudado e as habilidades mais valorizadas e exigidas no curso: leitura, oralidade e escrita.

De fato, nunca me encantei pela advocacia, magistratura, promotoria, e tampouco ambicionei cargos relacionados à segurança pública ou de caráter administrativo. Estudei Direito pelo simples prazer de estudar, queria melhor conhecer as instituições, saber dos direitos e deveres do cidadão comum e melhorar a minha compreensão de mundo através da ciência e da compreensão das leis.

Acredito que sou e sempre fui vocacionada ao magistério, mas na época em que ingressei no curso de Direito ser professor na área era um *hobby*. Por exemplo, meus professores eram juízes, advogados, promotores de justiça, que tinham o ensinar como prazer, mas não como primeiro ofício.

Meu ingresso no mercado de trabalho se deu num período de mudança. As exigências de qualificação acadêmica e produção científica romperam a lógica do lecionar por *hobby*, profissionalizando o magistério superior na graduação em Direito.

Assim, contrariando projeções e aproveitando oportunidades, dedico-me à docência no ensino superior há, aproximadamente, 15 anos, sempre atuando em instituições privadas.

Coleciono histórias e experiências, tenho muitos questionamentos e poucas certezas, sendo a capacidade de transformação do homem e da sociedade pela educação a maior destas.

Percebo a educação como instrumento de inclusão social, necessário à manutenção, mas também à evolução do indivíduo e da sociedade em que este se encontra inserido.

Saindo da retórica e passando a uma percepção prática, ao longo desses 15 anos, tive o privilégio de ver grandes transformações individuais, e acredito ter contribuído positivamente para elas, à medida que procurei despertar nos meus alunos o interesse pela descoberta e pelo exercício da cidadania.

Não tenho o quantitativo exato de quantos alunos tive nesse período, mas acredito que o número gire em torno de mil pessoas, entre estas com toda sorte de indivíduos convivi: ricos e pobres, dedicados e relapsos, humildes e arrogantes, brancos, pardos e negros, bonitos e feitos, jovens, adultos e idosos.

Nesse universo aproximado de mil alunos, apenas cinco (segundo meus registros de memória: Flávio, Suely, Isaltina, Jefferson e Chiquito) podem ser legalmente caracterizados como idosos. Trata-se de 0,5% de meu universo de ex-alunos; no Brasil, o percentual de idosos chega a 13,5% da população.

Se a educação é instrumento de transformação e inclusão social, se os idosos são excluídos socialmente, se a “ressignificação do envelhecer” está presente nos debates acadêmicos e nas falas cotidianas da população que envelhece e se o grupo etário daqueles que têm 60 anos ou mais é o de menor escolarização, como explicar os 0,5% encontrados?

A inquietação que motivou a pesquisa partiu desse percentual. Seria esta uma realidade local? Uma particularidade do curso ou das instituições em que leciono e lecionei?

Após uma primeira investigação, cheguei à conclusão de que o baixo percentual de idosos na educação superior não era uma realidade local, do curso ou institucional. Para minha surpresa, nem há dados precisos sobre o número de idosos na educação superior brasileira.

As razões, os motivos ou as explicações para tal ausência foram investigados neste estudo que, espero, contribua para a reflexão acadêmica acerca do idoso enquanto detentor do direito à educação e do seu acesso a esse direito social.

A pesquisa empreendida deu origem a três artigos.

O primeiro, cujo título é “O direito da pessoa idosa à educação formal no Brasil: um caminho para o exercício da cidadania”, foi idealizado a partir das premissas de que o idoso é um cidadão como qualquer outro e de que, à luz do Ordenamento Jurídico Brasileiro, todo cidadão tem direito à educação escolarizada. Assim, em conclusão, todo idoso brasileiro tem direito à educação. Porém, é incomum a associação do idoso à educação, sobretudo à escolarizada, pois, de fato, o verbo aprender não é, habitualmente, conjugado por pessoas idosas, sendo necessário afastar os estereótipos do envelhecimento e da educação.

Apesar de ser um direito de todos, a educação formal é comumente associada às crianças e aos jovens. Acredito que tal associação está ancorada no estereótipo de apatia e obsolescência do idoso e na lógica fordista, à medida que educar seja uma forma de investir, e investir na criança e no jovem é mais promissor do que investir no idoso, dada a capacidade laboral desses segmentos populacionais.

Assim, poucos são os idosos que se propõem a iniciar ou continuar sua formação escolar, ainda que se dedicar a esta seja uma ótima forma de aproveitar o tempo. Isso porque a educação é fonte de informação e conhecimento e, por essa razão, possibilita novos olhares, oportunidades, bem como o exercício de novos papéis sociais.

O acesso do idoso à educação revela a terceira idade como apenas mais uma etapa de vida e não como o fim de um caminho; nela é possível sonhar e se reinventar, criar e executar projetos de vida.

O argumento que perpassa a construção do texto é de que o “envelhecimento” e a “educação” são realidades que devem estar associadas em prol da cidadania da pessoa idosa, sobretudo quando se constata que o Brasil tem 11,5 milhões de analfabetos e a maior parte destes, segundo dados oficiais divulgados pelo IBGE, seja composta por idosos.

Numa sociedade como a brasileira que, por imperativos de ordem econômica e fiscal, se vê diante da necessidade de postergar aposentadorias e fomentar a reinserção de aposentados no mercado de trabalho, percebi ser necessário investigar o acesso e a permanência do idoso à educação.

A construção deste artigo se deu a partir de uma caracterização legal e social da pessoa idosa, passando por considerar o envelhecimento como questão social relevante e a educação como direito fundamental de todos.

A ideia inicial era apresentar as bases normativas necessárias à discussão do acesso à educação formal escolarizada pelos idosos brasileiros, utilizando-se como marcos legislativos iniciais a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Estatuto do Idoso.

Como o registrado nas conclusões do artigo, o resultado da pesquisa empreendida foi frustrante, à medida que a pessoa idosa esteja ausente nas discussões e nas agendas da política educacional brasileira.

De fato, não há na legislação em vigor especializada preocupação com a educação para os cidadãos idosos. É como se a idade lhes retirasse tal direito ou como se este fosse desnecessário para as pessoas envelhecidas.

Diante do extenso número de leis e da pouca efetividade de muitas delas, é comum, no Brasil, com “direitos de papel”, assim denominados aqueles direitos que têm exaustiva previsão legal, mas não são acessados por grande parte da população. Julguei que o direito dos idosos à educação formal estaria nesse contexto, ou seja, achei que encontraria na legislação especializada o amparo legal necessário, mas não foi o constatado.

Ao tratar do direito à educação e do envelhecimento, é necessário perceber que se está diante de uma nova conjuntura social e que múltiplas são as velhices, demandando diferentes visões e caminhos educacionais.

A educação do idoso foi tratada normativamente de forma, apenas, recreativa, retirando da temática a habitual seriedade com que é discutida tecnicamente. Dito de outra forma, a lei especializada demonstra desconhecer as várias velhices e as novas demandas de uma sociedade que envelhece.

O direito e o acesso à educação não podem ser concebidos como privilégios de gerações mais jovens, pois são direitos fundamentais de todos e instrumentos de luta por uma sociedade mais justa e próspera. Fato esse que afasta os já apontados estereótipos que, acredita-se, atingem os agentes públicos e os próprios idosos. Isso porque aqueles não legislam e estes não demandam por políticas públicas de inclusão na educação formal brasileira.

E o grande problema é que, muitas vezes, os idosos acabam aceitando esse rótulo de improdutivos e reverberando o preconceito e a segregação nele contidos e desistem de viver e de aprender. Isso porque não querem a sensação de estarem “inadequados” ao voltarem para o ambiente escolar, historicamente direcionado às crianças e aos jovens. Daí a importância de se promover a conscientização não só dos agentes públicos e da sociedade, mas também (e sobretudo) dos idosos, quanto aos benefícios decorrentes do acesso à educação e ao ambiente educacional.

O segundo artigo buscou entender as conclusões do primeiro. Considerando a importância da mídia e sua capacidade de influenciar e modificar a realidade social, o segundo artigo: “A Educação de Idosos na Veja e na Folha de São Paulo: dados para uma análise crítica”, propôs-se a investigar a educação de idosos enquanto notícia ou a sua ausência, utilizando a revista Veja e o jornal Folha de São Paulo como instrumentos de análise.

Considerou-se pesquisar em periódicos especializados em educação e envelhecimento. Contudo, como são consumidos por um pequeno grupo, esses veículos de comunicação não possibilitariam reflexos com o alcance pretendido.

A escolha dos veículos pesquisados justificou-se em razão do alcance das publicações, sendo a revista Veja e o Jornal Folha de São Paulo os periódicos de maior tiragem na mídia impressa brasileira, não sendo considerado o viés ideológico deles, ainda que se tenha ciência dessas mídias.

Acredita-se que os periódicos escolhidos tenham maior influência sobre a criação, manutenção ou modificação de estereótipos. Isso porque, ainda que direcionados a leitores que integram, preponderantemente, as

classes sociais A e B, com escolaridade bem acima da média brasileira, esses periódicos são acessados, em diferentes circunstâncias e ambientes, por muitas pessoas que não integram as referidas classes.

De fato, as folhas de jornais e revistas são utilizadas para embrulhar objetos, limpar ou proteger superfícies, chegando, dessas e de outras formas, ao contato do pintor, da empregada doméstica, da diarista, do lavador de carros, do mecânico e até do morador de rua. Ademais, são consumidas nas prateleiras das bancas de jornal e revistas, nos consultórios, nas bibliotecas e nas salas de espera.

Investigar a educação de idosos enquanto notícia mostrou-se um caminho natural e lógico para a compreensão do tema. Afinal, o jornalismo é um campo atravessado por relações de poder, atuando ativamente na construção social à medida que são influenciador e influenciado pelas agendas políticas da sociedade em que se encontra inserido.

Para a estruturação do artigo, considerou-se a atividade jornalística, investigando suas características, alcance e limitações. Em sequência, empreendeu-se um resgate histórico e apresentaram-se as características discursivas dos veículos de mídia impressa escolhidos. Para alcançar o objetivo proposto, empreendeu-se uma pesquisa nos acervos digitais dos periódicos investigados, no período de 1º de janeiro de 2013 a 1º de junho de 2018.

As matérias encontradas que envolviam as temáticas “envelhecimento” e “educação” foram analisadas, e os resultados fomentaram discussões e reflexões. Cumpre registrar que grande parte dos artigos encontrados dizia do problema Previdenciário brasileiro e da Saúde Pública, cujos textos não foram analisados por não estarem de acordo com o propósito da pesquisa.

Esperava-se um número reduzido de publicações, pois, via de regra, as temáticas associadas ao idoso são ligadas a deficiências, limitações, problemas de saúde e previdência social. Sendo a educação instrumento de inclusão e promoção do ser humano, era previsível que não estivesse associada ao idoso – estigmatizado como decrépito, inútil ou incapaz.

Estando a educação, sobretudo a escolarizada, associada à infância e à juventude, não há lugar para a discussão do idoso enquanto cidadão

detentor do direito à educação, o que não justifica, mas explica, a ausência constatada de temas envolvendo envelhecimento e educação nas páginas de Veja e Folha de São Paulo.

De fato, o que se constatou foram cinco publicações, duas em Veja e três na Folha de São Paulo, número esse aquém do esperado e que beira à escassez. O fato é que a pessoa idosa ainda é estigmatizada na sociedade brasileira, e sua ausência nos textos jornalísticos de Veja e Folha de São Paulo corrobora essa afirmativa.

O silêncio dos periódicos de maior circulação no país acerca do crescimento da demanda de educação formal e informal pelos idosos brasileiros reafirma a manutenção de rótulos e a resistência ou indiferença à necessidade política, econômica e social de se ressignificar a velhice num país de velhos.

Os idosos precisam alçar a categoria dos estabelecidos em nossa sociedade, pois faz parte dela a sua participação política, social e econômica, que é cada vez mais proeminente. É necessário que a imprensa esteja atenta e capacitada para acompanhar o avanço dos idosos e que se disponha a contribuir para maior qualidade de vida dos cidadãos envelhecidos.

Ao se propor investigar a educação de idosos enquanto notícia na revista Veja e no jornal Folha de São Paulo, este estudo contribuiu para uma reflexão crítica acerca do papel da mídia e, sobretudo, dos interesses que estão a pautar os assuntos a serem noticiados. Acredita-se no poder desses veículos de mídia na construção dos valores e necessidades da sociedade brasileira, sendo relevante qualquer contribuição acadêmica que se proponha investigar esses informativos de forma crítica.

O terceiro artigo buscou identificar a visão dos idosos universitários e de seus familiares acerca da “educação superior na terceira idade”, a partir de reportagens publicadas no portal de notícias G1 no período de janeiro de 2009 a novembro de 2018. Foram localizadas 27 matérias e analisados 26 textos, já que um foi excluído por duplicidade.

O referencial teórico foi construído a partir dos temas envelhecimento ativo e Universidades Abertas para a Terceira Idade.

Envelhecer ativamente é um direito e, como tal, deve ser assegurado e implementado através de políticas públicas. Segundo a OMS (2015), são pilares do envelhecimento ativo a saúde, o aprendizado ao longo da vida, a participação social e a segurança.

O acesso das pessoas idosas à educação contribui para melhoria da sua qualidade de vida, resgatando sua cidadania e dotando-as dos instrumentos necessários para ressignificar o envelhecer.

Acredita-se que o acesso à educação é fundamental para a adaptação social do idoso, que necessita acompanhar o processo acelerado de transformações sociais e tecnológicas. Para isso, é necessário ingressar ou voltar ao ambiente acadêmico, ressignificando também esse espaço, tradicionalmente identificado e ocupado por crianças, jovens e adultos.

As universidades têm oferecido serviços específicos para idosos, como o programa extensionista denominado Universidades Abertas para a Terceira Idade. As UNATIs, como habitualmente são assim designadas, oferecem ensino, pesquisa e extensão a idosos e não idosos interessados em compreender o processo de envelhecimento.

Ainda que muitos idosos utilizem e se beneficiem dos serviços a eles oferecidos pelas UNATIs, há uma procura crescente desse segmento populacional pela continuidade da escolarização formal superior, o que representa uma busca por cursos de graduação e pós-graduação.

O objetivo deste terceiro artigo foi extrair das falas dos entrevistados a visão deles acerca da educação superior de idosos nas universidades e faculdades, públicas ou privadas, no Brasil.

Dos 26 textos analisados, pode-se traçar o seguinte perfil a respeito dos idosos universitários entrevistados:

Texto	Idade	Sexo	UF	Curso	Instituição Pública ou Privada	Escolaridade Anterior
Texto 1	82	Masc.	SP	Medicina	Privada	Superior (Farmacêutico e Advogado)
Texto 2	69	Masc.	GO	Direito	Privada	Sem registro
Texto 3	79	Fem.	SP	Serviço Social	Privada	Ensino Fundamental Incompleto
Texto 4	97	Fem.	MG	Direito	Privada	Sem registro
Texto 5	85	Masc.	RS	Direito	Privada	Superior (Agrônomo e Jornalista)
Texto 6	81	Masc.	BA	Letras	Sem registro	Sem registro
Texto 7	76	Masc.	GO	Direito	Privada	Sem registro
Texto 8	67	Fem.	RJ	História das Artes	Pública	Analfabeta
Texto 9	69	Fem.	DF	Enfermagem	Sem registro	Sem registro
Texto 10	86	Fem.	RS	Direito	Privada	Superior (Ciências Biológicas)
Texto 11	82	Masc.	PI	Direito	Privada	Superior (Teologia)
Texto 12	77	Masc.	BA	Fisioterapia	Sem registro	Superior incompleto (Engenharia Mecatrônica)
Texto 13	84	Masc.	GO	Direito	Privada	Superior (Ciências Contábeis e Matemática)
Texto 14	89	Masc.	RS	Pedagogia	Privada	Ensino Fundamental Incompleto
Texto 15	83	Fem.	DF	Educação Política e Social em Gerontologia	Pública	Ensino Fundamental Incompleto
Texto 16	78	Masc.	MT	Direito	Privada	Sem registro
Texto 17	86	Fem.	SP	Educação Física	Privada	Ensino Médio
Texto 18	81	Masc.	BA	Direito	Privada	Superior (Turismo e Metodologia do Ensino)
Texto 19	87	Fem.	SP	Nutrição	Privada	Sem registro
Texto 20	86	Fem.	DF	Teologia	Sem registro	Superior (Filosofia)
Texto 21	61	Fem.	PI	Direito	Privada	Ensino Fundamental Incompleto
Texto 22	79	Masc.	RJ	História	Privada	Analfabeto
Texto 23	60	Masc.	TO	História	Pública	Ensino Fundamental Incompleto
Texto 24	90	Masc.	SP	Arquitetura	Privada	Técnico em Desenho
Texto 25	63	Masc.	PE	Educação Física	Privada	Superior (Pedagogia)
Texto 26	68	Masc.	AC	Química	Pública	Superior (Matemática e Física)

A média etária dos idosos envolvidos é de 78,6 anos, havendo predomínio de homens (61,5%). Os números chamam a atenção. O primeiro por indicar que se trata de idosos velhos, classificação usada por especialistas no envelhecimento e que assim denominam os idosos na faixa etária de 75 a 84 anos; o segundo porque contraria a expectativa, já que, segundo dados governamentais, a velhice é feminina.

De fato, segundo o IBGE, 56% dos idosos brasileiros são do gênero feminino, num total de 16,9 milhões de idosas. Contudo, entre os idosos pesquisados, mais de 60% eram homens. Como compreender essa inversão de maioria? Os homens privilegiam a educação? Ou se trata de um reflexo da cultura machista que durante muito tempo negou às mulheres o acesso à educação formal?

O estudo desenvolvido não tem elementos para responder a tais questionamentos e não se propôs a este desafio. Contudo, fica aqui o registro para fins de investigações futuras.

As Regiões Sul e Sudeste são as que concentram maior percentual de idosos. No entanto, ao identificar a origem dos entrevistados, constatou-se que oito deles eram da Região Sudeste e oito do Centro-Oeste, seis do Nordeste, três do Sul e um do Norte.

O curso mais acessado pelos idosos é o de Direito, sendo a opção de 38% dos entrevistados. Acredita-se que uma das justificativas a explicar o predomínio do curso de Direito entre as opções de graduação dos idosos reside justamente no desejo e necessidade de conhecer e melhor compreender seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Os idosos percebem-se desrespeitados e negligenciados em seus direitos e, por isso, vislumbram na graduação em Direito uma opção útil e que pode contribuir para a melhoria das suas relações cotidianas. Talvez por essa razão apareceu nas falas de muitos idosos o desejo de especializar profissionalmente na defesa dos direitos dos idosos.

Apenas 15% dos entrevistados tiveram acesso às instituições públicas de ensino superior. Esse percentual é compatível com os números gerais encontrados pelo Censo da Educação Superior, já que mais de 80% dos estudantes de graduação brasileiros estão na rede privada de ensino superior.

Curiosamente, 10 entrevistados já estavam na segunda ou na terceira graduação, dois tinham formação técnica, cinco ensino fundamental incompleto, dois alfabetizaram-se na terceira idade e não houve informações acerca da escolaridade dos demais.

É de 38% o percentual de idosos que, já tendo formação superior, buscam, na terceira idade, uma nova graduação. Acredita-se que esses idosos tenham seu ingresso facilitado e estimulado, primeiro pela possibilidade de ingresso sem processo seletivo em relação às vagas remanescentes, na condição de portador de diploma; e segundo porque, já tendo vivenciado a experiência, têm condições de melhor compreender seus benefícios e as realizações pessoais e econômicas que dela podem advir.

Percebe-se que, ao tratar de educação superior na terceira idade, ainda está se referindo a uma pequena, mas crescente, parcela dos velhos brasileiros. Trata-se de um grupo seletivo de indivíduos que, ao demandarem pelo direito à educação, promovem uma revolução silenciosa nos estereótipos da educação e do envelhecimento, ressignificando-os.

Assim como ter acesso à educação, envelhecer também é um direito. Após dedicar-me a compreender os idosos de forma conjugada, tenho a certeza de que associá-los é o melhor caminho para enfrentarmos os problemas decorrentes do envelhecimento populacional.

Dar aos idosos brasileiros a chance de concretizar sonhos, potencializar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida e manter-se útil e inserido socialmente. Isso constitui o papel da educação na terceira idade. Cada qual com as armas de que dispõem – lutemos por ele.

ANEXOS

TEXTO 1

Aos 82 anos, paulista realiza sonho e se forma médico.

Edson Gambuggi entrou no curso com 76 anos. Segundo colega, ele ia a festas e tinha os bolsos sempre cheios de balas.

Giovana Sanchez Do G1, em São Paulo.

Com uma simpatia envolvente, os bolsos cheios de balas para oferecer e indo até às "baladas" da turma, Edson Gambuggi conquistou os colegas no curso de medicina de uma universidade de São Paulo. No último dia 7, ele realizou o sonho de se formar médico. Aos 82 anos.

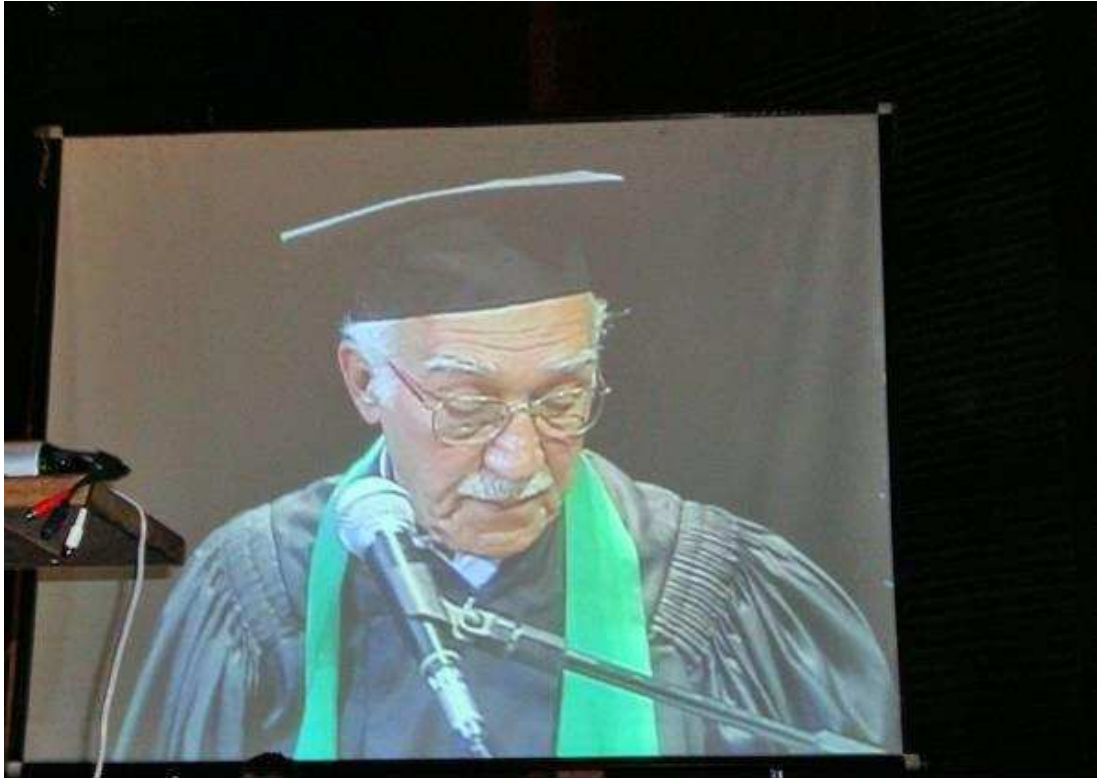
"Foi a consolidação de um objetivo de quatro, cinco décadas", contou o senhor Gambuggi, em entrevista ao **G1** por telefone. Farmacêutico e advogado por formação, ele chegou a ir à Argentina e à Bolívia para tentar cursar medicina, "mas sempre havia uma dificuldade pelo caminho".

Gambuggi também começou o curso em Mogi das Cruzes, em 1971, mas a distância da família e as obrigações do emprego público dificultaram as coisas. "Deixei vários trabalhos de renome para correr atrás da medicina", conta. Foi aos 76 anos que ele soube da abertura do curso na Uninove, em São Paulo, e decidiu tentar a prova.

"Enfrentei grandes dificuldades, sofri. A faixa etária nem sempre é condizente com a nossa realidade. Se não fossem os empurrões da vida, acho que eu não conseguiria." Segundo ele, um dos maiores problemas foi a mudança da área de estudo. "Estudar humanidades é diferente. No direito, você pode consultar as leis para argumentar. Na medicina, não. Você precisa saber mesmo para fazer as provas."

Educação e balas nos bolsos

Gambuggi conta que, no primeiro dia de aula, todos se surpreenderam. "No trote, me chamaram para dar aulas de anatomia", lembra ele, rindo. "Ninguém acreditava que eu estava lá para estudar, aos 76 anos."



Edson Gambuggi recebeu homenagens e falou durante a cerimônia de colação de grau, no dia 7 deste mês (Foto: Reprodução/Arquivo pessoal)

Um dos amigos mais próximos da turma, o agora médico Charles Marangoni Sampaio, de 25 anos, conta que a simpatia, a educação e a persistência do senhor Gambuggi conquistaram todos na faculdade. "Ele cumprimentava todas as pessoas, é muito educado e sempre tinha os bolsos cheios de balas para oferecer. Ele falava 'oi', perguntava como você estava e dizia: 'toma aqui uma bala para adoçar a vida'. Essa era a marca registrada dele."

Para Charles, ter vivido com Gambuggi foi um aprendizado além do que ele teve na faculdade. "Ele é muito esforçado. Se faltou cinco dias nesses seis anos, foi muito. Só deixava de ir quando tinha algum problema de saúde ou exame para fazer. Nas aulas, ele geralmente ficava horas a mais para tentar fixar o conteúdo."

Charles Marangoni conta que o senhor Gambuggi chegou até a ir a baladas e a churrascos com a turma. "Só não participava dos trotes."

Na cerimônia de colação de grau, Charles fez uma homenagem a Gambuggi, e contou como imaginou que ele fosse o presidente da universidade logo que o viu na inauguração do curso: "Enquanto a direção se apresentava na frente dos alunos, uma pessoa despertava a atenção por seus cabelos brancos - o que não o deixava passar despercebido por todos

à sua volta. Eu particularmente pensei: 'Deve ser o dono da Uninove!' Após o término da apresentação, fomos divididos em duas salas. E ao chegar à sala B me deparei com aquele senhor que continuava a me intrigar... Arrisquei novamente: 'Como o curso de medicina é novo, pode ser o Presidente do Cremesp!'

Em seguida, Charles falou com carinho sobre o 'eterno sonhador' que contagiou a todos com seu carisma, sua gentileza e sua solidariedade.

Agora, o novo médico Gambuggi disse que não pretende prestar a prova de residência (curso de especialização para médico), mas quer fazer mais alguns cursos de capacitação para trabalhar com pessoas carentes. "Gostaria de dar boa parte do que aprendi à solidariedade."

TEXTO 2

Idoso que trocou plano de saúde por faculdade se forma e vai tentar OAB.

João Dias, de 69 anos, se formou em direito: 'Muita gente não aceitava'. Mesmo doente, ele estuda mais de 4 horas por dia, em Rio Verde, GO.

Do G1 GO, com informações da TV Anhanguera

O aposentado de 69 anos que, mesmo doente, deixou de pagar o plano de saúde para fazer faculdade, realizou o sonho de se formar, em **Rio Verde**, no sudoeste de Goiás. Bacharel em direito, João Gonzaga Dias agora se prepara para fazer o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

O exame da OAB é obrigatório para quem se forma em direito exercer a advocacia. Para passar na prova, o aposentado estuda de quatro a seis horas por dia, com intervalos. "Muita gente não aceitava, por causa da minha idade, mas eu não dei a mínima importância. Respondi às críticas com a minha formatura", disse João Dias.

O aposentado se formou no último fim de semana. Durante a cerimônia de colação de grau houve um imprevisto: faltou energia elétrica. Mas nem o apagão tirou o brilho da festa e a animação dos formandos. Mais velho da turma, seu João, como ele é chamado pelos colegas de curso, recebeu abraços da família e do melhor amigo de sala, Fabrício Lamas Borges, de 23 anos.

O jovem, que tem idade para ser neto do aposentado, fala que aprendeu a correr atrás dos sonhos com o exemplo do amigo: "Eu acho que a maior lição no curso quem deu foi o seu João. Ele sofreu um infarto, passou por problemas pessoais e nada fez ele desistir do sonho dele".

A mulher, Izamar Braz Dias, e três filhos do aposentado também participaram da festa. "É uma coisa que ele sempre quis, teve oportunidade de fazer naquele momento e eu sabia que ele ia conseguir", comemorou a filha Vanuza Braz Dias.



João Dias, de 69 anos, durante colação de grau (Foto: Reprodução/TV Anhanguera)

Determinação

Para a esposa, a determinação do marido foi o que mais chamou a atenção: "Eu não pensei que ele fosse levar tão a sério. Foi uma surpresa para todos nós", disse a esposa.

João Gonzaga surpreendeu a família ao dizer que queria voltar a estudar, após os 60 anos de idade. Ele sonhou durante anos fazer faculdade de direito, mas não teve condições de entrar no curso quando era jovem.

Para pagar o curso em uma faculdade particular, com taxa mensal de R\$ 842, além de deixar de pagar o plano de saúde, o aposentado também vendeu o carro.

Como estava sem carro, a filha ou colegas davam uma carona ao aposentado. Na sala de aula, ele virou exemplo para os colegas mais novos.

A determinação do aposentado em realizar o sonho conquistou alunos e professores. O exemplo de vida lhe rendeu uma homenagem durante o baile, realizado no sábado (2).



Em sala de aula, colegas admiram a força de vontade do aposentado (Foto: Reprodução/ TV Anhanguera)

TEXTO 3

Aos 79 anos, idosa realiza sonho de cursar faculdade em Barretos, SP

Mesmo diante das recusas e dificuldades 'dona Maria' sempre quis estudar. Formanda receberá o diploma nos próximos dias, após entrega de TCC.

Do G1 Ribeirão e Franca

“Eu me encantei e gosto muito do curso que fiz”. Este é o relato de Maria Ávila Garcia, de 79 anos que acabou de se formar no curso de serviço social e deve receber seu diploma ainda no mês janeiro em **Barretos** (SP).

Estudar é algo que “dona Maria”, como é mais conhecida, sempre almejou. Apesar de não ter terminado nem o ensino fundamental, o sonho de ser uma universitária sempre falou mais alto. “Eu fui empregada doméstica, morava em cidade pequena, trabalhei como babá e desde os 16 anos costurei até começar a estudar há cinco anos. Fiz o ensino fundamental, fiz as provas passei, aí comecei o ensino médio. Descobri que gostava de estudar e que queria ir mais longe.”, diz.

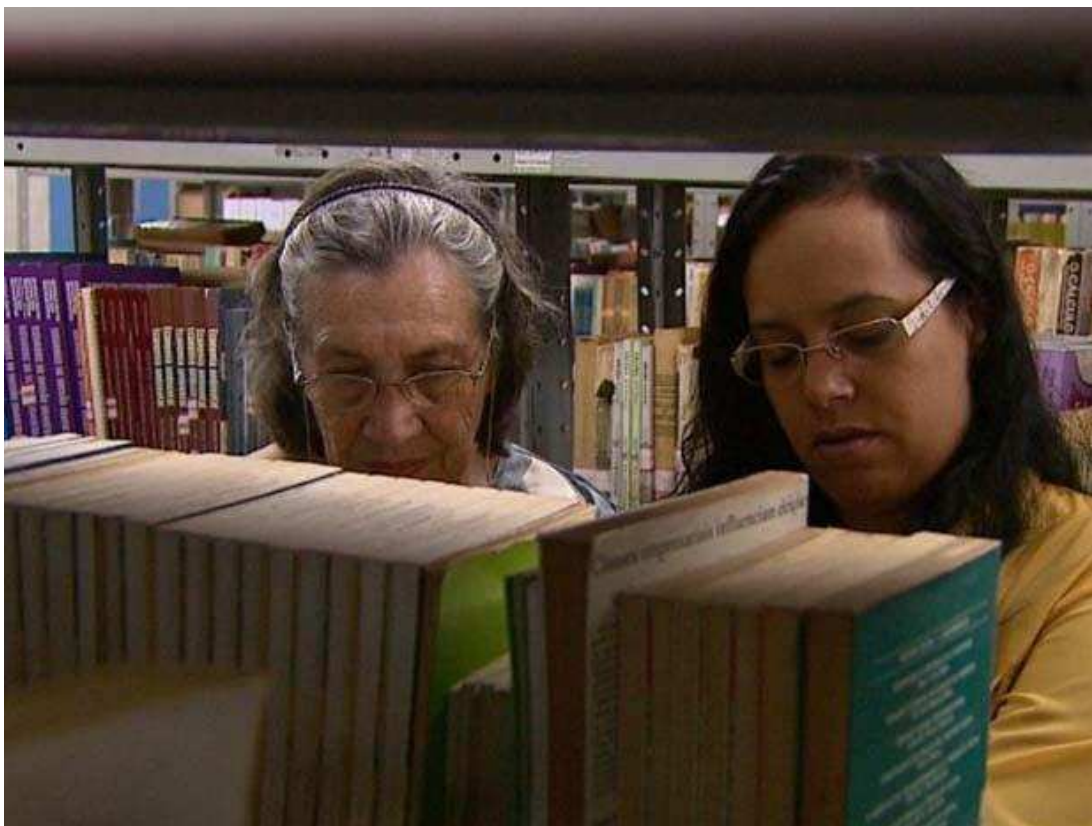
O caminho até o término do curso não foi fácil para Maria. Depois de concluir os ensinamentos fundamental e médio, a formanda explica que teve que passar por várias avaliações. “Prestei o vestibular junto com o meu neto que formou no ano passado, quando cheguei perguntaram se eu era acompanhante, disse que não, que eu mesma iria prestar o vestibular. Recebi muitos 'nãos', mas nunca desisti”, afirma.

Conviver dentro de uma sala por tanto tempo com uma pessoa 50 anos mais velha não impediu a aproximação da assistente social Silmara Lopes Dias com Maria, pelo contrário, as duas uniram forças para fazer o trabalho de conclusão de curso (TCC). “Quando a dona Maria entrou na sala nós nos aproximamos e viramos amigas desde o primeiro momento. Ela acabou me dando suporte para enfrentar a banca e para a construção do TCC. Ela é prova disso, que a capacidade de superação é maior que qualquer dificuldade”, explica.

Outra pessoa que comprova todo esforço demonstrado por Maria durante os quatro anos de faculdade é a professora Gláucia Malzoni Bastos. “A Maria foi uma aluna assídua, dedicada, interessada e que nunca se valeu da questão da idade para conseguir nenhum tipo de benefício. Ela sempre participou de todas as atividades e sempre foi exigido dela o que se exigia de toda a classe”, afirma.

Ainda de acordo com a professora, além de se tornar uma profissional graduada, ela serviu de exemplo para que a universidade em Barretos

distribuisse 30 bolsas de estudos para outros idosos que queiram trilhar o mesmo caminho da mais nova assistente social. “Já temos no serviço social outra aluna que veio da melhor idade seguindo os passos da Maria”, diz.



Idosa de 79 anos diz que as dificuldades nunca abalaram o sonho de ser universitária (Foto: Maurício Glauco / EPTV)

TEXTO 4

Mulher de 97 anos se forma em Direito em Ipatinga, Minas Gerais.

Chammes Rolim já tem uma proposta de trabalho. Ela se diz vitoriosa em concluir mais uma etapa na vida.

Do G1 Vales de Minas Gerais.



Chammes Rolim se formou com 97 anos no curso de Direito (Foto: Reprodução / Inter TV dos Vales)

Em uma noite de festa, uma aluna em especial chamou a atenção entre os formandos do curso de Direito de uma faculdade em Ipatinga, Minas Gerais, nessa quinta-feira (07). Chammes Rolim, de 97 anos, é a aluna mais experiente da turma, e nem bem completou o curso, já recebeu uma proposta para dar aulas.

Chammes Rolim acredita que nunca é tarde para aprender, a vida é sempre feita de conquista e é preciso ir em busca delas. “Mais uma conquista, a vida é de conquista, nós não podemos ficar parados, temos sempre que almejar alguma coisa, algo a mais que nos pertence e que ainda não alcançamos”, diz.

A vida é de conquista, nós não podemos ficar parados, temos sempre que almejar alguma coisa”. Chammes Rolim

A filha Cherrine Rolim conta que sua mãe sempre foi uma mulher de visão, mas que seu pai era conservador e nunca a deixou estudar. “Mamãe sempre gostou muito de conversar, sempre teve facilidade para se comunicar, mas meu papai, quer era fazendeiro, farmacêutico e retraído, sempre puxava ela para trás, nunca a deixou estudar. Depois que ele faleceu, passado alguns anos, sentido algum vazio na vida, ela pensou em fazer a faculdade de Direito”, afirma.

José Nazareno Ataíde, um dos professores de Chammes Rolim, destaca que ela mais ensinou a todos do que aprendeu e foi ótima aluna.

O companheiro de classe Marcelo Onis acredita que ela é um exemplo a ser seguido por todos, uma referência de vida. “Nunca é tarde para se aprender, ela é um exemplo que todos nós devemos seguir. Quando eu chegava em casa de madrugada e tinha que sair de manhã, às vezes dava aquela preguiça, eu sempre pensava nela, pensava que ela estava lá e nunca faltava às aulas”, lembra.

Chammes Rolim conta ainda que já recebeu uma proposta para dar aula em uma escola, e que agora terá que fazer um novo curso para desempenhar a função.



Chammes ressaltou que nunca é tarde para começar (Foto: Reprodução Intertv dos Vales)

TEXTO 5

Aos 85 anos, idoso realiza 'sonho antigo' e vira calouro de direito no RS.

Agrônomo, jornalista e professor, Luiz Alberto se matriculou na Fadergs. Aposentado brinca com a idade avançada entre os jovens estudantes.

Caetano Freitas Do G1 RS



Luiz Alberto Ibarra começou o curso de direito aos 85 anos (Foto: Fernando Gomes/Agência RBS)

Um aposentado que vive em **Porto Alegre** decidiu realizar um sonho antigo para expandir o conhecimento acumulado ao longo de 85 anos de vida: ingressou no curso de direito da Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Agrônomo, jornalista e professor, Luiz Alberto Ibarra agora se vê diante de um novo desafio. Entre o Código Penal e estudantes bem mais jovens, muitos com menos de um quarto de sua idade, o calouro Luiz Alberto tenta aprender aquilo que sempre desejou saber desde a década de 1940.

As aulas começaram no início do mês, no Centro da capital gaúcha. Já diplomado, ele apenas se inscreveu na faculdade, que o dispensou do vestibular. Como um “estranho no ninho”, Luiz Alberto foi chegando e sentiu a

surpresa dos colegas ao ver um aluno de idade avançada participando na sala de aula como se fosse um adolescente, cheio de energia, disposto a encarar os 10 semestres da graduação.

“No início eles ficaram surpresendidos pela chegada daquele cidadão de tanta idade. Tem muitos jovens de 17 anos, vários mesmo. Mas também entre eles tem uns mais maduros, de 40, 45, até 60 anos”, relata o aposentado ao **G1**.

Nos primeiros dias, um estudante de 17 anos sentou-se ao lado de Luiz Alberto e puxou conversa. Queria saber sua idade, de onde vinha o motivo de estar ali. “Ele chegou com um skate na mão e eu não poderia perder a brincadeira para quebrar o gelo. Pedi para ele me emprestar o skate. Disse que queria descer a escadaria, que mostraria a ele como se faz. Ele se assustou um pouco e acabei dizendo que não era para me levar tão a sério”, brinca.



Luiz Alberto preparado para o 1º dia de aula na Faders, em Porto Alegre (Foto: Arquivo pessoal)

Luiz Alberto nasceu em **Uruguaiana**, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Aos 15 anos, se mudou para Porto Alegre para estudar. O sonho de fazer direito vem desde aquela época, quando morava na casa de estudantes. No entanto, no fim da década de 1940, encontrou o início do movimento tradicionalista gaúcho, se aproximou de Paixão Côrtes, que cursava agronomia, e decidiu enveredar para o mesmo lado.

“O direito é um sonho antigo e que foi se renovar agora, né? Sempre gostei. Morava com estudantes de direito e tinha muito interesse pela profissão. Mas na mesma época nasceu o CTG 35 (Centro de Tradições Gaúchas). Tomei gosto pelo movimento e me integrei a eles, inclusive conheci o Paixão (Côrtes). Ele fazia agronomia. Fui incentivado e acabei tomando esse rumo na vida”, recorda.

Casado há quase 60 anos, Luiz Alberto tem quatro filhos e três netos. Família que incentivou, e muito, o reencontro com o direito. “Ah, o pessoal de casa me deu muita força. O importante agora é o conhecimento, né? São coisas novas que vou aprender. Depois eu penso no que vou fazer com o diploma. Agora ainda é muito cedo”, diz o aposentado, que tem formatura prevista para quando completar 90 anos de idade.

Emocionada, a neta Rafaela Ibarra comemorou junto com a família a atitude do avô. “Foi decisão dele. A gente sempre os incentiva para fazer algo diferente. Até para saúde, né? Mas não imaginávamos uma graduação”, disse ao **G1**. Em sua página pessoal no Facebook, Rafaela também deixou uma mensagem para compartilhar a emoção do momento e incentivar novos - ou velhos - “calouros”.

“Não caibo em mim de tanto orgulho e emoção! Hoje, aos 85 anos de idade, inicia-se uma nova fase na vida de meu 'abuelito'! Luiz Alberto Ibarra, Bebeto, agrônomo, professor, agora, mais uma vez, aluno. Hoje, provavelmente o calouro mais “maduro” do curso de direito da Fadergs (...) Meu exemplo de superação! Façamos sempre o que nos faz feliz, independentemente da idade ou das dificuldades, nunca é tarde para correr atrás dos nossos sonhos”, escreveu a neta.

TEXTO 6

Aos 81 anos, idoso realiza sonho e recebe 1º diploma universitário na BA.

Raimundo Nonato Faria conquistou título de bacharel em Letras. Aposentado revelou sensação ao se formar: 'Alegria tão grande'.

Do G1 BA, com informações da TV Bahia

Um senhor baiano de 81 anos realizou o sonho de receber o primeiro diploma universitário. A formatura do aposentado Raimundo Nonato Faria foi realizada na quinta-feira (17), em **Salvador**. O idoso conquistou o título de bacharel em Letras depois de mais de 50 anos em busca da realização pessoal.

“Eu nunca desisto. Foi uma alegria tão grande, né [sic.]. Eu tinha essa expectativa. Meu Deus, vai chamar o meu nome. Então eu fiz questão de falar, eu tenho 81 anos, e foi todo aquele aplauso, de pé, aquela coisa sensacional. Uma coisa que eu acho que nunca vou ter mais na vida”, contou emocionado.

A mulher do aposentado, Edite Faria, que é professora, está orgulhosa do marido. “Depois de oito décadas, ele consegue mostrar para gente que é possível sim, que a educação é o espaço mesmo de conquista. Então, eu tenho muito orgulho do meu marido”, revela. Com a certeza de que é um exemplo para muitas pessoas que ainda sonham em conquistar um diploma universitário, Raimundo Faria conta que pretende escrever um livro nos próximos dois anos.

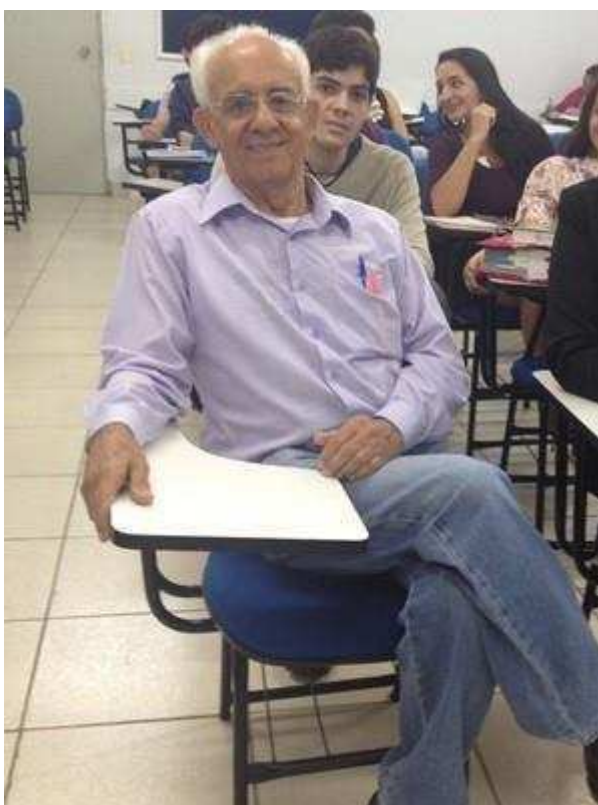
“Meu projeto agora é escrever um livro”, conta. “Eu acho que o sonho é uma coisa que todo mundo tem. Agora, correr atrás dele para realizar, nem todos pensam assim. Eu acho que todo mundo tem que correr atrás, porque o sonho é a coisa mais importante da vida, que impulsiona o seu viver”, conclui.

TEXTO 7

Idoso de 76 anos realiza sonho do 1º curso superior: 'Chegou minha vez'.

Pai de 9 filhos, ele diz que só depois da aposentadoria pôde cursar direito. Colega de sala de uma das filhas, o homem quer ser 'um exemplo', em GO.

Fernanda Borges **Do G1 GO**



Brasil Sales, 76 anos, cursa o quarto ano de direito, em Goiânia (Foto: Fernanda Borges/G1)

Logo após se aposentar, há quatro anos, o electricista Brasil Sales percebeu que era a hora de investir em um curso superior. Nascido e criado em uma fazenda de Caldas Novas, no sul de Goiás, ele conta que nunca teve chance de estudar após o ensino médio. “Eu sempre sonhei em ter uma formação acadêmica, mas fui criado sem pai e enfrentei muitas dificuldades. Mas agora chegou a minha vez”, disse ao **G1**.

Atualmente, aos 76 anos, ele cursa o quarto ano de direito na Faculdade Cambury, em **Goiânia**. “Eu parei de trabalhar em dezembro e, logo após alguns dias, vi que não podia ficar parado, pois iria enlouquecer. Aí prestei o vestibular

e, no começo do ano seguinte, eu já estava estudando para realizar meu sonho antigo, que estava guardado na gaveta”, conta.

Pai de nove filhos, Brasil afirma que sua pretensão vai além de atuar como advogado, pois ele quer ser um exemplo a ser seguido. “Sempre fui um homem que trabalhou muito, mas faltava algo. Por isso que, quando surgiu a oportunidade de estudar, mesmo já com a minha idade, vi que eu seria um orgulho para meus filhos, netos e bisnetos”.

O aposentado revela que outro fator foi importante para que ele tivesse coragem de estudar já na terceira idade: a companhia de sua filha, Maria Aparecida Sales de Barros, de 55 anos. Formada em ciências contábeis e fonoaudiologia, ela também decidiu voltar ao mundo acadêmico e é colega de sala do pai.

“Para mim é um privilégio, pois, além de poder desfrutar da companhia, ele ainda é meu parceiro de estudos, de trabalho. Meu pai é, de fato, um exemplo de vida”, disse Maria.

Dificuldades e sonhos

Apesar de estar “com a vida estabilizada”, Brasil conta que nem sempre conseguiu tudo o que queria com facilidade. Separado do primeiro casamento quando tinha 39 anos e sete filhos, sendo que o mais novo estava com oito anos, ele mudou com a família para **Cuiabá** (MT).

“Eu já tinha aprendido o ofício de eletricista com um conhecido e tinha uma pequena oficina em Caldas Novas, mas depois da separação eu tive que mudar de ares e fui para Cuiabá. Lá, a gente tinha onde morar, mas eu estava desempregado com sete filhos. Aí, fui até as oficinas da cidade, com meus meninos mais velhos, e nos oferecemos para trabalhar de graça. Três dias depois nós estávamos empregados”, lembra.

Nesse meio tempo, Brasil disse que a prioridade era o estudo dos filhos. Em 1979, durante um passeio em Goiânia, ele conheceu a atual esposa, Silvânia, com quem teve mais duas crianças. “Ela é o amor da minha vida, foi quem me ajudou a dar uma estrutura para a minha família e quem nunca deixou de me incentivar. Ela é tudo para mim”.

Após alguns anos no Mato Grosso, Brasil voltou para Goiânia, onde permanece até os dias atuais. Ele conta que o esforço feito durante todos esses anos valeu a pena, pois todos os filhos e netos têm formação superior. São engenheiros, médicos, advogados, economistas, fonoaudiólogos, contadores. “Minha família tem profissionais de todas as áreas”, se diverte.

Apesar de ter orgulho de ver os filhos com futuros promissores, o aposentado conta que faltava a sua realização pessoal. “Se eu pudesse, iria

estudar muito até virar promotor de Justiça, pois sempre gostei daquilo que é certo. Meus colegas até me incentivam a prestar o exame da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil]. Já enfrentei o desafio de ser um idoso na sala de aula, então quem sabe eu até possa exercer a profissão. Nunca é tarde para correr atrás dos sonhos ”, concluiu.



Brasil é colega de sala da filha, Maria Aparecida, que faz o terceiro curso superior (Foto: Fernanda Borges/G1)

TEXTO 8

Idosa aprende a ler e, aos 79 anos, se forma em universidade do Rio.

Dona Leonides Victorino cursou História da Arte na Uerj. Ela não sabia ler até os 67 anos: 'Era triste, falavam que era analfabeta'.

Do G1 Rio.

Uma idosa, moradora da Zona Oeste do Rio, resolveu aprender a ler e escrever aos 67 anos. Hoje, aos 79, dona Leonides Victorino, nascida na Zona da Mata de Minas Gerais, já tem até diploma universitário em História da Arte. A história foi contada pelo RJTV, nesta quinta-feira (23).

Dona Leonides passou a infância na lavoura. Começou a trabalhar como doméstica e lavadeira, mas nunca perdeu o foco. “Eu era meio triste, as pessoas falavam que era analfabeta, parecia que tinha uma faca que cortava o coração”, contou ela.

Foi quando ela, aos 67 anos, decidiu botar em prática o sonho de aprender a ler e escrever, junto dos cinco netos.

Em 2014, mais uma conquista. Dona Leonides se formou em História da Arte na Universidade da Terceira Idade, na Uerj. “Eu sonho grande, não sonho pequeno, não”, brincou ela.

TEXTO 9

Idosa morre a três dias da colação e é enterrada com beca e diploma no DF.

Mãe de 6 filhos e com 22 netos, sonho dela era se formar em enfermagem. Filha caçula recebeu certificado em cerimônia; dona de casa era cardíaca.

Isabella Calzolari **Do G1 DF**



Filhos, netos, marido e noras de Marinha durante a cerimônia de colação de grau no DF (Foto: Reprodução)

Uma insuficiência cardíaca impediu que a dona de casa Marinha Novais, de 69 anos, realizasse o sonho de receber o diploma de enfermagem. Mãe de 6 filhos e avó de 22 netos, Marinha morreu três dias antes da colação de grau. Vinda de família simples, ela dizia que só iria fazer faculdade depois que todos os filhos se formassem. Para homenageá-la, a família decidiu enterrar a idosa vestida de beca e com o canudo de graduação em mãos.

No final de junho deste ano, Marinha concluiu o tão sonhado curso. Ela também já havia feito curso técnico e aguardava nomeação na Secretaria de Saúde. Cardiopata, a idosa foi internada em um hospital no **Distrito Federal** a

um mês da cerimônia de entrega do diploma. Depois de passar por uma cirurgia para colocar um marca-passo no coração, Marinha não resistiu e morreu em 20 de julho.



Marinha durante estágio supervisionado em um centro cirúrgico (Foto: Reprodução)

A professora de estágio supervisionado Alynne Vicentina, de 24 anos, afirmou que Marinha era uma das alunas mais dedicadas da turma. “Todo mundo ficou surpreso por uma senhora mais velha estar fazendo enfermagem. Perguntei a ela se ela pretendia exercer a profissão e ela disse que não, mas que era o sonho dela. Ela era uma aluna superdedicada. Todo mundo gostava dela, ela pegava as coisas facilmente e fechou o histórico só com notas altas acima de 9.”

Adalgisa da Silva, de 49 anos, conta que mesmo internada a mãe checava o histórico escolar e ajustava os últimos detalhes para a colação. Marinha chegou a pedir que a irmã fosse até a faculdade tirar as medidas da beca para ela e também mandava mensagens para a neta buscar os convites da festa.

“No hospital ela falava o tempo todo da colação. Ela dizia que quando colocasse a mão no canudo com o diploma seria uma alegria, um sonho realizado. Ela esperou muito por isso, não desistiu nunca, ela estava o tempo inteiro interagindo com a turma para as providências da colação. Até

preocupada com o cabelo branco ela ficou. O entusiasmo e a vontade de vestir uma beca eram muito grandes.”

A cerimônia foi na última quinta-feira (23). A filha caçula, que também é enfermeira, foi a responsável por receber o diploma em nome da mãe. Foi dela a ideia de enterrar Marinha vestida de beca. A vestimenta foi confeccionada por um dos 14 irmãos da idosa.

“A difícil missão foi minha de receber o diploma por ela. O meu pai achou que não dava conta e pediu que eu fizesse isso, até por causa do próprio curso. Todos concordaram e deram apoio na homenagem. O meu elo com ela era muito forte. Os 31 dias em que ela esteve no hospital eu a acompanhei de perto”, contou Adriana Martins, de 40 anos. “Quando vi que ela estava muito grave, pedi que minha tia fizesse a beca com as medidas que já tinha da minha mãe e contei ao meu pai a ideia.”



A dona de casa Marinha e aposentado Miguelzinho Novais (Foto: Reprodução)

Marinha e Miguelzinho Novais foram casados por 53 anos. Aposentado da Polícia Civil, o idoso de 73 anos afirmou que os dois saíram de Minas Gerais para a capital federal em 1965 e tiveram um início de vida juntos muito sofrido.

“Nem lugar para morar a gente tinha. Comecei essa batalha de muito trabalho vendendo banana na rua, depois passei a vender bolo em obras, a comprar galinha no interior e vender nas feiras e ela cuidava dos nossos filhos. Fiz o concurso para a polícia, não tinha o segundo grau completo, mas estudei muito. Fui privilegiado por Deus e consegui passar”, disse.

“Foi uma tarefa muito sofrida porque ela cuidava das crianças e eu trabalhava para cuidar. A minha preocupação era não criar meus filhos na situação em que chegamos em **Brasília**. Acompanhávamos passo a passo das crianças e hoje temos seis filhos muito bem estabelecidos, com situação

financeira boa. Hoje me sinto um vencedor e faria tudo de novo se fosse preciso. Construí essa família com muita felicidade e muita união. A nossa convivência foi com muito amor, muito carinho, a gente não discutia.”



A dona de casa Marinha e o aposentado Miguelzinho com os seis filhos (Foto: Reprodução)

Rosa Bresolin, de 65 anos, conheceu Marinha na costura da pastoral de uma igreja da capital. Logo que se conheceram, as duas viraram amigas. “Ela era um poço de alegria, era uma pessoa que costurava com muito capricho, assídua, não falhava. Ela sempre chegava cedo porque tinha que sair antes para fazer o lanche do Miguelzinho. Ela casou com 16 anos e era um amor por aquele marido”, falou.

“Ela ajudava também na parte do brechó do Hospital de Base, era uma pessoa muito querida. Ela dizia que eu era exemplo de vida para ela, mas eu que tirava o chapéu para ela, com todos os problemas, ela sempre alegre e nunca reclamava de nada, sempre feliz com a vida.”

TEXTO 10

Aos 86 anos, mulher se forma em direito no RS e quer ajudar idosos.

Maria Francisca Coruja se prepara para obter o segundo diploma. Idosa quer exercer a profissão na área do direito previdenciário.

Rafaella Fraga Do G1 RS



Aos 86 anos, Maria Francisca Coruja exibe com orgulho o convite de formatura (Foto: Rafaella Fraga/G1)

No próximo dia 29 de agosto, a aposentada Maria Francisca Coruja, de 86 anos, será a formanda mais velha da turma de 21 alunos do curso de direito da universidade La Salle de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Sem ambição financeira e com muita vontade de ajudar os outros, a idosa está ansiosa para a cerimônia de colação de grau. E já faz novos planos. Decidida, já se prepara para o próximo desafio: ser aprovada no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Viúva desde 1997, Dona Coruja, como é carinhosamente chamada por amigos e conhecidos, decidiu retomar os estudos em 2009, aos 80 anos, após a

perda da mãe. Voltar à sala de aula foi uma forma de ocupar o tempo em que se sentia solitária no imenso apartamento onde mora na capital.

“No início eu fui [para a faculdade] para preencher a minha vida, que estava solitária. Mas quando entrei, já fui planejando meu futuro. No segundo semestre eu pretendo me preparar para a prova da OAB e pretendo trabalhar com a terceira idade, para ajudar as vovozinhas e vovozinhos que precisam”, diz ela ao **G1**.

Mesmo sem querer, a história de vida de Dona Coruja serve de exemplo. Ela percebeu isso com clareza na última semana, quando foi a uma loja comprar um vestido para usar em uma das celebrações da formatura e compartilhou o compromisso com a atendente que a recebeu. “A moça me disse: ‘Tu estás se formando em direito com 86 anos? Que vergonha de mim’, me disse ela, correndo uma lágrima do olho. Ela tinha 50 anos e se achava velha para isso”, comenta, indignada.

E já é fato que a universidade não é mais um ambiente frequentado somente por gente jovem. O perfil do ensino superior no Brasil mudou. Dados do Ministério da Educação (MEC) apontam que houve um aumento de 40% no número de pessoas acima dos 60 anos dentro da universidade, entre 2010 e 2012.



Dona Coruja é a mais velha da turma de estudantes de direito (Foto: Arquivo pessoal)

Graduada em ciências biológicas e com pós em pedagogia, a idosa aposentou-se em 1983, depois de fazer carreira por 35 anos no magistério. O diploma em direito vai unir-se aos demais certificados que já coleciona no currículo. “Eu me aposentei, mas não parei. Nunca. Tem uma frase que sempre usei na minha vida: ‘Todo o movimento que estaciona, morre’. Então eu não paro nunca”, afirma.

Apesar da idade avançada, Dona Coruja não abre mão do sonho de exercer a profissão de advogada de forma voluntária, na área do direito previdenciário. “Vai ser um trabalho gratuito. Eu sou muito modesta, já ganho o suficiente para viver bem”, sustenta ela. “Eu tenho onde morar, já fiz muitas viagens pelo mundo. Sei administrar meu dinheiro, ele rende. Então eu não tenho ambição por dinheiro. Eu não vou levar dinheiro para o céu”, completa.



Dona Coruja era referência na turma de formação (Fotos Arquivo pessoal)

Estudar para ela nunca foi problema. Pelo contrário, era prazer. Filha de professor, entrou na escola já sabendo ler e escrever, aos 5 anos. “Aprendi com o meu pai”, conta a irmã mais velha de uma família humilde de sete irmãos.

Nascida em Barra do Ribeiro, a cerca de 60 km de Porto Alegre, começou a trabalhar ainda adolescente. Com a morte do pai, aos 15 anos procurou emprego para ajudar a mãe, que cuidava do lar, com as despesas da casa.

“Nossa família não tinha muitos recursos. A gente se criou no interior, uma vida modesta”, lembra. Aos 19, casou-se em Gravataí, na Região Metropolitana. Logo se mudou para a capital, onde teve os dois filhos Elaine Terezinha, 59 anos, e Sérgio Augusto, 66 anos.

É no passado que Dona Coruja busca inspiração para correr atrás dos sonhos que ainda conserva vivos. “Aos meus queridos pais, minha eterna gratidão pela luta empreendida para custear meus estudos de 1º grau, alicerce que hoje completo a obra sonhada”, escreveu ela em seu convite de formatura.

A única tristeza no meio de um período tão alegre na vida de Dona Coruja é a frágil saúde da filha, que está hospitalizada com pneumonia e recebe os cuidados da mãe. “Fiquei tão envolvida com isso que nem pude mandar todos os convites”, lamenta. Por essa razão, a festa de formatura será bem simples. “Em família e com amigos bem íntimos”, resume.

Aluna aplicada e cheia de opiniões

Durante os seis anos em que esteve na faculdade, Dona Coruja manteve a rotina de ir de ônibus ou trem até a universidade em Canoas, trajeto que levava cerca de 45 minutos. Nem mesmo algumas aulas no turno da noite a intimidavam a usar o transporte coletivo. “Eu tenho muita fé. Sou invisível para o mal”, brinca.

Em sala de aula, Dona Coruja era referência na turma, querida tanto por professores como pelos colegas. Embora não saiba explicar o que a levou a optar pelo direito, descobriu nas leis e códigos penais uma nova paixão. O bom desempenho é resultado de horas de estudo em casa. “Sou apaixonada pela educação, pela instrução. Estudo 10, 12 horas por dia”, diz.

Tanta leitura rende assunto. Sobre temas polêmicos, como a proposta de redução da maioria penal de 18 para 16 anos no caso de crimes de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e crimes hediondos, não tem medo de se posicionar. “Isso não adianta nada. Nada. Eles saem pior de lá [da cadeia]. Ah, se eu pudesse pegar esse mundo e virar do lado avesso”, argumenta.

Apesar de ser reconhecida e elogiada por seus feitos, Dona Coruja é modesta e evita o rótulo de exemplo. “A gente nunca sabe o suficiente, sempre há coisas para aprender na vida”, conclui.

TEXTO 11

Aos 82 anos, idoso se forma em segundo curso superior, no Piauí.

Adálio Saraiva da Rocha concluiu o curso de direito e deixou toda a família orgulhosa depois de já ter se formado em teologia quando tinha 76 anos.

Um teste para sua memória: quantas pessoas você conhece que fizeram duas faculdades? Fazer uma, às vezes, já é difícil. Duas, então, não é tão comum assim. Em Teresina, está um exemplo em que a vontade de aprender é maior do que os desafios que vêm com a idade. Adálio Saraiva da Rocha é um avô enturmado com os netos e a tecnologia.

"A gente comenta que ele é jovem. Ele quer ser moderno", diz uma das netas.

O último presente que ele pediu foi um celular com acesso à internet. Mas, para isso, ele ainda precisa da ajuda dos netos. Aos 82 anos, seu Adálio esbanja saúde e não esconde a receita: "O segredo maior está dentro da gente. É você ter aquela vontade de conhecer, de viver atualizado com a realidade da vida hoje", ensina.

Esse conhecimento que ele tanto busca está trazendo muito orgulho para todo mundo da família, em especial para Camila Cavalcante Lima, a neta mais nova:

"Eu fico orgulhosa, porque, quando eu falo com as minhas amigas que eu vou para a formatura do meu avô, elas ficam falando: 'Meu avô já está aposentado e o seu ainda vai se formar!'", diz ela.

A formatura é no curso de direito. E ele fez sucesso de beca. A madrinha de formatura é a filha, que há 14 anos foi conduzida por ele para também receber um diploma, só que de médica. Seu Adálio foi o primeiro a receber o canudo e também o mais aplaudido.

Esse não é o primeiro diploma de um curso superior que seu Adálio conquista. Aos 76 anos, ele se formou em teologia. Toda essa dedicação foi reconhecida pelos colegas do curso de direito, com uma homenagem especial: a turma de formandos se chama Adálio Saraiva da Rocha.

"Um aluno exemplar, dedicado, não usou a idade como limitação para não estudar. Então, foi um exemplo para a turma de zelo e amor pelo curso", explica Antônia Alves, colega de formatura. Uma vitória para quem veio da roça e só concluiu o ensino médio aos 40 anos.

"Estou muito satisfeita com essa formatura. Com a idade que ele tem, é muito sucesso", diz a esposa de seu Adálio, Ivone Cavalcante da Rocha.

"Nunca é tarde para estudar. Nunca é tarde para ser feliz, batalhando através do conhecimento, buscando conhecimento", aconselha seu Adálio.

O recém-formado advogado acrescentou que, agora, pretende tirar umas férias curtas e que já quer fazer mestrado ou, quem sabe, o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

TEXTO 12

Aos 77 anos, idoso supera pré-infarto e se forma em fisioterapia na Bahia.

Após assumir atividades do lar, Raymundo voltou à faculdade aos 72 anos. Cerimônia de colação de grau ocorreu no dia 22 de julho deste ano.

Henrique Mendes Do G1 BA

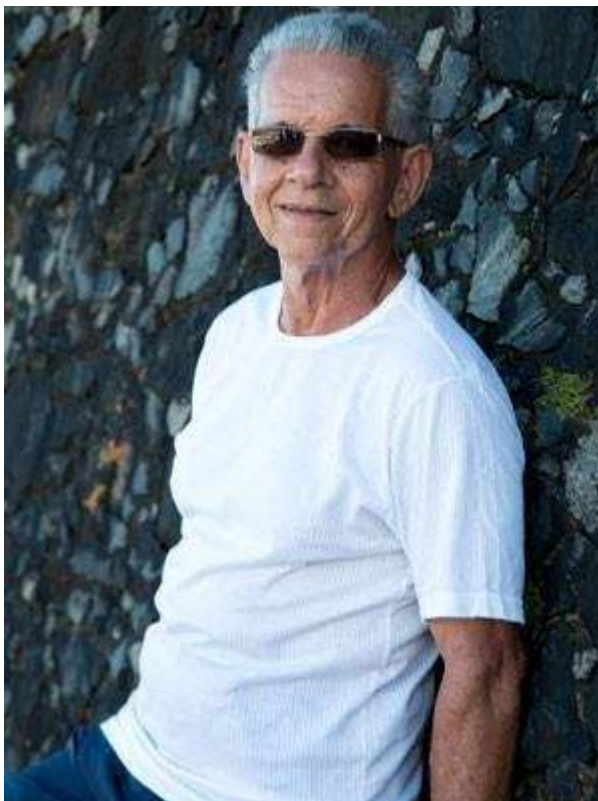


Raymundo Magalhães colou grau no dia 22 de julho deste ano (Foto: Emerson Ishikawa / Arquivo Pessoal)

A voz é firme, a disposição física pulsante e o espírito aventureiro. Soteropolitano, Raymundo Magalhães coleciona uma série de características comumente relacionadas aos jovens de pouca idade. Aos 77 anos, entretanto, surpreende pelo vigor. "Se Deus permitir, vou até aos 120", estima ao ostentar a conquista mais recente, o título de graduado em fisioterapia, obtido há menos de um mês.

Casado e pai de três filhos, Raymundo se reinventou aos 72 anos de idade. Aposentado e mergulhado nas atividades do lar, foi incentivado por um dos filhos a ingressar em um curso superior. "Meu pai se aposentou muito cedo, aos 49 anos. Durante um tempo, começou a cuidar dos serviços domésticos, enquanto a minha mãe ainda trabalhava. Estava sentido que ele estava cada

dia mais triste, logo ele que sempre foi uma pessoa tão ativa", lembra o filho Cícero Magalhães, de 45 anos.



Raymundo se mantém ativo, por meio de caminhadas e malhação (Foto: Emerson Ishikawa / Arquivo Pessoal)

Raymundo detalha que se aposentou após 30 anos de contribuições previdenciárias. No período, decidiu cuidar da casa, de modo a incentivar a esposa a conquistar alguns sonhos. "Ela sempre foi uma mulher muito inteligente. É uma pedagoga, uma psicanalista fantástica. Excelente palestrante. Abdiquei de algumas oportunidades para ela crescer na carreira. Ela é mulher incrível, que sempre quis ajudar as pessoas", destaca com o orgulho o apoio.

Com cursos técnicos em áreas como massoterapia e quiropraxia, Raymundo foi incentivado pelo filho a prestar vestibular para fisioterapia.

"Ele riu e disse que não iria passar. Eu fiz a inscrição, ele fez a prova e quando saiu o resultado vimos que ele foi o segundo melhor colocado. Ele deu uma risada tão espontânea. Uma mistura de choro com riso", lembra Cícero sobre o recomeço do pai.

Quando jovem, Raymundo chegou a cursar engenharia eletromecânica, mas abandonou a graduação quando decidiu se casar. "Apareceu uma princesa na minha vida. Nos apaixonamos e nos casamos. Ela veio do agreste de Pernambuco e apareceu no Engenho Velho de Brotas [bairro de Salvador]. Eu gostava muito de passear e sempre passava diante da casa onde ela morava.

Um dia, eu disse: vou me casar com aquela menina lá em cima. Depois, descobri que ela já tinha o mesmo plano", disse aos risos.

Diante das novidades, que fazem parte do ciclo da vida, Raymundo voltou à faculdade aos 72 anos. "Na prática, eu já dominava muitas coisas que os professores explicavam. Ainda assim, o ganho técnico foi muito grande. Não tem como dimensionar. No início, os professores pareciam barreiras, mas foram extraordinários", lembra.

Durante o curso, sentiu alguns olhares de estranhamento. "Havia rejeição de alguns coleguinhas. Acho que pensavam: o que esse velho está fazendo aqui. Surpreendentemente, saí muito antes do que eles esperavam", diz orgulhoso.

No meio da graduação, um problema de saúde afastou Raymundo das salas de aula. No dia 12 de setembro de 2012, sentiu um cansaço estranho. Foi a um instituto médico e acabou ficando por lá durante 30 dias. Ele apresentava características sintomáticas de pré-infarto. "Fizeram duas pontes de safena e uma mamária. Hoje, estou bem. Claro que procuramos fazer sempre um pouco menos de esforço, mas parar nunca. A vida é movimento", defende.



Raymundo com a esposa, Cleonice Magalhães (Foto: Cícero Magalhães / Arquivo Pessoal)

O problema de saúde não afastou o estudante das salas de aula. Cícero, o filho que indicou o curso de fisioterapia, enxergava tudo como inspiração. "Quando era jovem, meu pai dizia: estude com gosto de gás. Eu não era muito

estudioso, cheguei a perder um ano. Hoje, entendemos o que ele queria dizer. Ele se envolveu nos estudos com firmeza e determinação. Estudava até as 23h", destaca.

A colação de grau ocorreu no dia 22 de julho deste ano. Ao lado da família, estendeu com orgulho o canudo de formação.

Antes técnico em atividades como massoterapia e quiropraxia, Raymundo já mantém clientes cativos em municípios como Jacobina, Irecê, Várzea da Roça, Capim Grosso, Feira de Santana e Morro do Chapéu. Nas viagens para atender os pacientes, está sempre ao lado da esposa. "Viajo, participo de caminhada, malho. Em tudo, estamos sempre juntos: eu e a minha namorada", fala sobre a relação com esposa, Cleonice Magalhães, com quem divide a vida há 55 anos.

Cícero, um dos três filhos do casal, diz que a experiência do pai é estimulante. "A lição que se extrai disso tudo é que não há limites. A humanidade está muito acostumada a se autolimitar. Isso determina onde você vai. Existe a teoria das crenças autolimitantes, a idade é uma delas. Se você crer que só vai até aqui, você só vai até aqui. Entretanto, não há limites quando você quer ir longe", afirma.

Emocionado, Raymundo Magalhães conclui que nenhuma conquista teria sido possível sem o amor dos filhos e cumplicidade da esposa. "É uma vitória maiúscula para mim e para a minha família. Conquistei muito mais do que sonhei. Por tudo, tenho que agradecer a Deus, que é quem nos habilita", atesta.



Raymundo ao lado do filho, Cícero Magalhães (Foto: Cícero Magalhães / Arquivo Pessoal)



Raymundo durante uma das atividades em sala de aula (Foto: Cícero Magalhães / Arquivo Pessoal)

TEXTO 13

Idoso de 84 anos cola grau em direito e chega à 3ª formação: 'Céu é o limite**'.**

Leon Nolasco já é graduado em ciências contábeis e matemática, em Goiás. Inspiração na família, ele pretende se formar em mais dois cursos superiores.
Sílvia Túlio Do G1 GO

Dentre cerca de 200 universitários, um senhor de cabelos brancos chama a atenção na formatura de 13 cursos de uma faculdade em Goiânia. Aos 84 anos, Leon Delane Nolasco não deixa a idade influenciar na sua sede de conhecimento. Na noite de terça-feira (19), ele colou grau em direito, seu terceiro curso superior concluído, uma vez que já possui formação em ciências contábeis e matemática. "O céu é o limite", disse ao **G1**.

Acompanhado de boa parte da família, composta por quatro filhos e sete netos, Leon vestiu a beca e posou para fotos. No palco, fez a outorga de grau de seu curso e comemorou bastante com o "canudo" nas mãos.

"É um momento esplêndido, estou nas alturas. Fiz o curso para ter mais conhecimento e quero prestar o exame da Ordem dos Advogados do Brasil para poder advogar", destaca.



Leon termina seu terceiro curso superior (Foto: Sílvia Túlio/G1)

Natural de **Buriti Alegre**, no sul de Goiás, Leon conta que viveu muitos anos em **Pontalina**, até mudar para **Goiânia**, onde já está há cerca de 40 anos. De família humilde, ele diz que não imaginava que iria tão longe nos estudos.

A história do idoso com o mundo universitário começou na década de 1970, quando sua esposa morreu. Na época, ele já era formado em matemática e atuava como professor. Somente 40 anos depois, quando tinha 80 anos, ingressou no curso de contábeis.

Após as duas formações, **ele decidiu que queria fazer direito e ingressou como portador de diploma** na Faculdade Cambury. "Sabia que os conhecimentos em direito previdenciário, tributário e empresarial iriam ajudar na minha atuação", explica.



Família fez questão de prestigiar o idoso na formatura (Foto: Sílvio Túlio/G1)

Sonhos e apoio da família

O terceiro curso concluído não é o fim da linha nos sonhos de Leon. No segundo semestre deste ano, além de fazer uma pós-graduação na área jurídica, ele vislumbra cursar simultaneamente agronegócio e história, que é sua "grande paixão".

O cansaço não é problema para quem esbanja motivação. "Sou forte. Faço 6km de caminhada diariamente. Deixo muito 'jovenzinho' para trás. Isso sem contar o apoio da minha família", salienta.

Parentes do idoso o veem como uma grande inspiração. "Meu avô é um grande exemplo para todos nós. Nos mostrou que o estudo é importante e prazeroso independente da idade. Ficamos meio receosos quando ele começou por causa da idade, mas ele mostrou que deu conta, passou confiança e conseguiu", elogia a neta mais velha, a estudante de arquitetura Stefany Nolasco, de 22 anos.

Único dos quatro filhos ainda sem ensino superior, o vendedor Stéfano Nolasco de Sousa, de 46 anos, vê no pai o incentivo para começar o tão sonhado curso de educação física: "Ele mostrou que ninguém deve desistir dos seus sonhos".



Leon Nolasco recebe a outorga de grau (Foto: Sílvio Túlio/G1)

Só elogios

Dentro da faculdade, Leon é praticamente uma unanimidade. Os elogios vêm de todos os lados. Para a coordenadora do curso, Sara Cristina Rocha, o experiente aluno é um "referencial".

"Como coordenadora, tenho conhecimento do desenvolvimento dele em sala de aula. Sempre um aluno exemplar, estudioso e animado. É uma felicidade vê-lo concluindo o curso. Ele motiva tantos os colegas como os professores. Vai nos deixar saudade, é um referencial", pontua.

Concluindo o curso junto com o idoso, Andrea Borba diz que ele tem um dom "mágico" de passar o vigor para os mais novos, além de ser sempre muito dedicado e solidário.

A amiga revela que ele também é um "galanteador à moda antiga". "Ele adora discutir como é a abordagem dos rapazes atualmente e como era na época dele. É muito prazeroso estar com ele. Vou levá-lo para sempre em meu coração", diz.



Leon Nolasco durante as aulas do curso de direito (Foto: Fernanda Borges/G1)

TEXTO 14

Aos 89 anos, homem se prepara para se formar em pedagogia no RS.

Celestino Costella completa 90 anos em agosto, mês da colação de grau. Nascido no interior da serra gaúcha, idoso ficou sem estudar por 74 anos.
Rafaella Fraga Do G1 RS



Aos 89 anos, Celestino Costella irá se formar em agosto (Foto: Optimus Produções/Divulgação)

Falta pouco mais de dois meses para o gaúcho Celestino Costella, de 89 anos, completar um feito para poucos: concluir uma faculdade. Depois de mais de sete décadas longe da sala de aula, o aposentado, enfim, realizou o antigo sonho de estar na universidade. A cerimônia de colação de grau no curso de pedagogia já tem data marcada: 27 de agosto.

"Sempre quis estudar. Vim de uma família muito grande e tive que trabalhar, ajudar em casa. E aí não pude estudar naquela época", conta ele ao **G1**.

Costella fez da época atual uma nova oportunidade para buscar a realização daquilo que tanto queria. Ele é o aluno mais velho da Universidade de Caxias do Sul (UCS), na serra gaúcha. Desde 2009, viaja de Veranópolis, onde hoje vive com a esposa Maria, de 84 anos, com destino ao campus da Região dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Uma rotina que transformou sua vida.

"Estou muito feliz. Não pensava que chegaria até aqui ", comenta, com orgulho. Nascido na pequena comunidade de São Valentim, no interior da cidade para onde se mudou há 30 anos, Costella nasceu em uma casa simples, onde dividiu a infância com outros 16 irmãos. Para ajudar com o sustento familiar, interrompeu os estudos quando estava no 5º ano. Passou então a trabalhar na colônia com os pais, e anos mais tarde trocou o campo pela estrada, transportando cargas em caminhões.

"Na hora de me aposentar, resolvi que ia voltar a estudar. Eu sempre quis, era um sonho meu. Fiquei 74 anos sem estudar", pontua ele.

Já aposentado, Costella fez o EJA (Educação de Jovens e Adultos), concluindo a primeira etapa almejada: o Ensino Médio. "Depois eu fui adiante, queria ver o que era essa tal de faculdade", ri ele, com o peculiar sotaque influenciado pelo sangue italiano.

Em 2009, procurou as atividades do programa da Universidade da Terceira Idade – hoje UCS Sênior, projeto acadêmico destinado a pessoas acima de 50 anos de idade. Matriculou-se nas disciplinas de “Memória: qualificando a vida”, “Informática” e “Filosofia da História” e descobriu o gosto pelo curso de pedagogia.

"Fiz muitas disciplinas em um semestre. Depois consultei informações sobre qual seria a melhor opção de curso para mim, para aproveitar também as disciplinas que eu já tinha cursado. E deu pedagogia. Fiz a redação e fui aprovado", conta.



Costella entrou na faculdade em 2009 e está prestes a concluir os estudos (Foto: Daniela Schiavo/UCS/Divulgação)

As conquistas que os mais velhos costumam atribuir aos estudos mostram que o papel da escola e da universidade vai muito além de preparar e conduzir ao mercado de trabalho. Para eles, estar na sala de aula traz outros benefícios, muito maiores.

"Aprender sobre educação mudou minha maneira de ver as coisas. A experiência de estudar muda a maneira de se viver, de conviver com a sociedade", diz ele.

A turma de Costella era, em maioria, formada por mulheres. Ao lado delas, o formando frequentou palestras, seminários e semanas acadêmicas. "Eram colegas todos muito jovens, e a maioria era menina. Mas para mim foi um sucesso. Todos eram muito bem educados. A gente fazia trabalho em grupo e tudo. Eles me aceitaram como eu sou", descreve.

Festa de formatura vai celebrar também aniversário de 90 anos

No dia 27 de agosto, a família Costella vai se reunir para comemorar o diploma. E a festança vai ser animada: o formando reunirá os 11 filhos, 15 netos, mais bisnetos, noras e genros. "E outros convidados ainda", brinca. "Vai passar de 100 pessoas", completa, empolgado.

A data também vai celebrar os 90 anos do patriarca, completados em 4 de agosto, e o aniversário de 66 anos de casamento dele e da esposa Maria, de 84 anos. "São três festas em uma. Aí dá pra gastar um pouquinho de dinheiro", diverte-se.

Apesar da idade avançada, Costella não quer parar após a formatura. "Minha idade não facilita muito, sabe? (risos). Mas parar mesmo, eu não vou parar", garante ele. Ele não confirma se irá exercer a profissão de alguma forma, mas reconhece que o aprendizado adquirido durante a graduação ficará guardado para o resto da vida.

TEXTO 15

Idosa 'cumpre promessa' e se gradua em curso de extensão da UnB.

Mulher tem 83 anos e estudou por dois anos educação política e social em gerontologia. Ela adiou estudos para criar filhas e só concluiu ensino médio em 2014.



Idosos se formam em curso de extensão na UnB

A idosa Abadia Crispim, de 83 anos, celebrou nesta sexta-feira (9) a formatura em um curso de extensão que durou dois anos na Universidade de Brasília. A conquista **fazia parte das promessas feitas por ela**, que completou o ensino médio em 2014.

As aulas feitas por ela integram o programa Universidade do Envelhecer, no campus de Ceilândia, que encerrou esta semana as atividades da primeira turma. Abadia, que tem 5 filhas, 11 netos e 12 bisnetos, se disse orgulhosa.

A idosa ficou muito emocionada ao subir no palco para receber o canudo. Ela chegou à capital federal antes mesmo da inauguração da cidade e trabalhava como lavadeira. Casada com um carroceiro, precisou adiar a vontade de estudar.

“É um sonho que virou realidade, não tenho palavras de tão feliz que estou”, conta a idosa, que tem as filhas graduadas em cursos como direito, economia, medicina e pedagogia.

Ao todo, havia 59 formandos. A maioria deles era idoso. A festa contou com banda do Exército e a presença das famílias, que levaram cartazes. Os formandos receberam grau de educador político e social em gerontologia – ramo que estuda o envelhecimento do ser humano com qualidade de vida.

TEXTO 16

Idoso de 78 anos se forma em direito após perder a mulher e vencer câncer.

Luiz Laurentino da Silva tem sonho de atuar como defensor público. Ele lutou contra câncer de próstata durante o segundo ano da faculdade.

Do G1 MT



Luiz Laurentino da Silva, de 78 anos, tem o sonho de atuar como defensor público (Foto: Reprodução/TVCA)

Com os cabelos grisalhos, Luiz Laurentino da Silva se destaca em meio aos jovens formandos do curso de direito de uma faculdade particular de **Várzea Grande**, região metropolitana de Cuiabá. Na sexta-feira (29) ele realizou o sonho de concluir a faculdade para atuar como defensor público. A jornada até o dia tão esperado, no entanto, não foi fácil. Durante o curso, Luiz Laurentino lutou contra um câncer de próstata e perdeu a mulher, com quem era casado havia 46 anos, no ano passado.

Hoje, depois de cinco anos de dedicação e um sorriso estampado ele diz que todo o esforço valeu a pena. “Estou me sentindo realizado. Agora sei que

todas as minhas lutas valerem a pena e a minha vitória é maior que todos os problemas que enfrentei”, afirmou.

Acompanhado de grande parte da família, ele vestiu todo o traje para o dia da formatura. “Achamos muito corajoso quando ele decidiu fazer a faculdade. Estamos muito orgulhosos de tudo o que ele é e da capacidade dele”, disse a irmã de Luiz, Narazé Laurentino.

Foi em 2012, aos 73 anos, que ele decidiu ingressar na universidade. Luiz diz que não se importou com as críticas e seguiu em frente. “Disseram que eu estava louco e que estava velho demais”, contou.

A inspiração para escolher o curso veio da época em que atuou como jurado no Tribunal do Júri em Várzea Grande. “Senti falta de advogados qualificados para defender os menos favorecidos. Além disso, vi muita gente que deveria ser condenada sendo absolvida”, declarou.

Os obstáculos começaram em 2015, quando ele foi diagnosticado com um câncer de próstata. Para o tratamento, Luiz foi submetido a 36 sessões de radioterapia. Venceu a doença e se curou. No entanto, o procedimento trouxe complicações. “Saí com as articulações com problema. Não conseguia andar direito, tinha dificuldade para tomar banho e me levantar”, lembrou.

Mesmo com todos os problemas, Luiz nunca desistiu. Ele afirma que mesmo com a saúde debilitada não pediu tratamento especial e nunca pensou em desistir. “Foi de igual para igual. Não reprovei em nenhuma matéria e nunca faltei”, afirmou, explicando que foi aprovado com nota máxima pela banca examinadora do trabalho de conclusão de curso.

No último ano da faculdade, Luiz sofreu com o que ele chama de “a maior perda da vida”. A mulher, com quem era casado havia 46 anos, morreu após uma parada cardíaca. A última lembrança que tem dela é um almoço preparado especialmente por ela. O cardápio foi o mesmo da primeira refeição que fizeram juntos enquanto ainda eram namorados.



Luiz venceu um câncer na próstata e perdeu a mulher durante o último ano da faculdade (Foto: Reprodução/TVCA)

“Ela me disse que estava fazendo aquilo para eu ficar feliz”, disse Luiz. Na mesma noite a mulher de Luiz passou mal e foi internada em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Dois dias depois ela morreu.

Após a morte da mulher, ele conta que pensou em desistir várias vezes. Todos os dias, no entanto, Luiz diz que se lembrava do pedido feito pela mulher para que concluísse a faculdade. Luiz se dedicou até o fim e concluiu o curso com o apoio de professores e colegas. “Ele é um exemplo para todos da sala. Para mim, especialmente, é uma inspiração. A docência não é algo fácil, mas pessoas como ele fazem valer a pena”, disse a professora Michelle Maril.

O próximo passo do recém graduado é passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (**OAB**). Além do sonho de advogar para as pessoas mais necessitadas Luiz também quer ser professor. “Agora penso em repassar tudo o que aprendi e lecionar em faculdade e cursinhos”, afirmou.

TEXTO 17

Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física em Porto Ferreira, SP.

Ela faz natação e vôlei adaptado e nunca esqueceu do amor pelo esporte. Nilcea Barroso prestou vestibular com 83 anos e passou em primeiro lugar.

Do G1 São Carlos e Araraquara

Em uma sala de aula de uma faculdade em Porto Ferreira (SP), um olhar maduro chama atenção. Aluna do último ano do curso de Educação Física, Nilcea Barroso Carrera de 86 anos sempre desejou trabalhar na área. "Na época em que eu podia fazer educação física, na minha juventude, eu não consegui porque a minha mãe não tinha condições financeiras", contou.

Nilcea foi aprovada em primeiro lugar e, atualmente, os colegas de turma contam que ela mais ensina do que aprende. Segundo eles, ela corrige o português nos trabalhos em grupo.

"Fazer esporte, jogar vôlei, fazer natação, estudar, ser mãe, ter filhos, quero chegar nessa idade desse jeito", afirmou Gabriela Mansales, colega de classe da idosa.



Filha e neta de Nilcea são da área de educação física (Foto: Reginaldo dos Santos /EPTV)

Inspiração

Nilcea acabou se tornando professora, mas nunca esqueceu a paixão por esportes. "Eu lecionei 26 anos e, na época, tinha no currículo educação física no horário, mas ninguém dava porque não era obrigatório. Não era obrigatório, mas eu ensinava" relatou ela, que teve ajuda dos sobrinhos que trabalhavam na área e emprestavam apostilas.

O gosto pela profissão atravessou gerações. Nilcea viu com orgulho netos e filhos se tornarem professores da disciplina. "A inspiração da família é ela", contou a filha Carla Barroso.

"Minha mãe, meu irmão, tios, primos, vai longe, o amor pelo esporte não é só hobby, a gente gosta mesmo, não fica sem", disse Lia Fernanda Barroso, neta de Nilcea e educadora física.



Nilcea não abre mão das aulas práticas (Foto: Reginaldo dos Santos/EPTV)

Amor pelo esporte

Praticante de vôlei desde os 14 anos, aos 60 anos Nilcea descobriu uma nova habilidade: a natação. Em 2010 e 2011 ela conquistou medalha de ouro na modalidade nos Jogos Regionais dos Idosos.

Disposta, Nilcea não abre mão das aulas práticas do curso e garante que não vai parar. "Eu quero continuar dentro do esporte, acho que como professora de Educação Física eu tenho uma chance", concluiu.



**Nilceia de 86 anos é aluna do último ano do curso de educação física
(Foto: Reginaldo dos Santos/ EPTV)**

TEXTO 18

Após aposentadoria, idoso de 81 anos conclui 3º curso superior na Bahia.

Valter Ferreira mora em Salvador e se formou em Direito na sexta-feira (24). Aposentado já havia se formado em Turismo e Metodologia de Ensino.

Do G1 BA, com informações da TV Bahia

Aos 81 anos e com muita disposição, Valter Ferreira concluiu a terceira graduação no ensino superior, que foi iniciado após a aposentadoria. O idoso, que já era formado em duas graduações, Turismo e Metodologia de Ensino, se formou também em Direito. A cerimônia de formatura foi realizada na noite da sexta-feira (24), em **Salvador**.



Idoso se formou em Direito na sexta-feira, em Salvador (Foto: Reprodução/TV Bahia)

Valter Ferreira trabalhou como servidor público até os 52 anos. Depois de aposentado, ele resolveu se dedicar aos estudos e, ao longo de 29 anos, alcançou as três formações. Segundo ele, estudar sempre foi um hobby.

"Eu sempre gostei de estudar. Um hobby que eu tenho é estudar. E gosto mesmo. Faço com que todo o pessoal da minha família estude. Eu estudava em uma base de 4h a 5h. Às vezes, eu chegava da faculdade às 22h, 22h30. Eu não ia dormir, eu ia estudar, até umas 2h da manhã", contou o aposentado.

Durante a formatura em Direito, filhas e netas do idoso se emocionaram mais uma vez com a força de vontade dele. Uma das filhas o acompanhou até o palco para a entrega do canudo. As netas falaram sobre como é tê-lo como exemplo de vida.



Netas e filhas do aposentado se emocionaram com a 3º formação dele (Foto: Reprodução/TV Bahia)

"Que homem poderoso. Ninguém diz que ele tem 81 anos", disse Bárbara Almeida, uma das netas presentes na cerimônia.

"Ele é uma referência para a gente. Ele é o nosso mestre em tudo. É a pessoa que direciona a nossa vida", completou Alice Almeida, também neta do idoso.

O incentivo para que os familiares também estudem foi confirmado por Luzia Cruz, filha do idoso. Ela contou que graças ao exemplo do pai, ela e todas as irmãs possuem formação superior. "Todas nós, eu e minhas irmãs, somos formadas e seguimos o exemplo dele. Ele já disse que não vai parar", contou.

Na cerimônia, colegas de turma também falaram bem da experiência de convívio com o aposentado na faculdade e citaram as dificuldades enfrentadas por ele. "Ele, de uma forma muito carismática, conseguiu formar, com todas as dificuldades, de aulas aos sábados, de idas ao Fórum, ao juizado", explicou Moisés Ferreira.



Uma das filhas do idoso o acompanha até o (Fato: Reprodução/TV Bahia)

Marília Carvalho, também neta do aposentado e advogada, contou sobre os dias de estudo com o avô.

"Eu pego uns casos e ele discute comigo. Estuda até de madrugada. Me traz livros para poder discutir as teses. Então, ele ama o que ele faz. Ele vai ser muito feliz e muito atuante na profissão", disse Marília Carvalho, neta.

Mesmo com o final do terceiro curso superior, Valter Ferreira ainda tem planos para o futuro acadêmico. Ele contou que pretende passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), para poder atuar na profissão, e que tem vontade de fazer um curso de especialização na área.

"Meus planos são de primeiro tentar fazer o exame da OAB, para passar, e também fazer um curso de especialização em direito do trabalho. Eu vivo para ajudar a quem precisa. Por isso eu estou aqui", revelou.

TEXTO 19

Aos 87 anos, imigrante italiana conclui faculdade e emociona em cerimônia de formatura.

Luísa Valencic Ficara escreveu trabalho de conclusão do curso de nutrição inteiro à mão. Cerimônia foi realizada na semana passada, em Jundiaí, onde imigrante vive há 40 anos.

Por Ana Carolina Levorato e Fernanda Szabadi*, G1 Sorocaba e Jundiaí



Idosa, de 87 anos, se formou em nutrição em faculdade de Jundiaí — Foto: Artfinal Eventos/Divulgação



Aos 87 anos, imigrante italiana conclui faculdade e emociona em cerimônia de formatura

Os cabelos branquíssimos e o sorriso tímido de uma formanda chamaram a atenção de quem estava na colação de grau de estudantes de nutrição do Centro Universitário Padre Anchieta, em Jundiaí (SP).

Ao andar pelo palco para pegar o diploma, Luísa Valencic Ficara, de 87 anos, foi aplaudida de pé pelo público que acompanhava a cerimônia.

"Fui contente por terminar a minha tarefa. Achei que fosse ficar nervosa quando fosse receber o diploma, mas na hora estava bem calma", lembra.

Dona Luísa, como é conhecida, nasceu na Itália e veio para a América do Sul no período da Segunda Guerra Mundial. Morou em três países sul-americanos até se mudar para Jundiaí, no interior de São Paulo, onde vive há 40 anos.

Após a morte do marido e da irmã, a idosa conta que decidiu "ocupar a cabeça" e, por isso, se matriculou na faculdade.

"Não adianta ficar em casa que começam as dores. Dores crônicas, dores de saudade. Ter a casa vazia traz tudo isso."



Dona Luísa emocionou colegas e professores na colação de grau em Jundiaí — Foto: Artfinal Eventos/Divulgação

Surpresa

Dona Luísa diz que ainda lembra da expressão de surpresa do restante da turma quando entrou na sala de aula. "Eu me matriculei quando o curso já tinha começado. Quando cheguei na sala a turma ficou meio espantada. Eles devem ter pensado: 'O que essa velha quer?'. Com o passar do tempo fui vencendo a vergonha, fiz amizade com os professores, mas o 1º ano foi o mais difícil."

Após seis anos de curso - por conta de algumas disciplinas que ela teve que refazer - a imigrante conseguiu o tão sonhado diploma. Na cerimônia não havia nenhum parente da idosa, que mora sozinha, mas isso não diminuiu sua alegria. "Ganhei muitos abraços do mestre de cerimônia e da turma toda. Foi lindo", diz.

Rachel Ciaramella da Silva acompanhava a colação de grau de uma prima quando se surpreendeu ao ver todos de pé para aplaudir Dona Luísa.

"Foi muito emocionante. Quando ela entrou, todo mundo ficou de pé e eu fiquei sem entender muita coisa, mas assim que a vi já que toda aquela homenagem era um presente para o esforço dela. Imagine, 87 anos e se formar na faculdade. Tem que comemorar", comenta a dona de casa.



Luísa Valencic, de Jundiaí, na apresentação do trabalho de conclusão de curso — Foto: UniAnchieta/Divulgação

TCC escrito à mão

A persistência da italiana que venceu a barreira da timidez é vista também no seu trabalho de conclusão de curso sobre a cana-de-açúcar no Brasil.

Além de impressionar com sua dedicação às aulas, a idosa também surpreendeu ao escrever o TCC inteiro à mão. "O que me maltratou um pouco foi que eu não sabia nada de computação", conta. Foram os funcionários da faculdade que ajudaram a idosa a digitar todo o trabalho para ser apresentado à banca.

"A experiência de orientá-la demonstrou que para educar é preciso aprender. Cada nova situação é um novo aprendizado e quem mais saiu ganhando, na minha percepção, é o educador que se abre para entender seu educando", afirma a orientadora do projeto, Valéria Campos.



Idosa, de 87 anos, se formou em nutrição em faculdade de Jundiaí — Foto: Fernanda Elnour/TV TEM

Pós-graduação

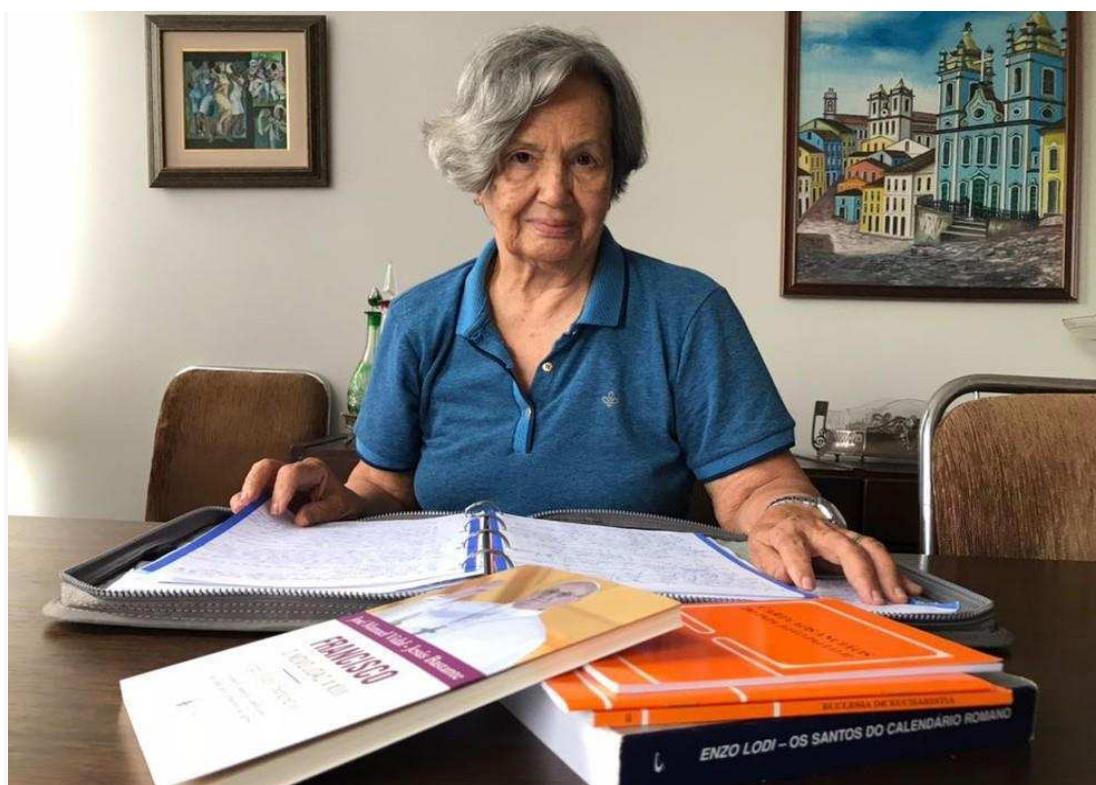
Mesmo com o diploma em mãos, nos planos de dona Luísa não está parar de estudar tão cedo. A idosa - que também escreve poemas e frequenta aulas de alemão, inglês e francês - já pensa em ingressar na pós-graduação.

TEXTO 20

Aos 86 anos, estudante do DF termina 2ª graduação e faz planos: 'Já estou na pós'.

Amélia Diniz é formada em filosofia e concluiu curso superior de teologia. 'Quero aproveitar a vida da melhor maneira que eu puder', diz.

Por Marília Marques, G1 DF



Amélia Diniz, aos 86 anos, concluiu, esta semana, a segunda graduação — Foto: Marília Marques/G1

Aos 86 anos, a aposentada Amélia Diniz exibe com orgulho a pilha de livros e cadernos preenchidos com o capricho típico de uma aluna aplicada. A estudante está prestes a se formar em teologia, a segunda faculdade concluída após um intervalo de mais de 60 anos. A formatura será nesta quarta-feira (21) em Brasília.

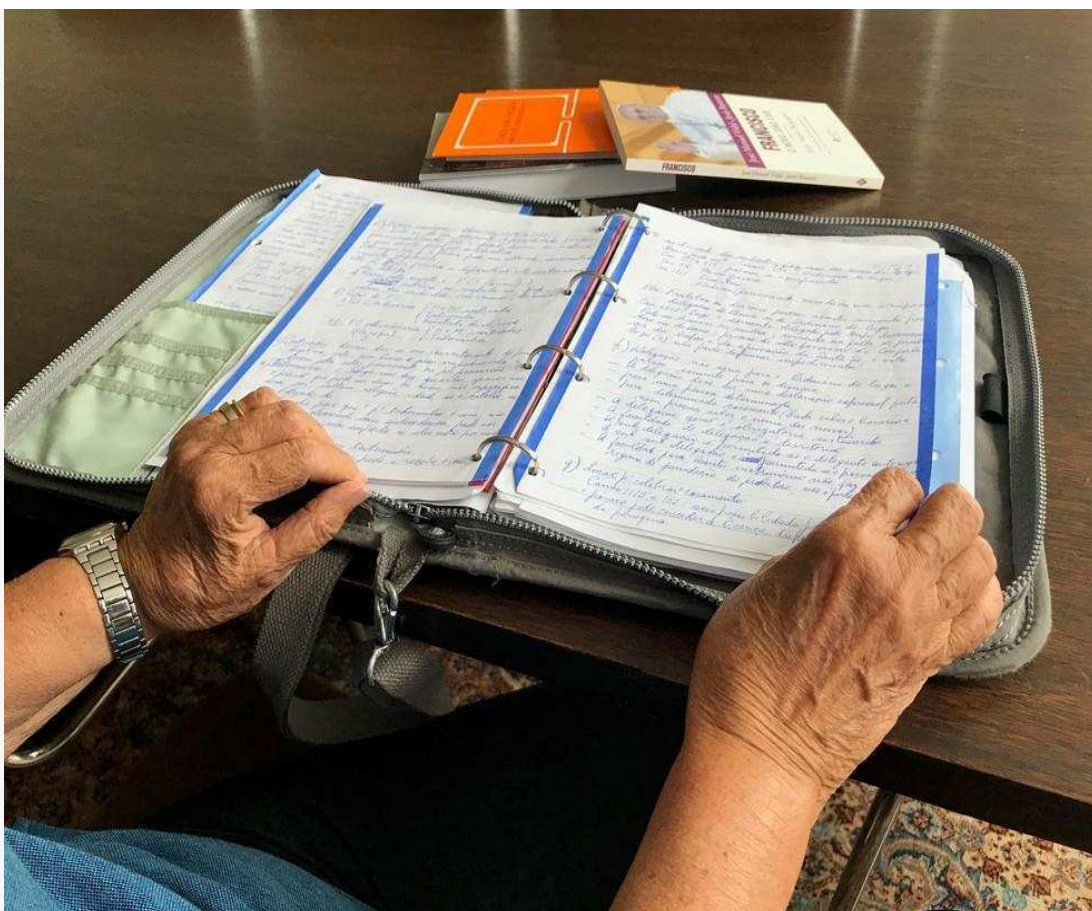
Antes mesmo de pegar o diploma, a idosa já decidiu os próximos passos. Amélia, que também exerce os papéis de mãe, avó e bisavó, se matriculou em uma pós-graduação noturna e agora pretende voltar às salas de aula pelo menos duas vezes na semana.

"Me sinto muito honrada em ter concluído. Quero aproveitar a vida da melhor maneira que eu puder."

Um dia antes da tão sonhada formatura, Amélia recebeu o **G1** em sua casa. À reportagem, ela contou que sempre se dedicou aos estudos e foi aprovada com a nota 9,5 no Trabalho de Conclusão do Curso, o "temido TCC", brinca. O tema escolhido para o artigo foi a relação entre o Papa Francisco e a Igreja Católica.

Amélia conta ainda que no início do TCC escreveu grande parte do texto à mão, em folhas de papel. Mas mesmo sem dominar o uso do computador acabou optando por trocar o meio analógico pela tecnologia.

"Comecei escrevendo tudo à mão, mas errava muito e rasgava a folha. No computador, tinha a vantagem de ir escrevendo e consertando, mas sou pé na esdigeitação."



Amélia mostra caderno usado durante curso de teologia — Foto: Marília Marques/G1

64 anos depois...

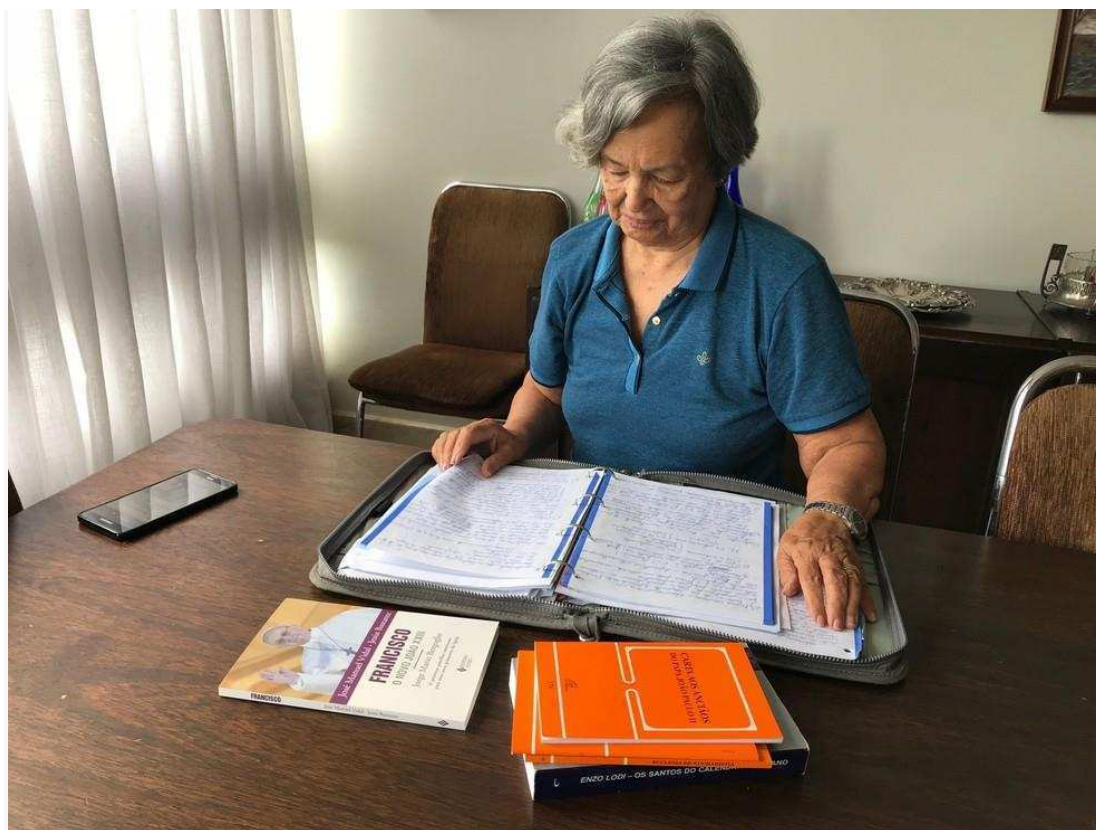
A decisão de prestar vestibular, depois de 64 anos sem estudar, veio após a morte do marido. Amélia já era formada em filosofia, curso que fez no Rio de Janeiro em 1950. Naquela época, a primeira opção, segundo a

bisavó, era estudar matemática, mas por decisão do pai, teve que abrir mão da área de exatas.

Antes de escolher voltar a estudar, Amélia diz que a rotina em casa era dividida entre desafios de lógica – sudoku – e jogo de buraco no tablet. "Não rendia nada." A inscrição no vestibular – há quatro anos – foi feita sem o conhecimento de nenhum dos sete filhos. "Só contei para minha irmã."

"Quando meus filhos chegavam para me visitar, eu jogava os livros embaixo da mesa."

Amélia diz que estudou "o suficiente" para conquistar a aprovação. "Tinha medo de não ser aprovada, mas no dia do vestibular, minhas filhas chegaram em casa e tive que pedir que me levassem para fazer a prova", conta.



Aos 86 anos, Amélia concluiu curso de graduação em teologia — Foto: Marília Marques/G1

O vestibular

Sorrindo, a teóloga recém-formada conta que fez a prova do vestibular confiante. "Esperava que poderia passar". Amélia também contou com uma forcinha dos céus. A aposentada confessa que ao saber da aprovação, fez uma novena à Nossa Senhora e, na promessa, pediu saúde e disposição para concluir os quatro anos de estudo.

"Talvez Ela [Nossa Senhora] tenha vacilado um pouco com a minha saúde", brinca ao dizer que convive com tonturas frequentes. "Mas os

professores foram 100% comigo. Meus colegas eram atenciosíssimos e sempre chegavam com um cafezinho e copo d'água", diz.

"Passei muito tempo dedicada à faculdade, não fazia outra coisa de tarde. Só interrompia quando meus filhos chegavam, porque nunca deixei que o estudo prejudicasse meu relacionamento com eles", conta orgulhosa.

Inspiração

Na família, Amélia é vista com uma inspiração. Renata Diniz, uma das 14 netas da aposentada, diz que a avó é "muito aplicada" e foi uma excelente aluna na graduação. "Sei que ela era muito elogiada."

Ao **G1**, a servidora pública afirma, no entanto, que apesar da extrema de dedicação da avó, Amélia nunca deixou de receber a família no tradicional almoço de domingo. "Em época de prova ela vivia cansada, do tanto que estudava, mas sempre encontrava tempo", relata.

Já formada, Amélia agora diz que aconselha às amigas a dar continuidade aos estudos.

TEXTO 21

Com apoio das filhas, idosa supera barreiras para concluir curso superior no PI.

Zilma Ferreira está no 9º período do curso de direito e tem planos de atuar na área de direito previdenciário. Idosa voltou a estudar depois de criar as filhas.



Zilma Ferreira conta com apoio das filhas para realizar o sonho de ser tornar advogada. — Foto: G1 / PI

A estudante universitária Zilma Ferreira, 61 anos, superou barreiras para realizar o sonho de se formar em direito. A idosa criou duas filhas sozinha, trabalhando informalmente e depois de anos longe dos livros, contou com o apoio delas para voltar a estudar e ingressar no ensino superior em uma faculdade particular de **Teresina**.

Zilma interrompeu os estudos quando tinha 17 anos por conta da primeira gravidez. Ela contou que foi abandonada pelo marido e teve que criar a filha sozinha. Trabalhou de forma informal durante muitos anos para garantir que as filhas pudessem estudar, conseguir uma formação e uma carreira.

Depois que as filhas casaram, Zilma foi morar em um sítio onde fazia trabalho rural. “Quebrei minha coluna inteira com isso. Fiz duas cirurgias na coluna, tenho mais duas para fazer. Foi aí que desisti e decidi estudar”, contou ao **G1**.

Apoio das filhas foi fundamental

Ela prestou vestibular para o curso de direito em uma faculdade particular de Teresina e contou com o apoio das filhas, uma fonoaudióloga, de 30 anos, e uma empresária, de 43 anos, para ajudarem nas despesas e contribuírem para seus estudos.



Zilma cursa direito em uma faculdade particular de Teresina — Foto: G1 / PI

“As duas me ajudam. Uma delas paga metade da mensalidade. A outra metade eu consegui fazer o financiamento para pagar depois que terminar o curso. Eu também vendo ovo de galinha caipira para conseguir uma renda extra”, explicou Zilma.

Atualmente cursando o 9º período, a idosa aguarda pela formatura no início do próximo ano. “Foi muito sofrimento chegar até aqui. Quando olho para trás vejo o tanto que lutei e isso é como uma luz no fim do túnel. Sinto que fez a diferença eu ter decidido fazer o curso e pretendo trabalhar com direito previdenciário para ajudar pessoas necessitadas”, declarou.

Zilma conta que não vê a idade como uma barreira e revela que tem muita disposição e planos para o futuro. “A gente vem nessa vida para deixar algum legado e eu ainda espero fazer isso usando o que eu aprendi no curso. A mulher é muito forte, não tem nada de sexo frágil. Ela pode dar à luz, criar os filhos e ainda correr atrás do que quer”, finalizou.

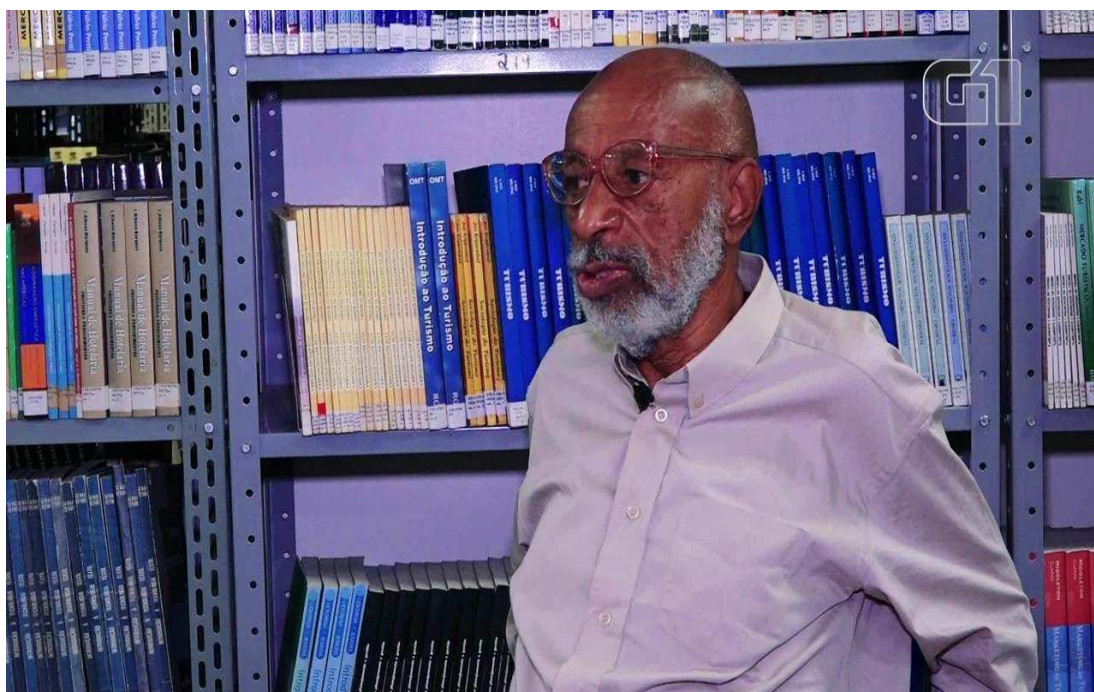
TEXTO 22

Idoso se forma em História aos 79 anos; trajetória do aluno inspira universidade do RJ, que cria projeto de alfabetização.

Valdir de Lima aprendeu a ler e escrever com mais de 65 anos, após assistir às aulas do Telecurso 2000 pela televisão.

Por Patricia Teixeira, G1 Rio

Idoso se forma em História aos 79 anos e sua trajetória inspira instituição de ensino



Idoso se forma em História aos 79 anos e sua trajetória inspira instituição de ensino

"Eu quero ser uma pedra bruta, não quero ser uma pedra lapidada, não", diz Seu Valdir de Lima, com os olhos marejados. Aos 79 anos, ele acaba de se formar em História, no Rio de Janeiro, após quase 8 anos se revezando entre a rotina da sala de aula da universidade e do hospital onde sua falecida mulher esteve internada por boa parte do tempo em que ele estudou.

A "lapidação", a qual Seu Valdir se refere, não cabe diante de sua trajetória. Ele só aprendeu a ler e a escrever com mais de 65 anos, após assistir às aulas do Telecurso 2000 pela televisão. "Sou autodidata", define-se. Hoje, ele exhibe com orgulho os documentos que comprovam sua alfabetização e graduação tardias.

Durante a conversa, Seu Valdir pega as radiografias para mostrar as imagens de suas costelas quebradas após um tombo. Ele chora, diz que sua vida foi marcada por dores, mas reforça que nunca abandonou a faculdade por causa da saúde.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA ADJUNTA DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
SUPERINTENDÊNCIA DE ENSINO
COORDENAÇÃO DE ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

REQ.: P 1290

COMPROVANTE DE HABILITAÇÃO EM EXAMES SUPLETIVOS
VALDIR DE LIMA

Filho(a) de: EDUARDO PINTO LIMA
e de: ANTONIA DOS SANTOS
nascido(a) em: 31/03/41
doc. identidade: 01545522-3 IFF RJ
inscrição: 130322012530
foi habilitado(a) nas disciplinas de Ensino M E D I O nos EXAMES SUPLETIVOS RJ.

DISCIPLINAS	DATA DO EXAME	ESTADO	CES
LÍNGUA PORTUGUESA	11 / 03	RJ	
LITERATURA BRASILEIRA	11 / 03	RJ	
GEOGRAFIA	11 / 03	RJ	
BIOLOGIA	11 / 03	RJ	

HABILITADO(A) EM 04(quatro) DISCIPLINAS

SERA CONSIDERADO APTO A RECEBER O CERTIFICADO O CANDIDATO QUE CONCLUIU 09 (NOVE) DISCIPLINAS DO ENSINO M E D I O.

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2004

Nair Metropolo
Nair Metropolo
Diretora de Divisão
Matr. 881.375-2

COORD. DE ENSINO DE JOVENS E ADULTOS - SEE/RJ

Rua da Ajuda, 8 - 28º andar - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22040-000.
Telefone: (021)299-3799 - Telefax:(021)2993797 / 299-3805

Seu Valdir fez as provas de supletivo oferecidas pelo Governo após aprender a ler e a escrever apenas assistindo às aulas do Telecurso 2000, pela televisão — Foto: Patricia Teixeira/G1

"Estudei com minha esposa doente, ela teve que tirar um rim, depois faleceu. Foram 56 anos juntos. Eu quebrei as costelas, fiquei diabético, agora apareceu uma síndrome que não quis saber o que era, mas sempre frequentei as aulas. Foi assim a minha vida", ressalta.

Em sua infância, inserida no período da Segunda Guerra Mundial, Seu Valdir não teve a oportunidade de estudar numa escola. "Minha mãe não se preocupava com isso", relembra. Aos 13 anos, ele já trabalhava para

ajudar a família. Atuou em serviços de lapidação, foi supervisor de uma gráfica, motorista profissional e carregador no Cais do Porto. Tudo isso sem passar por nenhuma humilhação por ser analfabeto, ele garante.

"Naquela época, só precisava de um pouco de cabeça para ganhar dinheiro. Mas sempre comprei revistas, jornais, livros. Minha mulher e meus filhos me ajudavam a ler. Foi assim que me apaixonei por História, lendo a história das pessoas, dos lugares", rememora.



Após quase 8 anos na rotina da universidade, Seu Valdir se formou em História no dia 22 de março pela Estácio de Sá — Foto: Arquivo Pessoal

Seu Valdir se formou pela Universidade Estácio de Sá no dia 22 de março deste ano, com mais de duas mil pessoas na cerimônia de colação de grau. "Eu estava muito emocionado. Levantei o canudo como se estivesse levantando uma bengala, foi libertador, uma grande satisfação".

O convívio com jovens, durante o tempo da faculdade, foi uma experiência feliz para ele. "Eu era o único Seu Valdir", diz, soltando uma gargalhada. "Ficava muito à vontade com eles. Eu falava que eles podiam falar palavrão que eu não ligava. Se eu fosse um rabugento, ninguém ia me querer por perto".

TEXTO 23

Idoso entra para universidade e sonha em dar aulas na escola onde trabalha de vigia.

Manoel Castro dos Reis, 60 anos, começou a estudar história na Universidade Federal do Tocantins. Ele conseguiu a vaga depois de fazer o Encceja e o Enem.



Idoso volta a estudar história após quase 50 anos com o sonho de ser professor

Com o sonho de ser professor, Manoel Castro dos Reis, de 60 anos, voltou a estudar depois de quase 50 anos longe da sala de aula. Ele fez a prova do Encceja e conseguiu a nota necessária para ganhar o certificado do ensino médio e no Enem alcançou a nota para entrar no curso de história. Ele é vigia de uma escola em Araguaína e agora quer trocar as chaves do portão pelo giz e os livros.

Quando era criança, Reis precisou mudar de cidade aos 13 anos e teve que sair da escola. Desde então, ele não conseguiu mais voltar a estudar. Agora a sua nova rotina é seguir para a Universidade Federal do Tocantins logo depois de seu expediente na Escola Municipal Tereza Hilário Riberio. E quando se formar ele quer continuar na escola, mas em outra função.

“Ministrando aulas em breve, daqui a quatro anos, da faculdade para a escola onde trabalho como vigilante noturno. Eu quero ser professor aqui”, comentou.



Manoel, aos 60 anos, cursa história na Universidade Federal do Tocantins — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

Ele está empolgado com os estudos e diz que ainda não consegue acreditar que está na faculdade.

"A ficha ainda não caiu. Eu ainda estou vislumbrado, pasmo e admirado. Mas está sendo muito gratificante."

Além de estar construindo o sonho de se tornar professor, Reis também vive a experiência de estudar na mesma universidade que o filho. Ítalo Castro foi aprovado para o curso de química e agora compartilha os corredores da faculdade com o pai.

"É muito gratificante ver ele como aluno, conseguindo realizar o sonho dele", disse o filho.



Manoel divide os corredores da universidade com o filho — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

Além de aprender, ele também tem a oportunidade de contar histórias da época que já viveu e que contribuem para aula.

"O professor mostrou onde a gente podia fazer pesquisas e de um exemplo: 'como pesquisar as roupas que as mulheres usavam na década de 70.' Aí eu disse: 'isso não preciso pesquisar professor, eu me lembro como a minha namoradinha se vestia'", brincou.

Seu Manoel ainda tem alguns anos até a formatura, mas na escola em que trabalha já consegue enxergar o futuro dentro da sala de aula sendo chamado de professor.



Manoel trabalha como vigia na escola — Foto: Reprodução/TV Anhanguera



Manoel sonha em ser professor quando terminar a faculdade — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

TEXTO 24

Aos 90 anos, idoso encara banco da universidade para cursar arquitetura e urbanismo em Ribeirão Preto, SP.

Carlos Augusto Manço diz que não falta às aulas e que resolveu fazer o curso para aperfeiçoar conhecimentos. 'A cabeça está aprendendo a aprender', diz.

Por Leonardo Rodrigues*, G1 Ribeirão e Franca



O aluno Carlos Augusto Manço se dedica aos estudos mesmo de férias da faculdade em Ribeirão Preto (SP) — Foto: Leonardo Rodrigues/G1

No início de 2018, o desenhista de projetos Carlos Augusto Manço resolveu voltar aos bancos da escola, em Ribeirão Preto (SP). Aos 90 anos, fez vestibular, foi aprovado e se matriculou no curso de arquitetura e urbanismo. No primeiro dia de aula, despertou a curiosidade dos colegas e passou a ser o aluno mais querido da classe e também o mais presente.

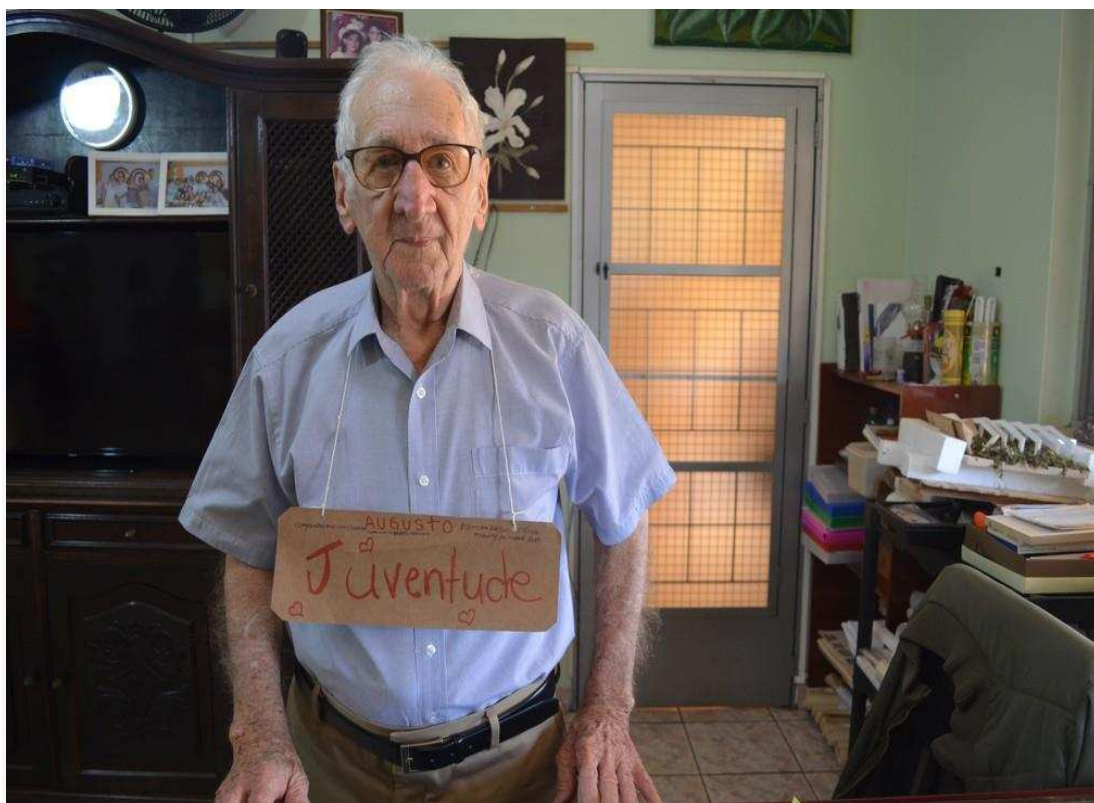
Voltar ao mercado de trabalho não está nos planos do vovô Manço, mas a disposição e o empenho nos estudos são um exemplo para muitos novinhos.

“A cabeça está aprendendo a aprender. Você para de estudar e a cabeça fica meio dura, mas o cérebro funciona bem. Se não funcionar, você está morto”, diz.

A escolha

Depois de trabalhar por mais de 35 anos no Hospital das Clínicas (HC) de Ribeirão Preto como desenhista de projetos e estar há quase 25 anos aposentado, Manço decidiu fazer faculdade. Foi ele quem ajudou a projetar grande parte da estrutura do hospital que existe até hoje.

“Eu já vinha ensaiando, eu não sei explicar. Eu estava acomodado. ‘Por que eu vou esquentar a minha cabeça se não precisa?’ Agora, tomei coragem e fui. Vamos ver se aguento completar esses cinco anos. Eu achei que podia fazer, que ia saber fazer, eu achei que ia ser fácil, mas dancei.”



Como calouro, Carlos Augusto Manço ganhou uma plaquinha dos veteranos de 'bixo' ao começar o curso de Arquitetura em Ribeirão Preto (SP) — Foto: Leonardo Rodrigues/G1

Desenhar não é algo que Manço gostasse desde a infância, mas ele conta que a habilidade surgiu da necessidade. Após servir no Exército e voltar a Ribeirão, aprendeu a desenhar e conseguiu um emprego no Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto (Daerp), lugar onde conheceu a mulher, com quem teve dois filhos.

“Quando você fica muito velho, sem profissão, você dá um jeito. A que vem você pega. Como eu saí do Exército com 19 anos e não tinha uma profissão, eu consegui uma vaga no Daerp e aprendi a desenhar lá.”

Antes de se decidir pelo curso hesitou entre arquitetura e biologia, já que tem paixão por orquídeas. Até pensou na hipótese, mas desistiu e

preferiu aprimorar seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida profissional.

Depois de decidir qual curso fazer, Manço prestou vestibular no centro universitário Barão de Mauá. Teve que escrever um texto sobre consumismo na prova e não achou a tarefa muito fácil.

“Tive que fazer vestibular e foi muito difícil. A pergunta foi sobre a mania de gastar de dinheiro. Custei para desenvolver a tese do negócio, mas foi bem, o pessoal aceitou bem. É difícil escrever sobre algo que você está acostumado a fazer. Eu achei sacanagem.”

O retorno

Aprovado e matriculado, era chegado o início da jornada estudantil. Manço conta que foi bem recebido na faculdade e que tem a atenção dos professores e dos alunos, além de um bom relacionamento.

“Eu sou bem atendido por aquela turma. Aqueles meninos me tratam bem também, molecada boa. Eu fiquei meio esquisito no meio da turma, porque você vê tudo meninos com cerca de 20 anos. Todos queriam conversar comigo, cumprimentavam. Agora o negócio está indo bem, estou mais relaxado. As matérias que eles estão aprendendo eu já sei. Eu consigo me adiantar um pouco mais.”



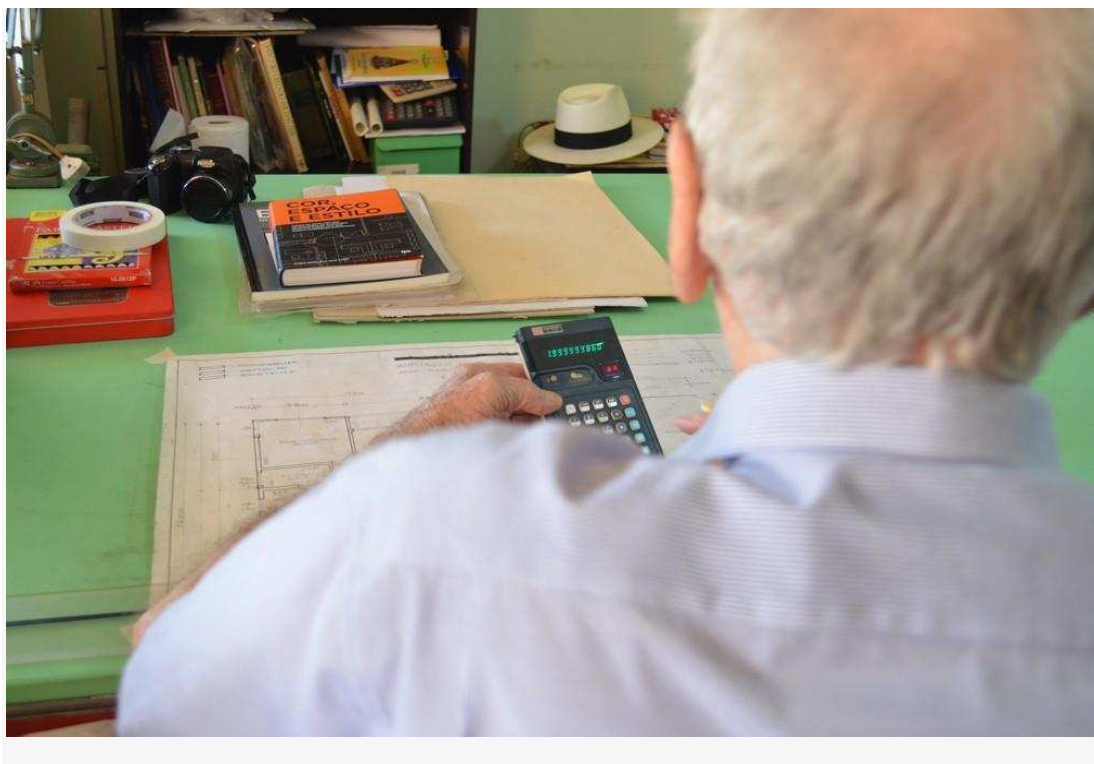
Augusto conta que teve dificuldades no início do curso de arquitetura em faculdade de Ribeirão Preto (SP) — Foto: Leonardo Rodrigues/G1

A convivência e os anos de experiência levaram Manço a se tornar uma espécie de consultor, quando o assunto debatido em sala é conhecido dele. Ele oferece ajuda quando um colega ou outro precisa.

”Eu tenho paciência com eles, eles não me tiram do sério, não. De vez em quando eu dou uma ajudinha sim. Eu até perguntei para a direção se eu podia ensinar algumas coisas se precisassem e eles disseram que não tinha problema e que eu poderia ensinar. Eu não posso é fazer para eles, mas ajudar sim.”

De acordo com o estudante universitário, os livros têm uma linguagem diferente daquela a que ele estava habituado na juventude. Ele conta que teve dificuldades em algumas matérias da grade, como ‘Tecnologia das Construções’ e ‘Metodologia Científica’. Em uma das provas que fez, errou quase todas as questões.

“A primeira prova que eu fiz de material reciclável errei todas as perguntas. Eu não tinha pegado o papel onde tinha a matéria e depois eu fiz uma prova oral com a professora. Quando eu estava no começo, eu perguntei se tinha errado tudo e eles disseram que sim, eu tinha errado tudo.”



Carlos Augusto Manço, de 90 anos, se dedica aos estudos depois que começou o curso de arquitetura em faculdade de Ribeirão Preto (SP) — Foto: Leonardo Rodrigues/G1

Ao saber dos erros, ele redobrou os estudos, pegou o texto indicado pela professora e refez a prova. “A professora me disse ‘ainda bem que você estudou, Augusto’”, lembra.

O volume de conteúdo é grande, mas Manço já dá conselhos aos estudantes e estabeleceu uma rotina de estudos para não deixar nada pendente. No entanto, alguns trabalhos ainda passam batido e os professores não fazem corpo mole.

“Eu falo para uma das professoras que ela fala tanto em uma aula que dava para escrever metade de um livro. Eu já tomei bronca, tomo

bronca toda hora. Eles falam ‘você deixou para amanhã, né Augusto?’. Se você deixa para amanhã, você não faz. Antes os desenhos eram feitos a mão com uma ‘canetinha especial’ e hoje é tudo no computador. Me parece que isso vai ser eterno, ninguém vai voltar a fazer desenho em papel vegetal.”



Os quadros na parede foram pintados por Augusto e a esposa em Ribeirão Preto (SP) — Foto: Leonardo Rodrigues/G1

Paixão

Manço conta que a cada desenho que cria coloca amor. Segundo ele, é necessário gostar muito do que faz para que seja um bom trabalho.

“Se eu vou fazer uma casa para quem quer que seja, eu tenho que colocar meu amor, meus sentimentos, minha vibrações. As paredes vão refletir aquilo para os novos proprietários. Não adianta você fazer uma casa que a pessoa não se sinta bem dentro.”

Além dos desenhos, Manço ainda tem gosto por pintura e junto com a esposa, que morreu depois de sofrer um acidente vascular cerebral (AVC) há cerca de um ano, fez os quadros que decoram a sala da casa onde vive.

Mercado de trabalho

O estudante diz que não pretende voltar ao mercado de trabalho e que já até lhe ofereceram uma vaga de estágio, mas recusou já que o trabalho lhe tiraria o tempo que dedica aos estudos.

“Até posso abrir um escritório de associados com outras pessoas, mas eu não vou ocupar o lugar deles. Já está difícil para eles [jovens], mais um ocupando fica mais complicado ainda”, diz.

TEXTO 25

Idoso realiza sonho, cursa educação física com os filhos e afirma: 'Quero ajudar outros idosos a terem qualidade de vida'.

João Carlos da Silva tem 63 anos, não é aposentado e tira parte do sustento da família vendendo doces há 33 anos em frente a um colégio de Caruaru, no Agreste de Pernambuco.

Por Amanda Lima*, G1 Caruaru



João Carlos na sala de aula ao lado dos filhos Ronaldo e Jeovanny, em Caruaru — Foto: João Carlos da Silva/Arquivo Pessoal

O vendedor João Carlos da Silva, de 63 anos, cursa educação física junto com os filhos Ronaldo Carlos da Silva, de 20, e Jeovanny Carlos da Silva, de 26 anos. Para ele, ter a oportunidade de obter uma segunda graduação é a realização de um sonho. No entanto, o idoso não pretende parar por aí e já pensa no futuro: ingressar em uma pós-graduação.

"Vou fazer uma especialização em geriatria para trabalhar com pessoas idosas. Esse é o meu foco. Eu quero manter o corpo e quero ajudar outros idosos a terem qualidade de vida e motivar jovens", afirmou João Carlos.

A primeira graduação do idoso foi em pedagogia, em 2011. No entanto, é como vendedor que ele tira parte do sustento da família. João Carlos não é aposentado e trabalha vendendo doces há 33 anos em frente a um colégio público de Caruaru, no Agreste de Pernambuco.



João Carlos trabalha vendendo doces em frente a um colégio de Caruaru — Foto: João Carlos da Silva/Arquivo Pessoal

Apesar de ter se formado no ensino superior há sete anos, a luta do idoso para ingressar em uma faculdade começou bem antes. Após concluir o Ensino Médio, nos anos 90, João foi aprovado em alguns vestibulares, mas, por falta de dinheiro, precisou adiar a conclusão do curso.

Em 2007, com o dinheiro que juntou com o trabalho, e por meio do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), João Carlos conseguiu voltar para a faculdade e se formar como professor. Mas o objetivo era maior. "Decidi fazer educação física para realizar meu sonho de continuar ensinando. Quando estiver formado, estarei com quase 70 anos, mas ainda estou em uma boa forma", ressaltou.



Ronaldo e Jeovanny sempre vão para a academia acompanhados do pai, João Carlos — Foto: João Carlos da Silva/Arquivo Pessoal

Além de cursar educação física, o vendedor mantém uma rotina intensa de treinos e musculação. Frequentar a academia foi o que motivou o idoso a querer ter um segundo diploma. Os filhos também treinam junto com João.

"Pra mim é um sonho mesmo. Estar estudando com os meus filhos é maravilhoso", **João Carlos da Silva.**

Jeovanny, filho mais velho de João, afirmou ao **G1** que nunca imaginou estar realizando o sonho de ingressar na faculdade e ter o pai junto com ele. "Ele [o pai] sempre falou para mim: 'Estude para ser alguém na vida'. Sempre me inspiro nele. Quem o conhece sabe que ele é um cara batalhador".

Admiração das pessoas

Onde ele estuda, o fato atípico de ter um idoso em uma sala de aula, gera muita admiração por parte dos jovens estudantes. "Na faculdade, as pessoas me admiram, dizem que irão falar de mim como exemplo em casa" relatou.



João Carlos estuda na mesma sala que os filhos. Os três cursam Educação Física — Foto: João Carlos da Silva/Arquivo Pessoal

Na faculdade, João Carlos é extrovertido e interage sempre com todos os alunos. Na sala, ele disse que trata os filhos como iguais. "Em casa é que discutimos, fazemos trabalho juntos".

Incentivo da esposa

João é casado há 28 anos com a professora Evani Passos e tem três filhos. Segundo ele, a esposa é uma das maiores incentivadoras. "Ela é uma guerreira. Criamos os três filhos com o apurado dos confeitos. Ela trabalhou até os nove meses na gestação do nosso primeiro filho. Agradeço a Deus por ter colocado ela em meu caminho. Somos pobres financeiramente, mas somos felizes", declarou.



João Carlos é casado com Evani há quase 30 anos — Foto: João Carlos da Silva/Arquivo Pessoal

Em sintonia com o marido, Evani diz que ele é "companheiro e cúmplice". "A gente não sabe mais viver um longe do outro. João já demonstrou que posso contar com ele em todos os momentos da minha vida", afirmou a professora.

TEXTO 26

Após fazer matemática e física, idoso realiza sonho de cursar química na Ufac: 'faz a minha mente funcionar'.

Klinger Pinheiro, de 68 anos, também pretende fazer curso em Londres e terminar graduação em engenharia e línguas. Idoso diz que já sofreu preconceito, mas que não pretende parar de estudar.

Por Quésia Melo, G1 AC — Rio Branco



Aos 68 anos, Klinger Pinheiro decidiu cursar química porque não queria ficar em casa na ociosidade — Foto: Quésia Melo/G1

Aos 68 anos, o coronel do Exército aposentado Klinger Pinheiro afirma que não pensa em parar de estudar. Graduado em matemática e física pela Universidade Federal do Acre (Ufac), o estudante decidiu realizar o sonho de cursar química e já faz o 4º período do curso.

Pinheiro ingressou no curso de matemática ainda pelo vestibular. Porém, nas graduações seguintes ele fez o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Ele se formou em física há dois anos e, além do ensino superior na Ufac, também tem graduação e mestrado em ciências militares pela Academia Militar de Resende, no Rio de Janeiro.

“Eu entrei em química porque não queria ficar em casa na ociosidade. Eu sentia que a cada dia ficava mais esquecido e percebi que não podia

parar de estudar, pois é isso que faz a minha mente funcionar, não tem outra maneira. Eu tinha que estimular meus neurônios. Eu me sinto bem, não penso em parar”, afirma.

Preconceito

Apesar de receber apoio dos colegas, o estudante relata que também já sofreu preconceito devido à idade. Pinheiro relata já ter ouvido que deveria ficar em casa e que após 50 anos não se aprende mais nada.

“Na hora fiquei triste e desestimulado, mas agora já voltei ao normal. Mas, ouço as pessoas dizendo para eu ir para casa, cuidar da minha fazenda. Porém, o que as pessoas não entendem é que gosto das interações sociais, das amizades, do ambiente e de conviver com os jovens”, explica.

O aposentado conta ainda que chega a ouvir de colegas jovens que eles não possuem mais cabeça para os estudos. Ele conta que ao ouvir isso lembra que possui quase 70 anos e ainda pretende fazer estágios fora do país e tenta se manter motivado.

“Eu chego até a ser grosseiro às vezes com as pessoas, digo para não me falarem besteiras, pois tenho quase 70 anos e quero colocar minha cabeça para funcionar. Essa, eu tenho certeza, é a melhor maneira de afastar o Alzheimer. Alguns até dizem que estou tomando vaga de outras pessoas, mas não é isso, eu amo o que faço”, conta.



Estudante disse que já sofreu preconceito de outros colegas devido a idade, mas que ainda pensa em fazer outras duas graduações — Foto: Quésia Melo/G1

Sobre o futuro, ela afirma que cursou até o 3º ano de engenharia e quer terminar a graduação, mas, ao mesmo tempo, está em dúvida se também conclui o curso de língua estrangeira, pois já fez um estágio em Londres.

“Eu já esqueci um pouco na fase de línguas, então verifiquei a oportunidade de poder retornar para as aulas. No caso de Londres eu devo passar seis meses lá para fazer um curso, já está tudo planejado”, conta.

Para aqueles que se sentem desmotivados, Pinheiro aconselha a sempre lembrar que o conhecimento adquirido na universidade pertence apenas ao estudante que vai carregar com ele para sempre.

Para ele, a educação é o caminho para as pessoas que buscam adquirir riqueza econômica e social de forma digna.

“Adquirir riquezas de forma honesta é difícil. Então, o caminho mais rápido para quem não tem poder aquisitivo alto é o estudo. Não existe outro caminho. Para entrar na universidade tem que fazer o Enem e não é qualquer um que entra, pois, se fosse, todos estariam na faculdade. Tem muita gente que sonha em entrar, quem entra já é uma elite, então porque não dar valor a isso? É isso que as pessoas deveriam pensar sobre o estudo”, ressalta.

Redes sociais

A idade também não é empecilho para o estudante usar as redes sociais. Por ser da área de matemática e física, ela afirma que tem facilidade de lidar com aplicativos e que acha importante se manter inteirado sobre o que ocorre nas redes.

“A internet é um advento da área militar. Na época fazíamos a transmissão através de uma decodificação das mensagens. Hoje o computador faz isso, mas há 40 anos era a gente quem fazia. É importante para as nossas mentes de manter conectado, interagir e se manter atualizado”, destaca.